

VIDA, MODOS DE LER

Simone Pereira Schmidt

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS**

VIDA, MODOS DE LER

**Memorial de atividades acadêmicas para promoção ao topo
da carreira do Magistério Superior – Classe E (Titular de carreira)**

Simone Pereira Schmidt

Florianópolis, fevereiro de 2019.

Para Nage, Clara e Cecília, luzes da minha existência

Para Gabi, Athos, Fábio, Déia, amor e mais amor

Para Luíza e Tati, amigas de sempre

Para as seis mulheres fortes, que comigo formam o grupo das sete:
Vanessa, Miriam, Mirella, Jura, Sônia e Ana

Para Tânia, Maxi e Ângela, tão chegados, tão queridos

Para os colegas e amigos do Literatual: Claudia, Jair, Marcio e Rosana

Para as maravilhosas pessoas do Babel, do Coral, do Madrigal
e da Orquestra da UFSC, que enchem minha vida de música

*A nossa vida é inundada todo o tempo por essa família taciturna – a memória –
como Thatcher temeu que a cultura da Inglaterra fosse inundada pelos imigrantes.*

(Esse cabelo, Djaimilia Pereira de Almeida)

SUMÁRIO

Entre um porto e uma ilha.....	9
Entre mulheres.....	15
Entre as margens do Atlântico Negro.....	41
O exílio na pele.....	47
Do lado de lá do mar: Lisboa.....	50
De volta ao Brasil.....	55
No rastro da história colonial.....	68
Figurações de raça e gênero.....	90
Do lado de cá do mar: Rio de Janeiro.....	93
Mapas de memória.....	100
Um feminismo ao Sul.....	119
Entre tempos.....	135
Referência.....	143

Entre um porto e uma ilha

*Era Fevereiro e a infância sussurrava
na varanda eterna da casa antiga
onde como fogo aceso persiste a tua face.*

(“Aniversário”, Conceição Lima)

Como contar uma vida? Essa a pergunta que me perseguiu, desde que iniciei meu esforço para escrever este memorial. Como contar uma vida inteira? Alguns leitores poderiam pensar no exagero retórico da pergunta, no entanto, ela se configura para mim como meu primeiro desafio. Pois de fato, meu trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – este será o centro do meu relato, e tudo que desse centro decorre, se prolonga, ou o antecipa – constitui para mim uma vida inteira. Tudo o que sou hoje se constitui em torno deste trabalho, pois o percebo como um ponto de imbricamento entre as dimensões privada e pública de minha vida: o amor pela literatura, a paixão pela política, o interesse pelas pessoas e a defesa de seus direitos, tudo se cruza e se torna a razão do que fiz ao longo de 25 anos de UFSC e de vida, desde que, em 1994, atravessei a pequena distância que separa minha cidade de origem, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com pouca bagagem e minha filha Clara¹, minha pequena e grande companheira de seis anos pela mão, para me estabelecer definitivamente em Florianópolis. A distância geográfica, sim, era pouca, mas simbolicamente a mudança representava um corte profundo. Primeiramente com os desejos de minha mãe, que recusava esta separação, e também com minha cidade, o casamento que passava a se dividir entre duas casas e estados, os amigos, e tudo que até então realizara². Eu era apenas

1 Minha pequena Clara se tornou psicanalista e poetisa; no momento prepara o lançamento de seu primeiro livro de poesia, *Sereias súbitas*.

2 Minha carreira anterior, em Porto Alegre-RS, dividiu-se em dois momentos: o primeiro, dedicado ao magistério, quando atuei como professora de ensino fundamental e médio numa escola privada ¹ e depois em escolas da periferia da cidade, pertencentes às redes estadual e municipal de ensino ² (de 1981 a 1984); no segundo momento, atuei na área cultural, também nas esferas estadual (mais especificamente, na área de literatura da Casa de Cultura Mario Quintana, de 1984 a 1991) e municipal (na Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal da Cultura, de 1989 a 1993). Na Casa de Cultura Mario Quintana, realizei atividades de duas naturezas: de 1984 a 1990, ministrei, juntamente com meu colega Flávio Mainieri, oficinas literárias gratuitas para um público amplo e diversificado de novos escritores ³. De 1990 a 1991, coordenei o Núcleo de Literatura da CCMQ, programando e realizando as atividades literárias daquele então efervescente espaço cultural da cidade de Porto Alegre ⁴.

14 uma jovem professora cheia de vontade pelo trabalho para o qual acabara de ser concursada, plena de desejo pela beleza da ilha que vinha descobrir. Aceitei o exílio simbólico que esta mudança representava para mim, e me dediquei ao meu novo momento. Mais tarde, quando vim a conhecer as reflexões de Edward Said (2003) sobre o exílio, sobre a perspectiva contrapontística que ele percebe na experiência do exilado (2003, p. 46-60), identifiquei-me profundamente, porque acredito que tive minha vida marcada pela sensação de estar sempre entre dois lugares. Ou entre mais lugares, à medida que o mundo foi se abrindo para mim³. Ingressei na UFSC em janeiro de 1994. E aqui esta história começa.

Na Secretaria Municipal da Cultura, integrei a Coordenação do Livro e Literatura, que promoveu importantes seminários e debates na vida cultural da cidade, trazendo figuras proeminentes do cenário nacional e internacional como convidados, tais como Eric Hobsbawm, Nicolau Sevcenko, Marilena Chauí, José Saramago, Cornelius Castoriadis, etc ⁵.

3 Em 2014, vinte anos após minha chegada em Florianópolis, postei no facebook um pequeno texto que se refere à experiência do exílio. Postagem no facebook em 4 de novembro de 2014: <https://www.facebook.com/simone.schmidt.ufsc/posts/799821280060808:0>. Acesso em 3.09.2018.



Simone Schmidt

Almoço no sul da ilha. Conversa amena com o dono do restaurante. Me pergunta de onde sou, eu digo que do Rio Grande do Sul, mas que moro há 20 anos na ilha. Que não me acho mais gaúcha. Que me sinto pertencendo a este lugar aqui. Ele ri e me diz 'ah, mas se tu disser isso pra um mané, ele vai brigar contigo'. E eu penso que sim, eu sei. Lembro dos meus primeiros anos aqui, de como ser gaúcha era entrave pra muita coisa. Depois me revolto e penso, quem decide meu pertencimento? Quem pode dizer por mim a que lugar me sinto atada nesse vasto mundo de deus?

Mas respiro e me acalmo. Sim, ele tem razão. Não sou daqui. Também não sou mais de lá. E me vem à memória tudo que tenho lido e estudado sobre pertencer, não pertencer, ser, estar. Exílio é isso. Não ser daqui. Não ser de lugar nenhum. E isso, enfim, é mais do que uma condição; é um aprendizado. Said, meu mestre.

"Não me diga de onde eu sou, não sou, eu estou aqui!"
(a dupla Rosana e Zélia, nas 'Fronteiras Perdidas' de Aguaiusa)

Entre mulheres

*Trouxe o canto
Não é claro, mãe
Mas tem os pássaros certos
Para seguir a queda dos dias
Entre o meu tempo e o teu.*

(“Trouxe as flores”, Paula Tavares)

A área que assumi na UFSC, como professora de Literatura Portuguesa, era em tudo condizente com o doutorado que eu então realizava. Em 1993, havia ingressado no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, para desenvolver uma tese em literatura portuguesa. A orientadora que me acolheu, Maria Luíza Remédios, tornou-se uma pessoa importante neste rito de passagem tão significativo, que me conduzia da vida de jovem estudante à de profissional adulta. Maria Luíza⁴ foi uma figura tutelar em minha carreira, ao lado de outras mulheres que aqui serão destacadas como guias, guardiãs e mestras do meu caminho. Ao longo do processo de escrita da tese, enfrentei os desafios de estar iniciando uma carreira como professora de ensino superior, de morar sozinha com minha filha Clara em uma cidade ainda desconhecida, e, para aumentar os desafios, neste ano (1994), engravidei novamente, passando a viver intensamente o novo trabalho na UFSC, a tese que escrevia, e minha maternidade agora duplicada. Olhando daqui para trás, acho que tive bastante coragem, mas devo confessar que cumpri todos os compromissos com tanta empolgação, que tudo me pareceu relativamente simples.

É preciso também abrir espaço para um parêntese e um segredo: não sei se teria conseguido enfrentar todos os desafios dessa época, de aulas e descobertas numa cidade desconhecida, de horários loucos e desencontrados, com duas filhas pequenas, uma delas recém-nascida, de uma tese que escrevia apaixonadamente nas madrugadas, se não fosse a presença da Rita em minha vida. Ritinha dos Santos veio trabalhar em nossa casa nessa época, e me ajudou a cuidar de tudo, mas principalmente, das minhas filhas, Clara e Cecília. Ficou conosco por 22 anos. Pensando bem, Rita cuidou de mim, não só das meninas.

4 Maria Luíza Remédios, Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini, três mestras que me incentivaram a encontrar meu caminho.

20 Encantava-me o tema que havia escolhido para minha tese, bem como o *corpus* selecionado. E assim, dividir-me entre tarefas que amava profundamente foi um momento de grandes exigências, mas também de entrega prazerosa. Desde que ingressara no doutorado, eu tinha convicção do que pretendia trabalhar. Eu vinha de um longo mestrado onde tivera oportunidade de amadurecer acadêmica e pessoalmente, e me encontrava num momento em que já acreditava ser possível ‘atar algumas pontas’ da minha vida na escrita de uma tese. Explicando melhor, eu tinha convicções e atuação feministas desde a Graduação em Letras, ou seja, desde o início dos anos 1980. Àquela altura dos acontecimentos (1993), as teorias feministas e os estudos de gênero começavam a ganhar espaço na academia, de modo que julguei ser meu momento de traduzir academicamente aquilo que até então norteava minha vida civil. Lembro que, ao tomar conhecimento do projeto, Maria Luíza Remédios, que até então não conhecia a fundo esta temática, foi ousada e empática o bastante para abraçar comigo o desafio da proposta. A meio do trabalho, ela um dia aconselhou que eu me apressasse, antes que os temas feministas ‘saíssem de moda’... lembro que achei graça, pois vislumbrava desde então que tais temas, em meu caso, não tinham absolutamente a ver com tendências, mas eram, na verdade, questões enraizadas no mais profundo de mim. Eu cresci numa família de muitas mulheres, e elas dominaram a cena da minha formação pessoal⁵. Minha avó, minha mãe, minhas tias, guardavam dentro de si atitudes sutis de revolta, que me chegavam através de sinais às vezes pouco perceptíveis, ou em frases soltas que nunca

5 Quando, em minha juventude, conheci *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, espécie de saga mítica da formação cultural sul-rio-grandense, deparei-me com as imensas personagens femininas desta narrativa: Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Luzia... Entretanto, essas figuras antológicas da ficção fundadora de Verissimo, se me impactaram, não foram propriamente uma novidade, pois minha vida era já povoada, desde a infância, pelas figuras poderosas das mulheres da minha família. Fortes, firmes no querer e no dizer, leitoras cultas e desejosas de aprender sempre mais, amantes de poesia e música, de ciência, de política. Assim eram as mulheres da minha família, e entre elas, felizmente, eu cresci.

esqueci, como minha avó ensinando às filhas que estudassem para não depender de marido, ou minha mãe me mostrando sem querer sua mágoa e desconfiança em relação ao casamento. Carreguei esses sinais comigo, sem entendê-los com clareza; durante boa parte da minha vida, essa mágoa, essa desconfiança de minha mãe, ou mesmo a ingênua sabedoria da minha avó, foram para mim um enigma. Creio que passei toda a minha vida tentando decifrar os sentimentos dessas mulheres que me criaram. Especialmente minha mãe. E quando falo dela, não tenho nenhum pudor em dizer que foi a primeira e a maior figura tutelar de minha vida. Minha mestra, uma mãe imensa.

Só muito mais tarde, dando forma às minhas perguntas através das teorias que vim abraçar na vida política primeiro e acadêmica depois, é que fui decifrando os enigmas da minha formação, à medida que conseguia traduzir aquelas frases e atitudes das mulheres da minha família como uma revolta profundamente enraizada dentro da condição de vida que eram obrigadas, como mulheres, a enfrentar. Quando, há alguns anos, encontrei as palavras de Chimamanda Ngozi Adichie sobre o feminismo em sua vida e em sua formação, entendi com mais clareza como se deu a minha própria formação feminista ‘doméstica’. As palavras de Adichie:

Minha bisavó, pelas histórias que ouvi, era feminista. Ela fugiu da casa do sujeito com quem não queria se casar e se casou com o homem que escolheu. Ela resistiu, protestou, falou alto quando se viu privada de espaço e acesso por ser do sexo feminino. Ela não conhecia a palavra “feminista”. Mas nem por isso ela não era uma. Mais mulheres deveriam reivindicar essa palavra (ADICHIE, 2015, p. 49).

Foi a partir dessa primeira formação em casa, com as mulheres fortes da minha família (embora eu ainda não tivesse total consciência disso), que me senti desafiada a propor,



SCHMIDT, Simone Pereira. “Borges e Pessoa: uma perspectiva de comparação”.
In: SCHMIDT, Simone Pereira; et al. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1986, v. , p. 11-30.

22 em minha tese, uma discussão que falasse deste tema através das gerações. Procurei entender como se dava o desenrolar das implicações do gênero em décadas decisivas para o questionamento dos papéis de homens e mulheres na vida social, tais como os anos 50, 60, 70 e 80 do século XX. Formulei a tese de que o entorno dos anos 60 foi decisivo para a transformação do cenário cultural da época e para a redefinição da própria concepção de identidade e de sujeito, já que nessa década acontecem grandes transformações políticas e culturais, tais como as manifestações contraculturais de 1968, e em seu bojo a importância do surgimento de pautas como a feminista, pacifista, negra, ecologista, etc. Esta foi a hipótese que me moveu a escrever a tese: a do surgimento de novos sujeitos a partir das mudanças promovidas no entorno dos anos 60 – década, aliás, em que eu mesma nascera. Como meu foco era sobre a literatura portuguesa, tomei quatro romances como objetos de investigação: dois anteriores e dois posteriores ao período definido como ‘mônada’ de contorno de novos sujeitos no cenário contemporâneo. Os romances selecionados foram *A sibila*, de Agustina Bessa Luís (1954), *Aparição*, de Vergílio Ferreira (1959), *Notícia da cidade silvestre*, de Lídia Jorge (1984) e *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago (1989). Como se pode observar, há um recorte temporal muito preciso a separar os dois conjuntos de textos analisados, dos anos 50 aos anos 80, tendo como núcleo da discussão o período dos anos 60-70, onde ocorrem, como já mencionei, as profundas transformações decorrentes dos movimentos político-culturais dos anos 60, além da derrocada do regime salazarista no contexto português, com a revolução dos Cravos em 1974.

Defendida a tese ⁶ (que obteve nota máxima) em 1997, recebi em seguida o convite para publicá-la, o que foi para mim uma grande honra, não apenas pelo que significava a publicação de um trabalho ao qual dediquei muito esforço e em que pus minha convicção, mas também pelas pessoas que o honravam com seu aval: Regina Zilber-

man, coordenadora da Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Maria da Glória Bordini, professora do Programa, que indicou a tese para publicação na EDIPUCRS, e Laura Cavalcante Padilha, que prefaciou o livro. A publicação se deu em 2000, e o livro teve o mesmo título da tese: *Gênero e História no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*⁶. Escolho um trecho do prefácio escrito por Laura Padilha, para compartilhar aqui um pouco da indizível alegria que a tese e o livro me proporcionaram, do quanto me senti demarcando, possivelmente pela primeira vez, um lugar para mim no mundo, e de como foi importante encontrar acolhida na leitura dos outros – aqui representados na figura de Laura Padilha, sem sombra de dúvida uma das pessoas que viriam a se tornar as mais significativas em minha carreira:

O leitor de *Gênero e história no romance português* verá que, por significar a crítica também ela uma trama a tecer-se indefinidamente, na bela expressão da autora, ele se deve mobilizar para destecê-la e retecê-la, como Penélope, intuindo seus pactos, seus jogos de espelho, seus reflexos. Não por acaso se repete a mesma figura de mulher a escrever, meditativa. Tal figura, que abre as várias partes do texto, sendo sempre a mesma, a cada reaparecimento, é já uma outra, quando a lemos no contraponto reflexivo das epígrafes. Simone se coloca sempre assim no jogo de fora-dentro, ela também se reafirmando como um sujeito feminista, híbrido, fluido, “ex-cêntrico”. Tudo fica bonito demais por isso. (PADILHA, Laura. In SCHMIDT, 2000, p. 12).

E ainda gostaria de acrescentar mais um trecho de crítica ao livro, dessa vez em resenha publicada por Ana Paula Ferreira (Professora da California University – Irvine), na Revista *Estudos Feministas*:

6 SCHMIDT, Simone Pereira. *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. O livro foi indicado para o Prêmio Açorianos de Literatura – edição 2001, na categoria Ensaio de Literatura ⁷.



■ Nascimento Clara

(...) Diferentemente de estudos temáticos centrados tão só em romances de autoria feminina ou masculina, o trabalho de Simone Pereira Schmidt põe em movimento uma complexidade de perspectivas, não só ao nível de teorização como também de análise e de ilações histórico-literárias, confrontando textos de homens e mulheres dos anos cinquenta e dos anos oitenta. O resultado não é simplesmente “uma leitura”, outra mais, de textos particulares. É antes um exemplo da pluralidade de preocupações, e por conseguinte de enfoques, que a teoria crítica feminista elaborada a partir do anti-fundacionalismo pós-moderno traz à crítica literária, que equivale também a dizer à interpretação de processos históricos e culturais, neste caso portugueses. Estamos perante uma práxis feminista interdisciplinar guiada pelo objetivo de trazer para o centro dos estudos literários uma reflexão atuante em torno da política do gênero que lhes é inerente de forma profunda e difusa, mas não imutável. Daí (também) a importância de não valorizar enunciados ou figurações femininos ou masculinos, colocando-os em diálogo crítico ou, para usar o conceito bakhtiniano que engloba a metodologia do presente estudo, um “cruzamento” de vozes, de ideologemas, de tempos, espaços e locais de enunciação. O que oferece não poucas surpresas, se não à teoria crítica feminista *per se*, certamente ao entendimento de como o romance português contemporâneo é *locus* de codificação, transformação e reinvenção de identidades convencionais do gênero. (FERREIRA, 2001, p. 301).

Foi portanto pela porta da literatura portuguesa que eu ingressei na UFSC⁷. E se

7 Ao longo de minha carreira, permaneci sempre vinculada à literatura portuguesa, mesmo que o centro do meu interesse tenha se deslocado gradativamente em direção às literaturas africanas, sempre abordando questões pertinentes às teorias feministas e aos estudos pós-coloniais e decoloniais. Cabe lembrar que, ainda hoje, tenho orientando cujas pesquisas têm como objeto autores da literatura portuguesa. Comprovam também minha permanente ligação com esta área os inúmeros concursos públicos para docente de literatura portuguesa de que participei, como membro das bancas examinadoras, tais como:

2002: Concurso Público para Professor Adjunto na área de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ⁸

2003: Processo Seletivo para Professor Substituto de Literatura Portuguesa na Universidade Federal

tratava esse de um caso de amor antigo. Quando era ainda mais jovem e iniciava meu mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos anos 80, cometi a ousadia de enviar, para um concurso promovido pelo Instituto Camões (que na época se chamava Fundação Cultural Brasil-Portugal), um trabalho que fizera para uma das disciplinas do curso. Eu era aluna de renomados professores, como Guilhermino Cesar, Tânia Carvalhal e Flávio Loureiro Chaves, e isso, creio, deu-me coragem para tentar o concurso. Fui contemplada com o primeiro lugar ¹⁶, e o prêmio me rendeu três experiências maravilhosas: o contato com Cleonice Berardinelli – que presidia a comissão julgadora e com quem tive a honra de me reunir posteriormente ao resultado-, a publicação em livro do trabalho premiado⁸ e minha primeira viagem a Portugal. A viagem produziu-me um tal encantamento com a cultura portuguesa, que posso dizer que o encaminhamento dado à minha vida acadêmica, a partir de então, decorreu desse encontro. Como principais consequências do vínculo que criei com a literatura portuguesa, assinalo o encontro com Maria Luíza Remédios, que me tomou em suas generosas mãos e me orientou numa tese sobre romances portugueses, e o concurso na UFSC para professora da área. Uma

de Santa Catarina (UFSC) – Presidente da Banca Examinadora ⁹

2004: Concurso Público para Professor Adjunto na área de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Presidente da Banca Examinadora ¹⁰

2007: Processo Seletivo para Professor Substituto de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Presidente da Banca Examinadora ¹¹

2008: Concurso Público para Professor Adjunto na área de Literatura Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF) ¹²

2008: Concurso Público para Professor Adjunto na área de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Presidente da Banca Examinadora ¹³

2014: Concurso Público para Professor Adjunto na área de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) ¹⁴

2017: Processo Seletivo para Professor Substituto de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Presidente da Banca Examinadora ¹⁵

8 O ensaio se intitulava “Borges e Pessoa: uma perspectiva de comparação”, e foi publicado no livro *Estudos sobre Fernando Pessoa*, publicado pela Fundação Cultural Brasil-Portugal, em 1986, por sugestão da comissão julgadora. O livro tem prefácio de Cleonice Berardinelli. ¹⁷

26 das etapas do concurso para ingresso como docente na UFSC era a elaboração de um ensaio em literatura portuguesa, e para tanto produzi um artigo que dialogava intensamente com minhas preocupações na época, envolvida como estava com a escrita da minha tese. O artigo se intitulava “*No meu caso, o alvo é Deus: paródia e humanismo no Evangelho de Saramago*”. Tendo o ensaio sido bem recebido pela comissão de avaliação do concurso (que contava com a participação da professora Maria Aparecida Santilli), tive o privilégio de vê-lo em seguida publicado em Portugal, na Revista *Discursos*, a convite do professor Carlos Reis⁹.

Sem que eu soubesse exatamente vislumbrar a direção para a qual então caminhava, a verdade é que encontrei, nas temáticas do gênero e do feminismo, a minha casa acadêmica. E tal como a casa materna que simbolicamente deixava naquele momento de passagem, quando assumia um novo lar em Florianópolis e uma carreira na UFSC, esta nova casa era também guiada por figuras femininas de força extraordinária, e de generosidade infinita. Essas “mães” feministas que me acolheram – Zahidé Muzart¹⁰ e Susana Funck – abriram meu caminho de atuação. Agrada-me pensar o feminismo, segundo a proposição de Elizabeth Grosz (1996), como uma “prática teórica”, “uma prática que implica escrever, ler, ensinar, aprender, avaliar e muitos outros rituais e procedimentos”, assim também como “uma teoria prática”, ou seja, “uma ferramenta ou tática que cumpre uma função muito importante

9 SCHMIDT, Simone P. “*No meu caso, o alvo é Deus: paródia e humanismo no Evangelho de Saramago*”. *Discursos*; estudos de língua e cultura portuguesa, n. 7, maio 1994. p. 63-79. ¹⁸

10 Zahidé Lupinacci Muzart nos deu a linha de pesquisa Mulher e Literatura na Pós-Graduação em Literatura da UFSC, o GT Mulher e Literatura da ANPOLL (foi uma de suas fundadoras), o Fazendo Gênero (foi coordenadora do primeiro Seminário na UFSC), a Revista *Estudos Feministas* (foi uma de suas coordenadoras, e imprimiu à Revista a qualidade editorial que se tornou sua marca) e, finalmente, a Editora Mulheres, imprescindível para todos os nossos trabalhos. Para além da grande amizade que nos uniu, ao rever minha trajetória, me ocorre perguntar: o que teria sido de nós sem Zahidé?

1992



SCHMIDT, Simone P. (org.). *O amor na literatura*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

no assalto subversivo, e com frequência perigoso, a um lugar particular do funcionamento das relações de poder patriarcais, a saber, a esfera do conhecimento” (GROSZ, 1996, p. 100). Nessa perspectiva, comecei por definir meu lugar de atuação dentro da universidade. Graças à influência de pessoas tão positivas e lúcidas como Zahidé e Susana, iniciei meu trabalho inspirada pelo melhor dos exemplos: o da busca de construção de uma teoria prática e de uma prática teórica, distante do jogo das vaidades, com o intuito de dar sentido humano e político para o meu trabalho, em todos os lugares onde ele se desse.

Zahidé e Susana eram professoras de carreira consolidada na UFSC, especialmente dedicadas aos estudos sobre mulheres na literatura. A convite delas, passei a integrar o Grupo de Trabalho (GT) “Mulher e Literatura” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), que viria a constituir uma das mais sólidas e duradouras redes de trabalho com as quais me vinculo, em quase 20 anos de convívio e trocas acadêmicas com colegas de todo o país e do exterior¹⁹. A cada dois anos, religiosamente, realizamos o Seminário “A Mulher na Literatura”, onde temos oportunidade de nos atualizar sobre nossos trabalhos e de renovar nosso vínculo. Da continuidade desse contato no GT têm resultado inúmeros trabalhos, publicações, orientações e pesquisas. Para dar exemplos, cito alguns livros que mostram um pouco dessa produtiva cooperação entre as colegas: a impressionante coleção *Mulher e Literatura*, em 5 volumes, organizada por Constância Lima Duarte (com a colaboração de alguns colegas) – participei do vol III desta coleção, *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*, organizado por Constância Lima Duarte e Marli Fantini Scarpelli, com um artigo intitulado “Lá e cá: sujeitos fora do eixo”¹¹; *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidade*

11 SCHMIDT, Simone Pereira. “Lá e cá: sujeitos fora do eixo”. In: DUARTE, Constância L.; SCARPELLI,

28 des, livro comemorativo aos 20 anos do GT, organizado por Ildney Cavalcanti, Ana Cecília Acioli Lima e Liane Schneider, em que participo com o artigo “Desmundo, desmando, desencanto”¹²; *Mulher e Literatura – 25 anos*; raízes e rumos, organizado por Cristina Stevens, onde publico artigo intitulado “Caminhos de um (des) encontro: gênero e raça em revistas acadêmicas feministas brasileiras”¹³, no qual faço uma discussão do tema a partir dos dados pesquisados por Vânia Malta Rossi, minha orientanda de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) na época; *Mulher e Literatura: vozes conseqüentes*, publicação organizada por Rosana Cássia Kamita e Luísa Cristina dos Santos Fontes, em que participo com o artigo “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”¹⁴; *Trajétoias de literatura e gênero*; territórios reinventados, organizado por Cecil Jeanine A. Zinani e Salete Rosa P. dos Santos, onde contribuo com o artigo “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres”¹⁵; e, finalmente, o empreendimento de fôlego das colegas Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília Acioli, na publicação da coletânea *Traduções da cultura*; perspectivas críticas feministas (1970-2010), que resulta do esforço por compilar, traduzir e comentar textos norteadores da teoria feminista nos últimos 50 anos – nesta publicação, comento

Marli F. (orgs.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras – UFMG, 2002, p. 48-57. (Col. Mulher e Literatura, vol. 3). ²⁰

12 SCHMIDT, Simone Pereira. “Desmundo, desmando, desencanto”. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília A.; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Edufal, 2006, p. 263-271. ²¹

13 SCHMIDT, Simone P.; ROSSI, Vania M. “Caminhos de um (des)encontro: gênero e raça em revistas acadêmicas feministas brasileiras”. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 209-235. ²²

14 SCHMIDT, Simone Pereira. “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”. In: KAMITA, Rosana; FONTES, Luísa C.S. (orgs.). *Mulher e literatura: vozes conseqüentes*. Florianópolis: Mulheres, 2015. p. 481-497. ²³

15 SCHMIDT, Simone Pereira. “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres”. In: ZINANI, Cecil J.A.; SANTOS, Salete R. P. (orgs.). *Trajétoias de literatura e gênero: territórios reinventados*. Caxias do Sul: Educus, 2016. p. 13-24. ²⁴

1993



SCHMIDT, Simone P. “A Ambigüidade de Fraulein em Amar, Verbo Intransitivo”. *Revista Arca*, v. 1, n. 1, p. 45-52, 1993.

o texto de Avtar Brah e Ann Phoenix, “Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade”; meu texto-comentário intitula-se “Ser mulher e outras palavras: o conceito de interseccionalidade revisitado por Avtar Brah e Ann Phoenix”¹⁶.

Cabe destacar ainda que, fruto desse longo processo de trocas acadêmicas e parcerias no trabalho dos estudos feministas dentro do GT A Mulher na Literatura, tive o prazer de receber, em 2017, como supervisora de seu pós-doutorado na UFSC, a colega Leila Assumpção Harris, da UERJ, que desenvolveu pesquisa em torno do tema “Da Passagem do Meio ao entre-lugar: feminismos multiculturais e saberes descoloniais”. ²⁶

Voltando à minha narrativa do começo, no meu primeiro ano como professora na UFSC, em 1994, alguns fatos marcantes merecem destaque: o encontro com as colegas que se tornariam companheiras de trabalho e de vida¹⁷, a disciplina de Crítica Feminista que compartilhei com Susana Funck¹⁸, o convite de Zahidé Muzart para criarmos o Seminário Fazendo Gênero, e – uma desconcertante maravilha – a descoberta da gravidez que me traria Cecília¹⁹. Nossas reuniões de

16 SCHMIDT, Simone Pereira. “Ser mulher e outras palavras: o conceito de interseccionalidade revisitado por Avtar Brah e Ann Phoenix”. In: BRANDÃO, Isabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia L.; LIMA, Ana C. (orgs.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Edufal, Editora da UFSC, 2017. p. 685-691. ²⁵

17 Fui acolhida na sala de trabalho de duas colegas, Tânia Ramos e Claudia de Lima Costa que, mais do que colegas, tornaram-se parceiras e amigas.

18 Criamos e compartilhamos uma disciplina optativa, Susana Funck e eu, sobre autoras de língua inglesa e língua portuguesa. Como Susana atuava na área de literaturas de língua inglesa, essa parte coube a ela; eu fiquei responsável pelas autoras de língua portuguesa.

19 Cecília, minha filha caçula, hoje com 23 anos, prepara sua formatura em Letras-Português na UFSC.

- Ingresso por concurso público na UFSC
- Criação e organização do Acervo Literário Mario Quintana (ALMAQ), vinculado ao projeto de Acervos Literários da PUCRS. Até 1998
- I Seminário Fazendo Gênero na UFSC (coordenação de Zahidé Muzart)

30 preparação do Fazendo Gênero²⁰ se realizavam numa pequena sala²¹ do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, e éramos apenas seis professoras e duas doutorandas²². Mas o trabalho era divertido e fraterno, cheio de entusiasmo e camaradagem, e foi fácil seguir em frente, construir o evento, torná-lo realidade. De 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994 aconteceu o Fazendo Gênero – Seminário de Estudos sobre a Mulher. Neste momento eu já me encontrava no fim da gravidez, carregava com algum esforço e maior entusiasmo aquela enorme barriga, e foi uma emoção muito grande participar de um evento tão bonito, tão delicadamente preparado, sob a batuta da nossa mestra Zahidé. Tudo cuidadosamente perfeito, como ela costumava fazer. Mal imaginávamos, naquele momento, que dávamos o primeiro passo de um evento que se tornaria referência para os estudos feministas e de gênero em todo o país (e no exterior também), por décadas adiante, até hoje. Na singela publicação que organizamos após o Seminário, divulgando parte dos trabalhos apresentados, Zahidé comentou no texto de apresentação:

20 O título do Seminário Fazendo Gênero surgiu de um momento descontraído em busca de nomes para ‘batizar’ nossa iniciativa. Foi quando Susana Funck lembrou do título de um artigo de Maria Luiza Heilborn, “Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil” (in: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992, p. 93-126). Aceitamos imediatamente a ideia, que tinha a leveza e o humor provocativo que nos caracterizava como grupo, e este passou a ser o nome do evento que havia de prosseguir por décadas.

21 A Sala Harry Laus, que continha o acervo do escritor, sob a tutela de Zahidé Muzart. Posteriormente, esta mesma sala foi violentamente retirada do CCE, por iniciativa de sua direção na época, negando a Zahidé o direito de dar continuidade ao trabalho de preservação da memória do escritor. Bem mais tarde, este acervo foi acolhido pelo Núcleo de Literatura e Memória, coordenado por Tânia Ramos.

22 Sob a coordenação de Zahidé Lupinacci Muzart, éramos as seguintes professoras: Carmen Rosa Caldas-Coulthard, Claudia de Lima Costa, Simone Pereira Schmidt, Susana Borneo Funck e Tânia Regina Oliveira Ramos. As doutorandas eram Valéria Andrade e Zilma Gesser Nunes, ambas orientandas de Zahidé Muzart.

1994



SCHMIDT, Simone P. “No meu caso, o alvo é Deus: paródia e humanismo no Evangelho de Saramago”. *Discursos; estudos de língua e cultura portuguesa*, n. 7, maio 1994. p. 63-79.

Durante três dias, intensivamente, estudamos e debatemos, nos conhecemos melhor e nos divertimos. Sem esquecer do café-break da Dora, maravilhoso, a quem agradecemos aqui. Foi tudo ótimo! Obrigada a todos! Esperamos fazer outros encontros assim, futuramente... (MUZART, 1996, p. 7)

Na promessa de futuro, contida nas reticências de Zahidé, vislumbrávamos a possibilidade de uma grande realização. E assim foi. A cada edição do Fazendo Gênero, crescemos, somamos, multiplicamos. Do pequeno Encontro que reunia cerca de 80 pessoas em 1994, chegamos, em 2017, ao 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero que, realizado juntamente com o 13º Congresso Mundos de Mulheres²³, contou com a participação de aproximadamente 9 mil inscrit@s, que durante seis dias (de 30 de julho a 4 de agosto de 2017) circularam por conferências, mesas redondas, fóruns de debates, simpósios temáticos, minicursos, exposições, atividades de música, dança, teatro, performances, mostra audiovisual, mostra fotográfica, a incrível Tenda Mundos de Mulheres (onde mulheres de todo o mundo debateram suas questões durante todos os dias do Congresso) e até mesmo uma Marcha – “Mundos de Mulheres por Direitos”, que entrelaçou em definitivo a academia e os movimentos sociais numa mobilização que coloriu e lotou as ruas do centro de Florianópolis²⁴.

Um evento que se desdobrou em muitas edições ao longo de 24 anos²⁵, até o pre-

23 Mundos de Mulheres é um Congresso internacional que reúne movimentos de mulheres de vários continentes. Em 2017, pela primeira vez, o evento se realizou na América do Sul, mais precisamente em Florianópolis, simultaneamente ao Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, ambos os eventos sob nossa organização.

24 Um belo registro da Marcha Mundos de Mulheres por Direitos pode ser acessado no Portal Catarinas, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=0jq8tU1WUj4>

25 Particpei da Comissão Organizadora de todas as edições do Seminário Internacional Fazendo Gênero, além de organizar simpósios temáticos e coordenar mesas redondas. Fui coordenadora, junto com



■ Nascimento Cecília

32 sente, propondo discussões que levaram em conta as urgências teóricas e políticas de cada momento, e se multiplicou em cursos, linhas de pesquisa, grupos de pesquisa, eventos, publicações, orientações, tanta história, que se torna uma tarefa muito difícil resumir o significado e os frutos deste trabalho. À guisa de uma impossível síntese, gostaria de registrar algumas observações sobre o caráter desse trabalho e de pontuar alguns frutos concretos dessa trajetória. Uma importante observação diz respeito ao caráter coletivo desse trabalho. Tentando explicar melhor, diria que este é o mais meu de todos os meus trabalhos, aquele que me define e que define meu lugar no mundo – refiro-me ao trabalho em torno da crítica e teoria feministas, e aos estudos de gênero. E este que é o mais meu de todos os meus trabalhos só encontra esse lugar de expressão do que sou e do que tenho a dizer no encontro com as outras – minhas colegas, alunas, minhas interlocutoras, que construíram junto comigo este grande projeto. Em vídeo-aula sobre Mulheres na Literatura Negra, gravada no Ciclo GDE 2012-2013²⁶, afirmo que:

(...) o coletivo é uma marca muito importante desse tipo de trabalho que a gente faz. Então, eu acho que tem duas questões muito importantes (...): uma, que é exatamente esse vínculo constante com o trabalho coletivo, ele não é um trabalho feito solitariamente; como ele tem um pé no político – a teoria feminista não é só uma teoria; é uma teoria e é uma política, o tempo todo – então, essa formulação de uma teoria que é política, e de uma política que é teórica, enfim, isso nos dá uma dimensão do trabalho coletivo e da necessidade de estarmos

Sônia Maluf, do Seminário Internacional Fazendo Gênero 5. Além disso, destaco minha participação no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, quando coordenei as atividades culturais do evento. ²⁷

- 26 O GDE foi uma iniciativa de ensino à distância na área de Gênero e Diversidade, promovido pelo Instituto de Estudos de Gênero, com apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Federal. A vídeo-aula a que me refiro encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=F1EXOATB28>.
Por se tratar de um depoimento gravado, preservei as marcas de oralidade na transcrição do mesmo.

1995

Letras de Hoje

Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa

e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

Programa de Pós-Graduação em Letras
Escola de Humanidades
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

constantemente a negociar que é fundamental, eu acho. E por isso negociamos e por isso convivemos. Por outro lado, outra questão que eu acho interessante também, e aí tem muito a ver também com o modo como se faz esse tipo de produção de conhecimento – que é a produção de conhecimento feminista – é essa porosidade entre o público e o privado. Não só a gente trabalha coletivamente, mas a gente transita do público para o privado, do privado para o público, do subjetivo para o político, do político para o subjetivo, com muita desenvoltura, porque essa é a nossa vida. Quer dizer, a gente começou dizendo isso, não é? A gente começou dizendo que o pessoal era político, que aquilo que era considerado da ordem das emoções privadas, “coisa de marido e mulher”, “coisa de mulher dentro de casa”, “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, etc, a gente escancara isso, a gente revela outros modos de olhar para isso, de trabalhar com isso, e essas nossas formulações nos permitiram ter um outro modo de fazer conhecimento, que é um conhecimento, eu diria, extremamente adequado ao nosso tempo histórico, inclusive: ver o pessoal, o privado, o subjetivo como alguma coisa que é constantemente atravessada pelo político, histórico, não-subjetivo, pelo comunitário, enfim, pelo coletivo, e vice-versa, quer dizer, não dá pra pensar no coletivo e no político sem pensar nos sujeitos, nas pessoas, nas emoções, nas questões íntimas.

Ainda hoje, posso reafirmar com convicção o que disse nesta vídeo-aula. Fruto desse trabalho firmemente ancorado no coletivo, e assentado sobre os necessários atravessamentos público/privado que esse trabalho implica, nossos compromissos se desdobraram, tendo maior impacto e ressonância a cada ano que passava. Foi assim que, a partir de 1999, assumimos a tarefa de trazer a *Revista Estudos Feministas*²⁷ para a UFSC, compromisso que honramos e estendemos até o momento pre-

27 A *Revista Estudos Feministas* nasceu por iniciativa de pesquisadoras feministas da UFRJ, e se manteve sob sua coordenação de 1992 a 1999, com apoio da Fundação Ford. Em 1999, as colegas da UFRJ propõem a mudança da Revista para o grupo de pesquisadoras da UFSC, que assumem a coor-

34 sente²⁸. Foi assim também que, em 2005, criamos o Instituto de Estudos de Gênero²⁹, com o intuito de congregar, de forma interdisciplinar e com foco em atividades

denação do periódico, até hoje. As primeiras coordenadoras editoriais foram Miriam Grossi e Claudia de Lima Costa. Atualmente, as coordenadoras são Mara Coelho de Souza Lago, Cristina Scheibe Wolff, Luzinete Simões e Tânia Regina Oliveira Ramos. Atuei como coordenadora editorial da Revista, juntamente com Sonia Maluf e Cristina Scheibe Wolff, no período 2005-2006²⁸, sendo que, nos demais períodos, participei das seguintes editorias: Comitê Editorial Executivo (1999-2002)²⁹, Editoria de Artigos (2002-2006)³⁰, Editoria de Debates (2007-2014)³¹, Editoria de Entrevistas (2014-2018)³². Publiquei um artigo sobre o papel da *Revista Estudos Feministas* no contexto do feminismo brasileiro e latino-americano em: SCHMIDT, Simone Pereira. “Como e por que somos feministas”. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, n. esp., p. 17-22, set-dez 2004.³³ E sobre as propostas da Seção Debates na *Revista Estudos Feministas*, publiquei o artigo: SCHMIDT, Simone Pereira. “A Seção Debates em revista: práticas feministas de tradução”. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 117-122, 2008.³⁴

28 Além das várias funções que desempenhei na editoria da *Revista Estudos Feministas* desde 1999 até o presente, cabe mencionar que integrei (e ainda integro, em sua maioria) os conselhos editoriais dos seguintes periódicos:

Anuário de Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil. ISSN 2175-7917³⁵

Conexão Letras. História, linguística & literatura / Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. ISSN 1980-332x.³⁶

Mafuá – Revista de Literatura em Meio Digital NUPILL / UFSC – Florianópolis, SC – Brasil ISSN 1806-2555 www.mafua.ufsc.br³⁷

O Marrare. Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. ISSN 1981-870X³⁸

Outra Travessia, Revista de Literatura. Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. ISSN 2176-8552³⁹

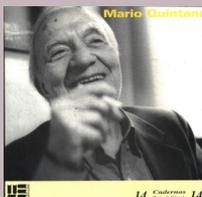
Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. ISSN:1809-029X⁴⁰

Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira; A Journal of Brazilian Literature. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Brown University. ISSN: 2526-4885.⁴¹

29 O Instituto de Estudos de Gênero foi criado em 2005. Integrei a primeira coordenação do Instituto, juntamente com Mara Lago e Zahidé Muzart, em 2005-2007⁴². Atualmente, 2018, integro mais uma vez a coordenação, com as colegas Miriam Grossi, Mara Lago e Joana Borges⁴³. O IEG, entre suas muitas atividades, tem sido responsável pela criação e execução de Cursos de Curta Duração em Gênero e Feminismo (com ampla participação de público interessado, principalmente estudantes e professores, oriundos de diversas áreas de conhecimento), bem como por duas edições do Curso de Ensino à Distância em Gênero e Diversidades⁴⁴. A fim de complementar informações sobre o IEG, transcrevo abaixo o texto de apresentação que consta na sua página (<http://www.ieg.ufsc.br/>):

“A partir de um processo de mais de dez anos de envolvimento com o feminismo e com os estudos de gênero, as pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), associadas a outras pesquisadoras da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), UNISUL e

1997



SCHMIDT, Simone P.; BARBOSA, Márcia H.S. (orgs.). *Cadernos Porto & Vírgula*, n. 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura – Unidade Editorial, 1997.

SCHMIDT, Simone P. “A cidade por detrás da vidraça”. *Cadernos Porto & Vírgula*, n. 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura – Unidade Editorial, 1997. p. 61-64.

de pesquisa, extensão e formação, a ampla atuação das professoras, pesquisadoras e suas orientandas no campo dos estudos feministas e de gênero.

35

Cabe destacar, ainda, a atuação da linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC³⁰ (herdeira da

UNIVALE criaram em 2005 o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) que ficou sediado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Este instituto pretende dar unidade e visibilidade a um conjunto extenso de pesquisas e atuação em diversas áreas acadêmicas com o objetivo de estreitar os vínculos deste trabalho com os movimentos sociais comprometidos com os direitos das mulheres e a promoção da igualdade de gênero. A interdisciplinaridade e a integração entre academia e movimentos sociais, uma forte demanda na América Latina, encontram no Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, um importante e pioneiro espaço institucional.

A característica dominante de grupo é o fato de ser interdisciplinar e incluir pesquisadoras/es das áreas das Ciências Humanas, Letras – Literatura e Linguística, das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências da Saúde. O IEG realiza, pois, estudos interdisciplinares dos discursos, histórica, social e culturalmente constituídos, sobre as diferenças sexuais – estudos de gênero. Desenvolve temáticas como política, sexualidade, saúde, direitos reprodutivos, trabalho, família, gerações, violência doméstica, comunicação, homossexualidade, identidade, subjetividade. Integra os núcleos de estudos de gênero dos diferentes departamentos e cursos da Universidade Federal de Santa Catarina, no exercício da interdisciplinaridade.

As pessoas que compõem o grupo prestam assessoria sobre relações de gênero e feminismo, fazem pesquisa, orientam trabalhos de conclusão de cursos de graduação, de iniciação científica, de mestrado, de doutorado, de pós-doutorado. Oferecem também cursos de graduação e pós-graduação, oficinas, apresentam conferências e fazem atividades de extensão. Realizam desde 1994 o evento “Fazendo Gênero” com intervalos bianuais até 2010, tornado trienal a partir de 2013 (...), e publicam coletâneas com seleção de trabalhos apresentados nestes eventos.

Desde 1999, o grupo edita a *Revista Estudos Feministas*, que se encontra na Scielo (www.scielo.org.br) e tem Qualis A na Capes. O trabalho com essa revista é constante e extremamente cuidadoso. Os resultados têm sido sempre excelentes. Outra atividade é a do Portal Feminista (www.ieg.ufsc.br) que divulga diversos periódicos da área de estudos de gênero, inclusive a *Revista Estudos Feministas*.

É importante registrar a rede criada pelo IEG não somente com núcleos de estudos de gênero no Brasil como com núcleos de outros países da América Latina. Para tal, contribuem as relações estabelecidas a partir do evento Fazendo Gênero como também a partir da *Revista Estudos Feministas* e dos cursos levados a efeito no IEG ou com professoras/es a ele filiadas/os”. (<http://www.ieg.ufsc.br/>) Acesso em 10.09.2018.

- 30 Importante também acrescentar as funções administrativas que desempenhei no Programa de Pós-Graduação em Letras, como Coordenadora ⁴⁵, no período 1999.2 a 2001.2, e como Vice-Coordenadora, no período 2006.2 a 2009.1. ⁴⁶ Como representante das Pós-Graduações em Letras, integrei, em 2000, a Câmara de Pós-Graduação da UFSC ⁴⁷. Ainda na Pós-Graduação em Literatura, atuei constantemente como membro do Colegiado De-



SCHMIDT, Simone P. “As mulheres-narradoras em A sibila: experiência e memória”. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 15, n. 21, p. 53-70, 1997.

1997

36 antiga linha de pesquisa Mulher e Literatura, criada por Zahidé Muzart nos anos 1990), que tem congregado professoras/es e alunas/os de forma marcante no Programa, sendo reconhecidamente uma de suas linhas mais atuantes, e de perfil mais definido³¹. Fruto desse trabalho, coletivo e norteado por nossos princípios éticos e epistemológicos, propusemos a criação de uma disciplina obrigatória no Curso de Graduação Letras-Português, intitulada Estudos Literários II – Gênero, identidades, etnias e representações, a qual vem sendo oferecida no Curso desde a última reforma curricular, implantada em 2007³², tendo excelente repercussão junto aos estudantes (sendo, inclusive, frequentada por alunos dos mais diversos cursos da UFSC). Trata-se de um curso polêmico, com alto teor formativo e informativo para os estudantes no campo dos estudos de gênero e das relações étnico-raciais.

Por fim, nesta enumeração de lugares e formas de atuação orientadas pelas investi-

legado ⁴⁸, bem como, por diversas vezes, integrei a Comissão para seleção de bolsistas Capes e CNPq do Programa ⁴⁹.

No Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, atuei como Coordenadora de Ensino na área de Literatura no período 1997.2 a 1998.1, e como Coordenadora de Pesquisa nos períodos 2002.1 a 2003.2, 2004.1 a 2008.2.⁵⁰ Além disso, fui representante da área de Literatura Portuguesa no Colegiado do Curso de Letras-Português, nos períodos 2001.2 a 2004.2 e 2014.2 a 2016.2 ⁵¹. Atuei também na reestruturação curricular do Curso Letras-Português no período 2002, 2004, 2006-2007 ⁵², e como Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Graduação em Letras Português em 2012 ⁵³. Integrei, em 2006, a Comissão para indicação das obras para o Vestibular ⁵⁴, e nos anos 2008 e 2009, fiz parte da Comissão de seleção e acompanhamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFSC (PIBIC/CNPq) ⁵⁵. E, por fim, nos períodos 2006-2007 e 2018 ⁵⁶, atuei como coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC, sendo em 2018, também, coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidade, vinculado ao IEG ⁵⁷.

31 Estou vinculada a esta linha de pesquisa desde 1997, quando passei a integrar o quadro docente do Curso de Pós-Graduação em Literatura. A fim de apresentar informações atualizadas sobre a linha de pesquisa, anexo a apresentação realizada em 13 de agosto de 2018, no evento de abertura do semestre 2018.2, promovido pelo PPGLit, “Dialogando com as linhas do PPGLit” **(ver slides, criados por Marcio Markendorf e Rosana Kamita, na linha do tempo, ano 2018)**

32 Desde sua criação, tenho oferecido pelo menos uma vez por ano, senão a cada semestre, esta disciplina, sendo uma das principais responsáveis por sua consolidação e continuidade. ⁵⁸

1999

- A Revista Estudos Feministas passa a ser editada na UFSC
- Criação da disciplina Estudos Literários II – Gênero, identidades, Etnias e Representações, no Curso de Graduação em Letras-Português da UFSC
- Ingresso no GT “A Mulher na Literatura” da ANPOLL, onde passo a atuar como vice-coordenadora, ao lado de Zahidé L. Muzart
- Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Até 2001

gações sobre gênero e feminismo, não poderia deixar de mencionar um importante instrumento de trabalho conjunto, solidário e expressivo, que criamos no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, congregando professores das áreas de Literatura e Cinema, bem como nossas/os orientandas/os, que é o Núcleo Literatual ⁵⁹ – Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade³³.

33 O Núcleo Literatual – Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade está devidamente cadastrado na UFSC e no diretório de pesquisa do CNPq ⁶⁰. É integrado por cinco Professores (Jair Zandoná, Marcio Markendorf, Rosana Kamita, Simone Pereira Schmidt e, mais recentemente, Claudia de Lima Costa), sendo respectivamente, Rosana Kamita e eu, coordenadora e subcoordenadora. O Núcleo é também integrado por alunos de pós-graduação, doutorandos e mestrandos, e por bolsistas de Iniciação Científica (atualmente, 22 alunos no total). Para acesso às informações sobre o Literatual, seu website pode ser consultado: <http://literatual.cce.ufsc.br/>, e também no facebook, sob o nome “Núcleo Literatual”.

A seguir, forneço algumas informações sobre as principais atividades desenvolvidas pelo Núcleo, nas esferas de pesquisa e extensão, conforme relato redigido por Rosana Kamita, Marcio Markendorf e Jair Zandoná:

Projeto Redes: Literatual em Debates (7 edições)

1. 02/10/2015

Convidados: Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF) e José Luiz Foureaux de Souza Jr. (UFOP)

2. 30/08/2016

Convidada: Gabriela Falcão, com a palestra “Processos discursivos e a construção de proposições de políticas nas Conferências de Políticas para as Mulheres”.

3. 26/05/2017

Convidada: Débora Domke Ribeiro Lima com a palestra “O abismo psicológico de Pessoa e a religiosidade de Goethe na criação do Fausto”.

4. 16/10/2017

Convidados: Leila Harris (UERJ), com a fala “Teorias e práticas feministas atuais: buscando afinidades através das diferenças”, e João Manuel de Oliveira (UFSC / ISCTE-IUL), com o trabalho “Feminismos e desobediências de gênero”. ⁶¹

5. 29/03/2018

Convidada: Regina Dalcastagnè (UnB), com a Palestra “O que o golpe quer calar: literatura e política no Brasil hoje”. ⁶²

6. 06/09/2018

Teresa Cristina Cerdeira, com palestra sobre a obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. ⁶³

7. 27/11/2018

Elsa Grillo (Universidad Nacional del Nordeste – Argentina), com palestra sobre *La critica feminista decolonial y el conocimiento interseccional desde los aportes del feminismo chicano de Gloria Anzaldúa*

Professora estrangeira convidada

05/2016

O Núcleo Literatual, em parceria com o IEG – Instituto de Estudos de Gênero, promoveu atividades com a participação de Ana Luísa Amaral, professora e investigadora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde integra a direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa



COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). *Travessia* (Programa de Pós-Graduação em Literatura UFSC), Florianópolis, n. 38, 1999. Crítica cultural latino-americana.

e coordena o Grupo Intersexualidades. É autora de mais de vinte livros, incluindo *Escuro* (2014) e *Todavia* (2015). Os eventos envolveram aula aberta, curso, debates e o lançamento do seu primeiro romance, *Ara*, no Brasil. Sua vinda ao Brasil recebeu o apoio do Edital CNPq para Professor Visitante.

Mesa-Redonda na Semana de Letras

Data: 13/06/2018

Horário: 10h às 12h

Local: Auditório Henrique Fontes, CCE-B, térreo

Poéticas e políticas literárias: leituras interseccionais

Prof. Dr. Jair Zandoná; Prof. Dr. Marcio Markendorf; Profa. Dra. Rosana Cássia Kamita; Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt (UFSC). ⁶⁴

Seminário de Pesquisa do Literatual

05/07/2018

O evento teve por objetivo a apresentação e discussão de pesquisas em desenvolvimento por parte integrantes do Núcleo Literatual – Estudos Feministas e Pós-coloniais de Narrativas da Contemporaneidade. ⁶⁵

Palestra

06/09/2018

O que escondem os muros do universal: sobre a importância da diversidade de perspectivas para a literatura, proferida por Regina Dalcastagnè (UnB)

Laboratório de Autoria Feminina

Setembro/outubro – 2018 | CURSO ⁶⁶

Escritoras, roteiristas e pesquisadoras da literatura ofereceram às participantes, por meio de oficinas gratuitas, técnicas e exercícios de escrita criativa para o desenvolvimento de projetos literários, especialmente poema, roteiro de teatro, roteiro de curta-metragem, escritas de si e narrativas breves. A atividade foi uma parceria entre o Núcleo Literatual – Núcleo de Estudos Feministas e Pós-coloniais de Narrativas da Contemporaneidade (UFSC) e a Fundação Cultural Badesc. As aulas foram realizadas aos sábados dias 15, 22 e 29 de setembro e 06 de outubro das 14 às 17h, na Fundação.

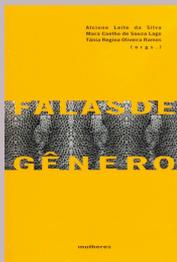
Grupo de Pesquisa do Literatual

Agosto/ novembro 2018

Em encontros mensais, os membros do Núcleo Literatual alunos e professores – reuniram-se para estudar textos referenciais dos estudos feministas e de gênero.

Por fim, cabe ainda destacar que o Núcleo Literatual recebeu, em 2017, homenagem da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, por sua contribuição na criação, consolidação e desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de gênero, juntamente com o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da Universidade Federal de Santa Catarina, ao qual se vincula ⁶⁷.

- 34 Numa descrição tão marcada pelos estudos de gênero e feministas, e por toda minha atuação neste campo, não sei exatamente onde situar uma informação que considero importante, embora destoe um pouco do que venho relatando. Trata-se de um trabalho de extensão, voltado para a divulgação da literatura junto ao público não acadêmico, que desenvolvemos, Fábio Lopes e eu, num programa semanal na TV UFSC. Este Programa teve duas edições; a primeira, que durou três anos (2002 a 2005), chamava-se “Prosa e Verso”. A segunda edição do Programa aconteceu durante o ano de 2014, e se chamou “Livro Aberto”. Das edições da primeira versão do Programa (Prosa e Verso), infelizmente não nos restou registro (exceto as declarações em anexo) ⁶⁸. Da segunda



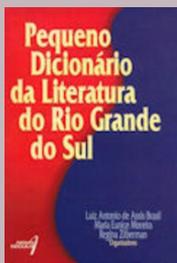
carreira como acadêmica feminista: a conferência que realizei em 2000 no Chicano/Latino Research Center da Universidade da Califórnia em Santa Cruz (EUA), intitulada “The routes of feminism in Brazil: 1970-1990”⁶⁹, e a coordenação do simpósio “Feminismo, literatura e crítica da cultura”⁷⁰, juntamente com Rita Terezinha Schmidt, no VIII Congresso da ABRALIC em 2002, na UFMG, onde apresentei trabalho intitulado “Teorias feministas e suas ‘ligações perigosas’: do pós-moderno ao pós-colonial”⁷¹.

Acrescento também algumas das publicações que marcaram minha trajetória no campo dos estudos feministas e de gênero: o livro *Poéticas e políticas feministas*³⁵, que organizei em parceria com Claudia de Lima Costa; a entrevista que concedi a Isabel Lousada, na Revista *Faces de Eva*³⁶, da Universidade Nova de Lisboa. E ainda os prefácios aos livros: *A cidadã paradoxal*³⁷, de Joan W. Scott; *Dicionário de escritoras portuguesas*³⁸, de Conceição Flores, Constância Lima Duarte e Zenóbia

edição, mais recente (Livro Aberto), temos vários programas disponíveis no youtube, tais como os indicados abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=qrMenpzRW-U&t=240s>
<https://www.youtube.com/watch?v=uPhtgFYz8Co>
<https://www.youtube.com/watch?v=-aLjLv3G0bs>
<https://www.youtube.com/watch?v=92wckW0sNjY>
<https://www.youtube.com/watch?v=4hFcV-nkrv0&t=120s>
<https://www.youtube.com/watch?v=GdNPMEpU1HE&t=191s>
https://www.youtube.com/watch?v=gMOLy48WTE8&list=PLNPwTW7Alrc_hMJ2353_3_UsPTnX33Ql6
<https://www.youtube.com/watch?v=y9uNFzcxHxM&t=476s>
<https://www.youtube.com/watch?v=OOI77FNiem0&t=595s>
<https://www.youtube.com/watch?v=6yo9U6C--xE&t=533s>

- 35 COSTA, Claudia L; SCHMIDT, Simone P. (orgs). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004. ⁷² Neste livro, publiquei o artigo: “Com o exílio na pele” (p. 197-206) ⁷³
- 36 “Simone Schmidt” (Entrevista concedida a Isabel Lousada). *Faces de Eva*; estudos sobre a mulher, Lisboa, n. 21, p. 159-169, 2009. ⁷⁴
- 37 SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal*: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002. (orelhas). ⁷⁵
- 38 FLORES, Conceição; DUARTE, Constância L.; MOREIRA, Zenóbia C. *Dicionário de escritoras portuguesas*: das origens à atualidade. Florianópolis: Mulheres, 2009. (orelha) ⁷⁶



SCHMIDT, Simone P. “Luciana de Abreu”. In: ASSIS BRASIL, Luís. A.; MOREIRA, M. Eunice. (Orgs.). *Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 113-114.

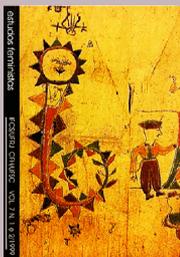
SCHMIDT, Simone Pereira. “Ieda Inda”. In: ASSIS BRASIL, Luís. A.; MOREIRA, M. Eunice. (Orgs.). *Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 87-88.

- 40 C. Moreira; o terceiro volume da definitiva coleção *Escritoras brasileiras do século XIX*³⁹, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart; e , finalmente, o romance *Becos da memória*⁴⁰ de Conceição Evaristo.

Por tudo que disse até agora, acredito ter esboçado uma errática linha de tempo que une diversos importantes momentos de minha vida pessoal e profissional, em torno de um tema que se tornou central e definitivo em minha trajetória, que é o tema dos estudos de gênero e do feminismo. Uma linha de tempo e de vida, uma rede de mulheres, que se inicia com minha avó e minha mãe, com minhas tias, e se prolonga em minhas mestras, colegas e alunas, tudo tão sólido e bonito, que não posso deixar de reviver com emoção. Fui ‘a menina de sua mãe’ que cruzou o Mampituba e a deixou, com dor e culpa, mas que nunca nem sequer por um momento se arrependeu da empreitada; sinto que minha vinda para a UFSC foi aquilo que definiu quem eu seria, que lugar ocuparia no mundo, neste vasto mundo, e em meu pequeno mundo pessoal. Num momento como este em que vivemos profundos desafios políticos em nosso país, sei que minha escolha de vida e de pesquisa, assim como de tantos colegas que respeito e admiro, encontra-se radicalmente ameaçada. E por isso, mais do que nunca, ela se justifica.

39 SCHMIDT, Simone P. “Longa vida ao trabalho contra a morte e o esquecimento”. In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2009. vol III. p. 13-17. ⁷⁷

40 SCHMIDT, Simone P. “A força das palavras, da memória e da narrativa”. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013. p. 15-23. ⁷⁸ Este texto foi posteriormente publicado no livro em homenagem a Conceição Evaristo: SCHMIDT, Simone P. “Nos becos da memória, a força da narrativa”. In: DUARTE, Constância L.; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, M. Rosário (orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 101-107 ⁷⁹. Uma edição mais recente de *Becos da memória* (Rio de Janeiro: Pallas, 2017) traz meu texto como posfácio.



Entre as margens do *Atlântico Negro*

*(...) porque toda a ilha era um porto em uma estrada
sem regresso
todas as mãos eram negras forquilhas e enxadas*

*E nas roças ficaram pegadas vivas
como cicatrizes – cada cafeeiro respira agora um
escravo morto.*

(“Afroinsularidade”, Conceição Lima)

É chegado o momento de me referir a outro pilar importante de minha vida acadêmica, o qual norteou muitos de meus projetos e de minhas práticas nas últimas décadas. Trata-se dos estudos sobre as literaturas africanas, e por decorrência, da literatura afro-brasileira e das questões teóricas e políticas ligadas aos temas étnico-raciais. O começo desta outra faceta de minha vida profissional teve início no encontro com Laura Cavalcante Padilha, em minha banca de doutorado. Até então não a conhecia pessoalmente, mas o encontro foi decisivo. Além da simpatia que imediatamente se estabeleceu entre nós, e que resultou depois em duradoura amizade, sua atuação na banca, as palavras que disse, seu perfil pessoal e profissional, encaminharam-me para um interesse que até então se encontrava apenas latente dentro de mim: o interesse pela África e suas literaturas, que esta Professora representava de forma exemplar entre seus pares. De minha defesa de doutorado em diante, meu interesse pelas literaturas africanas foi se tornando mais concreto, e fui me encaminhando paulatinamente em direção ao seu estudo. Sem dúvida que para isso também contribuiu a leitura de alguns romances que muito me impactaram na época, como *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes e *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge que, entre outros, do interior mesmo da literatura portuguesa, davam-me a conhecer a violência colonial, despertando meu desejo de conhecer mais a fundo essa dura realidade histórica, através de suas representações literárias. Posteriormente, o interesse se ampliou, desdobrando-se em pesquisas que se sucederam desde 2004, quando obtive minha primeira bolsa de produtividade em pesquisa junto ao CNPq, até hoje. Importante dizer que o móvel dessa aproximação foi, acima de tudo, o sentido político e humano de adesão aos sofrimentos vividos pelos povos africanos, bem como à sua luta pela liberdade.

- Conferência ministrada na Casa Latina, da University of California – Santa Cruz (EUA)
- Apresentação de trabalho no Congresso da LASA, em Miami, em mesa redonda intitulada “Feminist theories in the Latin/a Americas: the transnational politics of translation”

Considero que meu engajamento na criação de uma área de concentração exclusivamente dedicada aos estudos de **África e suas diásporas** ⁸⁰, em 2018, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, representa um momento culminante nesta longa trajetória que passei a construir, desde o início dos anos 2000, de dedicação às literaturas africanas de língua portuguesa. De caráter marcadamente interdisciplinar, já que está constituída por professores de diferentes campos de conhecimento na área das Ciências Humanas, esta nova área de concentração, como se afirma em seu projeto,

(...) irá convergir (...) para um novo campo de reflexão que não está situado exclusivamente num recorte geográfico mas principalmente em um universo de reflexão historicamente situado, que é a da expansão da modernidade e do colonialismo europeu, a consolidação dos vínculos entre o Continente Africano e as Américas, através do modo de produção escravista e seus efeitos na atualidade⁴¹.

41 O projeto de criação da área de concentração África e suas diásporas encontra-se em anexo. Uma síntese da proposta está disponível em <http://ppgich.ufsc.br/>. Copio-a abaixo:

Nova área de concentração do PPGICH: África e suas diásporas

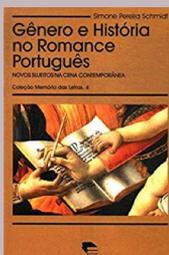
Publicado em 11/09/2018 às 15:23

O Colegiado Pleno do PPGICH, reunido em 03 de agosto, aprovou por unanimidade o parecer da profa. Luzinete Simões favorável à criação da área de concentração “ÁFRICA E SUAS DIÁSPORAS” que conta com uma equipe formada por nove pesquisadores/as da UFSC, liderados/as pela profa. Ilka Boaventura Leite. Fazem parte da equipe professores/as vinculados/as a sete Programas de Pós Graduação sediados em três Centros da UFSC (CFH, CCE e CED): Ilka Boaventura Leite (PPGAS), Beatriz Gallotti Mamigonian (PPGH), Silvio Marcus de Souza Correa (PPGH), Henrique Espada Lima (PPGH), Simone Pereira Schmidt (PPGLit), Amurabi Oliveira (PPGSP e PPGE) e Joana Célia dos Passos (PPGE).

A nova área objetiva compreender os estudos interdisciplinares sobre África e suas diásporas, englobando questões relativas às formações sociopolíticas, identitárias e culturais em distintos contextos locais, nacionais e transnacionais, bem como os processos e produtos coloniais e pós-coloniais a partir de uma perspectiva dinâmica e integrada.

Serão duas as linhas de investigação 1) Processos políticos coloniais e pós-coloniais: Estudos da colonialidade e da pós-colonialidade com ênfase nos processos emancipatórios e de reconhecimentos relacionados a cidadania, trabalho, justiça e direitos. 2) Produções sócio-culturais e artísticas: Estudos sobre as relações dialógicas entre línguas, vozes sociais, narrativas e discursos, manifestações artísticas e culturais. Educação, pensamento social e produções intelectuais.

A concepção epistemológica da nova área – descolonizadora, desracializada, interdisciplinar e in-



Revivendo o começo desta longa caminhada que me levou à África, gostaria de assinalar dois importantes momentos: os trabalhos que apresentei, em 2001, no IX Seminário Nacional Mulher e Literatura, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – “Lá e cá: sujeitos fora do eixo”⁴² ⁸¹, e no XVIII Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ⁸² – o qual resultou em artigo que publiquei no livro *A experiência das fronteiras: leituras da obra de Helder Macedo*, organizado por Teresa Cristina Cerdeira da Silva (2002) ⁴³. Nesses dois textos, fiz minhas primeiras incursões à temática do colonialismo português na África, o que me levou ao desejo de aprofundar essa abordagem.

A seguir, passo a descrever de forma minuciosa este percurso de pesquisa no campo dos estudos africanos, que se estende desde o início dos anos 2000 até hoje.

O exílio na pele

*Aquilo que se enroscava ao redor do
seu pescoço, que quase sufocava você antes de
dormir, começou a afrouxar, a se soltar*

(“No seu pescoço”, Chimamanda Ngozi Adichie)

terseccional – se desenvolve vinculada a seis Núcleos e Grupos de Pesquisa. A nova área já irá compor o edital de seleção 2019 – que esse ano terá sua data antecipada para dezembro.

42 A publicação deste artigo já foi referida anteriormente.

43 SCHMIDT, Simone Pereira. “Partes de África: errâncias num mapa mudado”. In: CERDEIRA, Teresa Cristina (org.). *A experiência das fronteiras: leituras da obra de Helder Macedo*. Niterói: Eduff, 2002. p. 113-120. ⁸³



SCHMIDT, Simone P. “Seria o amor o fim do cerco? Relações de gênero em tempos pós”. In: REMÉDIOS, Maria Luíza R. (Org.). *O despertar de Eva – gênero e identidade na ficção de língua portuguesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 115-130.

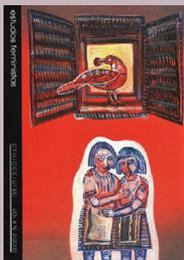
48 Em 2004, meu primeiro projeto de pesquisa contemplado com bolsa do CNPq intitulava-se **O exílio na pele: gênero, etnia e raça na experiência pós-colonial luso-africana** ⁸⁴. O foco da pesquisa estava orientado para a experiência do exílio, em seus múltiplos sentidos, na representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro do universo da comunidade político-cultural luso-africana. Ao operar com as categorias gênero, etnia e raça, investiguei como a experiência do exílio, para os sujeitos pós-coloniais representados em narrativas contemporâneas, constitui-se num momento particularmente significativo de intersecção de múltiplos vetores identitários. Assim, no intuito de iluminar em especial as questões ligadas ao gênero, à etnia e à raça nas representações analisadas, o ponto de partida para a investigação foi um procedimento que norteou minhas investigações de forma duradoura, a partir de então: o cruzamento de dois corpos teóricos – as teorias feministas e os estudos pós-coloniais.

Refletir sobre este longo processo de pesquisa iniciado formalmente com minha primeira bolsa de pesquisadora do CNPq (embora tivesse realizado pesquisas anteriores, não apenas no mestrado⁴⁴ e doutorado, mas também junto ao Acervo Literário Mario Quintana⁴⁵, projeto que coordenei, vinculado

44 Em meu mestrado, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, desenvolvi dissertação intitulada “O Mito de Tristão e Isolda no romance brasileiro; o caso *Amar, Verbo Intransitivo*”, sob orientação de Tânia Franco Carvalhal. Nesta pesquisa analisei diversas versões do mito de Tristão e Isolda, chegando até a contemporaneidade, quando discuti suas permanências e ressonâncias no romance modernista de Mário de Andrade. Defendida a dissertação em 1992, a mesma obteve nota máxima ⁸⁵. Algumas publicações resultaram deste trabalho: “A Ambiguidade de Fraulein em *Amar, Verbo Intransitivo*”. *Revista Arca*, v. 1, n.1, p. 45-52, 1993; ⁸⁶ “Amar, Verbo Intransitivo e o Mito de Tristão e Isolda”. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, p. 71-80, 1999; ⁸⁷ “Tristão e Isolda: uma história de amor e de morte”. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, v. 42, p. 173-188, 2007 ⁸⁸.

45 Quando Mario Quintana faleceu, em 1994, fui convidada por sua sobrinha-neta, Elena Quintana, para organizar o acervo do poeta. Como naquela época me encontrava vinculada, como doutoranda, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, e este Programa possuía um reconhecido Projeto de Acervos Literários, que integrava os acervos de diversos escritores gaúchos, tratei de

2000



SCHMIDT, Simone P. “O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 77-89, 2000.

ao Projeto de Acervos Literários da PUCRS) me leva a considerar em maior profundidade o papel que um investimento dessa natureza, por parte do CNPq, exerce em nossas vidas acadêmicas. De minha parte, devo dizer que a obtenção dessa bolsa – no sentido institucional e simbólico que ela possui – mudou significativamente minha relação com a pesquisa. Creio que este foi um passo decisivo para o meu amadurecimento profissional; a partir de então, um vínculo sólido me integrava em definitivo com a pesquisa brasileira. Assim me senti, assim me sinto até hoje, fazendo parte de uma rede de pesquisadores de alto nível de produtividade e de comprometimento com a produção de conhecimento em nosso país.

vincular o acervo de Mario Quintana a este Projeto da PUCRS. O Acervo Literário Mario Quintana (ALMAQ) foi organizado no período de 1994 a 1998, sob a tutela do Projeto de Acervos Literários da PUCRS, coordenado por Maria da Glória Bordini. As coordenadoras do ALMAQ fomos eu e Marcia Helena Barbosa, e contamos com as atividades de algumas bolsistas no período. Como relato e reflexão sobre esse trabalho, resultaram algumas publicações, dentre as quais destaco as seguintes: SCHMIDT, Simone P.; BARBOSA, Márcia H.S. (orgs.). *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura – Unidade Editorial, 1997. ⁸⁹

SCHMIDT, Simone P.; BARBOSA, Márcia H.S. “Para amadores de poesia”. *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura – Unidade Editorial, 1997. P. 3-4. ⁹⁰

SCHMIDT, Simone P. “A cidade por detrás da vidraça”. *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura – Unidade Editorial, 1997. P. 61-64. ⁹¹

SCHMIDT, Simone P. “Rastros íntimos de uma vida pública: a correspondência de Mario Quintana e o dilema público/privado nas mãos do pesquisador”. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, vol. 4, n.1, out 1998. – Anais do 3º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros (Org. Maria da Glória Bordini). p. 31-35. ⁹²

SCHMIDT, Simone P. “Mario Quintana e a difícil arte de ser ‘menor’”. *Ciências e Letras*; Revista da Faculdade Porto-Alegrense de educação, *Ciências e Letras*, nº 39, p. 65-71, jan-jun. 2006. ⁹³



SCHMIDT, Simone P. “Poéticas de localização: a casa e a rua no romance português contemporâneo”. In: SANTOS, Alckmar L. (Org.). *Lugares textuais do romance*. Florianópolis, Picardie: PPGL-UFSC/Université de Picardie, 2001, p. 315-328.

50 Soma-se a isso que, neste primeiro período (2004-2007) de produtividade em pesquisa, fui contemplada, em 2005, com uma bolsa Capes de pós-doutorado em Portugal ⁹⁴, para desenvolver parte de minha investigação na Universidade Nova de Lisboa, sob supervisão da Dra. Isabel Allegro de Magalhães. ⁹⁵

A seguir, relato brevemente as etapas realizadas durante esse período em Portugal.

Do lado de lá do mar: Lisboa

Mas vê, nossos mares são aqueles que fazemos, cheios de peixes ou não, opacos ou transparentes, vermelhos ou negros, altos ou rasos, estreitos ou sem orlas, e 'nós-mesmas' somos mar, areia, corais, algas, praias, marés, nadadoras, crianças, ondas.

(“O riso da medusa”, Hélène Cixous)

Como já afirmei, o objetivo geral do projeto de pesquisa era investigar a experiência do exílio, em seus múltiplos sentidos, na representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro do universo da comunidade político-cultural luso-africana. Minha primeira hipótese em relação ao local para a realização da pesquisa veio a se confirmar: ao escolher Portugal, e mais especificamente, Lisboa, como um lugar de trânsito, passagem, contato, entre os diversos

2002



Coordenação do V Seminário Internacional Fazendo Gênero, na UFSC, em conjunto com Sonia W. Maluf

países que, embora distantes geográfica e culturalmente, compartilham algumas experiências decisivas, tais como a de terem sido, num passado mais ou menos remoto, colônias do mesmo império, apostava na possibilidade de vir a suprir lacunas historicamente existentes no contato entre as diferentes culturas dos países de língua portuguesa. Considero, assim, que o primeiro objetivo da pesquisa – o contato com as diferentes culturas de língua portuguesa, a ampliação do conhecimento de sua literatura e de sua história – foi amplamente atingido, através da pesquisa bibliográfica, dos seminários e dos eventos de que tive a oportunidade de participar, além do contato com professores, pesquisadores, escritores e artistas de diversos países da comunidade de língua portuguesa.

Ao expandir meus contatos para além da Universidade Nova de Lisboa, tive oportunidade de ser recebida na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, onde mantive contatos muito produtivos, ao acompanhar seminários do Mestrado em Estudos Brasileiros e Africanos, ao assistir e ao participar de colóquios, conferências e eventos, ao manter contato constante com o corpo docente e discente da Universidade. Para isso, contei com o acolhimento e o apoio constantes principalmente da Professora Vânia Pinheiro Chaves, coordenadora do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa ⁹⁶, e da Professora Ana Mafalda Leite, da área de Estudos Africanos, que naquele semestre ministrava um seminário em nível de Pós-Graduação justamente sobre o tema de minha pesquisa, ou seja, os “Diálogos Pós-coloniais entre as Literaturas Africanas e a Literatura Portuguesa”. Além de frequentar este seminário, fui convidada pela Professora Ana Mafalda a ministrar uma conferência para seus alunos, sobre o tema: “Discursos da guerra e representações de gênero em *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge” ⁹⁷. Outro contato importante nesta Universidade foi com o Centro de Estudos Africanos, coordenado pela

Programa semanal “Prosa e Verso”, na TV UFSC, juntamente com Fábio Lopes da Silva. Até 2005



2002

52 Professora Isabel Castro Henriques, o qual, durante minha permanência, organizou eventos, ciclos de filmes e debates, o que me proporcionou momentos de intenso contato e intercâmbio com pesquisadores da área. Ainda através da Professora Ana Mafalda, tive acesso a um constante intercâmbio com escritores, intelectuais e artistas africanos, que com alguma frequência se reuniam na Universidade e em outros pontos culturais de Lisboa, como a saudosa Livraria Mabooki, de Livia Apa, especializada na área de minha investigação, e difusora cultural dos temas a ela relacionados.

O contato com a Universidade de Évora foi também relevante, tendo o mesmo se dado principalmente através da Professora Beatriz Weigert, a qual me convidou a participar de um evento em homenagem ao escritor Erico Verissimo, promovido pelo Mestrado em Estudos Lusófonos daquela Universidade, onde ministrei uma conferência sobre tema pertinente à minha pesquisa, ou seja, o da representação de mitos femininos, na perspectiva da crítica feminista e dos estudos de gênero.

Ao operar com as categorias gênero, etnia e raça, pretendi verificar como o exílio se constitui em experiência pós-colonial, para a qual confluem, e na qual se intersectam, esses marcadores identitários. Com relação a este aspecto do projeto, foi muito importante o acesso a bibliotecas e centros de documentação em Portugal, que me permitiram a realização da pesquisa bibliográfica, garantindo-me o acesso a autores e textos dificilmente encontrados no Brasil. A pesquisa bibliográfica desdobrou-se em três etapas.

Na primeira, dediquei-me a levantar o material existente sobre literatura e história africanas, bem como sobre as discussões em torno do conceito de raça. Esta etapa

2002



SCHMIDT, simone P. "A cidadã paradoxal". *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, p. 140-141, dez. 2002.

realizou-se basicamente nas bibliotecas da Universidade de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa e da Sociedade de Geografia. Ainda nesta etapa, dediquei-me a investigar os autores portugueses que enfocam, em sua produção literária recente, os temas das guerras coloniais e dos processos de libertação dos países africanos que foram colônias de Portugal.

Na segunda etapa, dediquei-me a examinar o conceito de exílio, e o levantamento bibliográfico foi feito nas bibliotecas das universidades já referidas, e, principalmente, na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Por fim, a terceira etapa da pesquisa bibliográfica foi dedicada à investigação dos estudos pós-coloniais, especialmente em sua intersecção com as teorias feministas. Para esta etapa do trabalho, além das bibliotecas e centros de documentação já citados, foi fundamental a frequência à Biblioteca Norte/Sul, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, coordenado pelo Dr. Boaventura de Sousa Santos ⁹⁸, que gentilmente, contatado por minha supervisora, Dra. Isabel Allegro de Magalhães, disponibilizou os equipamentos do Centro, bem como seus funcionários, para auxiliar-me na realização da pesquisa.

Na investigação sobre os estudos pós-coloniais, foi também enriquecedora a participação em seminários promovidos dentro do Curso de Pós-Graduação em Migrações, Minorias Étnicas e Transnacionalismo da Universidade Nova de Lisboa, onde pude entrar em contato com diversos professores e pesquisadores do universo acadêmico luso-africano, dedicados à investigação interdisciplinar em torno de temas ligados ao colonialismo e ao pós-colonialismo.

■ Participação no Convênio PROCAD-Capes, realizado entre UFSC e Universidade Federal da Paraíba (UFPb). Nesse período, ministrei cursos junto à Pós-Graduação em Letras da UFPb. Até 2006

54 Por fim, gostaria de acrescentar que o contato com professores brasileiros que atuam na área dos estudos lusófonos, tais como Vânia Chaves (Universidade de Lisboa) e Beatriz Weigert (Universidade de Évora) possibilitou-me efetuar uma interessante interface de minha investigação com temas afins na literatura brasileira, especialmente quando fui convidada a apresentar os seguintes trabalhos: “*Ana Terra, um mito feminino de Erico Veríssimo*” (Universidade de Évora) ⁹⁹ e “*Amores no feminino*”, uma incursão ao tema amoroso a partir de escritoras brasileiras contemporâneas (Universidade de Lisboa) ¹⁰⁰.

No campo dos estudos feministas, é de salientar o contato mantido com professores e pesquisadores da Universidade Aberta de Lisboa, especialmente através da Professora Teresa Joaquim, com quem já mantinha contato anterior, em função da *Revista Estudos Feministas* (de que, como já esclareci anteriormente, sou uma das editoras, na Universidade Federal de Santa Catarina).

Além da pesquisa bibliográfica e da participação em seminários de Pós-Graduação e de eventos científicos, acadêmicos e culturais, foram também realizadas algumas entrevistas, com bons resultados para a investigação, tais como com o Prof. Dr. José Fialho (professor de Antropologia do ISCTE-Universidade de Lisboa), com o poeta angolano Arlindo Barbeitos, com a Dra. em Lingüística Fernanda Cavacas, especialista na obra de Mia Couto, e com o Dr. Boaventura de Sousa Santos, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Considerando as etapas de investigação, enumeradas acima, que tinha me proposto realizar no Estágio Pós-Doutoral, e considerando o desempenho e os resultados obtidos durante a realização do Estágio, minha avaliação é de que o mesmo foi

2002



SCHMIDT, Simone P. “Partes de África: errâncias num mapa mudado”. In: CERDEIRA, Teresa C. (Org.). *A experiência das fronteiras: leituras da obra de Helder Macedo*. Niterói: Eduff, 2002, p. 113-120.

extremamente produtivo, e seus objetivos, plenamente alcançados, chegando mesmo a superar minhas expectativas.

55

De volta ao Brasil

*Resta somente, e regressada a casa,
poster colado na porta deste quarto,
e é Marilyn Monroe, o seu sorriso,
essa pérola-em-carne-anos-60,*

*quem cobre, feito concha de papel,
a linha onde me perco e me sustento (...)*

(“Abalos culturais e comoções”, Ana Luísa Amaral)

Ao retornar ao Brasil, no ano de 2006 ministrei uma disciplina em que procurei compartilhar, com meus orientandos e demais alunos da Pós-Graduação, os principais resultados colhidos até então em minha pesquisa. O curso intitulou-se “A experiência pós-colonial no território transnacional de língua portuguesa: aspectos de gênero e raça”¹⁰¹, e propôs-se a desenvolver um diálogo entre culturas situadas em diferentes universos político-culturais, mas que compartilham um passado colonial que enseja uma investigação do significado de seus desdobramentos no presente. Tomando por objeto narrativas do chamado espaço-tempo da língua portuguesa, em especial narrativas angolanas, moçambicanas e portuguesas contemporâneas,



SCHMIDT, Simone P. “Lá e cá: sujeitos fora do eixo”. In: DUARTE, Constância L.; SCARPELLI, Marli F. (Orgs.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: UFMG/PPGL, 2002, p. 48-57. Col. Mulher e Literatura, v. 3.

2002

56 o foco da discussão foi orientado para a representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro de seus contextos históricos específicos. Paralelamente, dediquei-me também à divulgação das literaturas africanas de língua portuguesa no Curso de Graduação em Letras-Português, tendo criado a disciplina optativa **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa** ¹⁰². Nesta e em outras disciplinas onde inseri conteúdos ligados às culturas africanas, procurei trabalhar com a proposta de um universo cultural de língua portuguesa, onde Portugal como antiga metrópole perde sua centralidade, passando a integrar este universo de uma língua “sem dono”, numa perspectiva multicultural, transnacional e pós-colonial das literaturas em português.

Em março de 2006, encerrando o Convênio PROCAD-Capes que se desenvolveu entre os Programas de Pós-Graduação em Literatura e Lingüística da UFSC e da Universidade Federal da Paraíba - UFPb desde 2002, ministrei um curso de curta duração na UFPb, em que também compartilhei os resultados de minha pesquisa. O curso dedicou-se ao tema das Identidades Pós-Coloniais no território transnacional de língua portuguesa⁴⁶.

46 Minha relação com a UFPb, no período em que transcorreu o convênio PROCAD UFSC-UFPb (2002-2006), merece comentário à parte. Tendo estabelecido vínculos muito sólidos com colegas e alunos/as desta Universidade, ministrei nada menos do que quatro cursos no período, sendo os dois primeiros (2002 e 2003) dedicados à Crítica Feminista [abr 2002 – Crítica feminista contemporânea ¹⁰³; ago 2003 – Interseções entre as teorias feministas e os estudos pós-coloniais (minicurso X Seminário Nacional e I Seminário Internacional Mulher e Literatura, UFPb ¹⁰⁴)]; em 2004, ministrei curso intitulado “A experiência pós-colonial luso-africana: algumas questões de gênero e raça” e, finalmente em 2006, ministrei o curso “Identidades pós-coloniais no território transnacional de língua portuguesa” ¹⁰⁵. Desse intenso intercâmbio com a UFPb, resultaram muitos frutos, como minha posterior participação em bancas e eventos realizados naquela Universidade (cito, com exemplo, a conferência “Os desafios da representação antirracista: poéticas e políticas de leitura descolonial” que ministrei em 2012, no IV Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-Brasileiros e I Semana Afroparaibana, realizado na UFPb ¹⁰⁶, e também minha participação em mesa redonda no XIII Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na UEPb em 2013, onde apresentei trabalho intitulado “Pós-colonialismos, feminismos e diásporas”) ¹⁰⁷. Este último trabalho, apresentado na ABRALIC, foi posteriormente publicado no livro *Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e*

2003



MARCO, Edina de; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). “Seção Temática Mulheres e Artes”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. v. 11, n. 1, 2003.

MARCO, Edina; SCHMIDT, Simone P. “Além de uma tela só para si”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n.1, p. 11-16, 2003.

Em maio de 2006, participei do Seminário: “Translocalities/Translocalidades – Feminist Politics of Translation in the Latin/a Americas.”¹⁰⁹, a convite do Center for Latin America, Caribbean, and Latino Studies, da University of Massachusetts at Amherst Campus Center (EUA), onde tive oportunidade de apresentar alguns resultados de minha investigação a um grupo interdisciplinar e constituído de pesquisadoras de vários países das Américas⁴⁷.

Em julho de 2006, no X Simpósio Internacional da ABRALIC, coordenei, juntamente com minha colega da UFSC, Claudia de Lima Costa, um simpósio intitulado “Os (trans)lugares da crítica feminista”, em que se procurou mapear os espaços de intersecção de vários itinerários ligados a diferentes histórias de pertencimento, migração, exílio – ou seja, lugares simultaneamente históricos e estruturais, discursivos e materiais, geográficos e de posições do sujeito– examinando, através deste mapeamento, a circulação de textos e identidades na crítica feminista.

apropriações de sentido, organizado por Flavio Garcia e Inocência Mata, (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016), sob o título “A guerra segundo as mulheres: por uma visão feminista e pós-colonial dos relatos de guerra em Angola” (p. 326-338)¹⁰⁸. Cabe ainda referir que coorientei a tese de doutorado de uma professora da UFPb, Ana Adelaide Peixoto Tavares, defendida em 2008 na UFPe.

- 47 Este grupo internacional e transdisciplinar, que em 2006 teve um momento de intensivo trabalho reunindo toda a equipe na Universidade de Massachusetts (Amherst-EUA), teve vários encontros anteriores e posteriores, como nos Congressos da LASA (Latin American Studies Association) de 2000, em Miami-USA, de 2007 em Montreal-Canadá¹¹⁰, de 2009 no Rio de Janeiro¹¹¹, e de 2012 em San Francisco-USA¹¹². No encontro da Universidade de Massachusetts, em Amherst-EUA, apresentei trabalho intitulado “Far and near: the Creole Nation crosses the Black Atlantic”. Dos encontros desse grupo, Translocalities/Translocalidades (que de forma bem-humorada se auto-apelidou carinhosamente de *Translocas*), um resultado significativo foi a publicação pela Duke University Press em 2014, do alentado livro *Translocalities/Translocalidades*, organizado por Sonia Alvarez et al., onde participei com o artigo intitulado “Cravo canela bala e favela: Luso-Afro-Brazilian feminist postcolonialities” (p. 78-94)¹¹³. Uma versão anterior desse artigo foi publicada na *Revista Estudos Feministas*, vol.17, n.3., p. 799-817, set-dez. 2009¹¹⁴. Cabe ainda mencionar, remontando às origens do trabalho deste grupo, que em 2000 ministrei conferência intitulada “The routes of feminism in Brazil: 1970-1990”, na Casa Latina, da University of California – Santa Cruz; no mesmo ano, apresentei trabalho no Congresso da LASA, em Miami, em mesa redonda intitulada “Feminist theories in the Latin/a Americas: the transnational politics of translation”.



SCHMIDT, Simone P. “Nas trilhas do tempo: anotações sobre o trânsito das teorias feministas no Brasil”. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (Orgs.). *Refazendo nós*. Florianópolis: Mulheres/Edunisc, 2003, p. 451-460.

58 Em agosto de 2006, integrando a Comissão Organizadora do *VII Seminário Internacional Fazendo Gênero*, realizado na UFSC, coordenei, juntamente com a Professora Dra. Liane Schneider (UFPb), um simpósio temático dedicado ao tema “Estudos Feministas e Pós-Coloniais”¹¹⁵, além de ter organizado uma mesa redonda sobre o tema “Gênero e Identidades Pós-Coloniais”¹¹⁶, com a participação das Professoras Dras. Rita Schmidt (UFRGS), Claudia de Lima Costa (UFSC), Liane Schneider (UFPb) e Mirian Adelman (UFPR).

Cabe mencionar ainda, como itens a destacar nas atividades desenvolvidas neste período, a criação na UFSC do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), cuja coordenação passei a integrar, em conjunto com as Professoras Joana Pedro (História) e Mara Lago (Psicologia). E, por fim, uma atribuição tão relevante quanto trabalhosa: a coordenação editorial da *Revista Estudos Feministas*, periódico acadêmico quadrimestral, cadastrada na Scielo e financiada pelo CNPq, coordenação esta, assumida em fevereiro de 2006, juntamente com as Professoras Sônia Maluf e Cristina Scheibe Wolff, ambas da UFSC⁴⁸.

Para concluir este já longo relato sobre meu primeiro projeto financiado pelo CNPq, no período 2004-2007, faço a seguir um apanhado de suas principais reflexões. A partir do propósito central da pesquisa, que era, tal como já foi assinalado, investigar os modos como se constituem diferentes experiências de exílio em narrativas contemporâneas de língua portuguesa – particularmente de Portugal e de suas ex-colônias africanas, desenvolvi um diálogo entre culturas situadas em diferentes universos político-culturais, mas que compartilham um passado colonial que enseja uma investigação do significado de seus desdobramentos no presente.

48 Tanto a coordenação do IEG como a coordenação editorial da *Revista Estudos Feministas*, neste período imediatamente posterior ao Pós-Doutorado em Portugal (2006-2007), já foram referidas anteriormente neste memorial.

2004



SCHMIDT, Simone P; COSTA, C. L. (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

SCHMIDT, Simone P. “Com o exílio na pele”. In: COSTA, Claudia Lima; SCHMIDT, Simone P. (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004, p. 197-206.

Situados em posições não apenas divergentes, mas por certo conflituosas dentro do mapa colonial, Portugal e suas ex-colônias na África construíram uma relação complexa que transcende a simples dicotomia colonizador-colonizado, embora a dominação tenha deixado suas marcas nas sociedades que foram colonizadas. Tomando por objeto narrativas do chamado espaço-tempo da língua portuguesa (utilizo aqui o conceito de Boaventura de Sousa Santos, 2001), em especial narrativas angolanas, moçambicanas e portuguesas contemporâneas, o foco da discussão foi orientado para a representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro de seus contextos históricos específicos. Pontuo a seguir alguns dos principais tópicos discutidos na pesquisa.

O pós-colonial nos países de língua portuguesa

A primeira discussão que desenvolvi foi sobre o uso do conceito “pós-colonial” em diferentes situações e lugares de negociação com o passado colonial, cujas heranças são mais do que concretas nas sociedades em questão, além de resultarem em representativo material simbólico com o qual lidamos nas narrativas analisadas.

É de se considerar que, mesmo tendo Portugal e suas ex-colônias vivenciado com grande impacto a experiência colonial, ainda há muito para analisar em suas literaturas sobre a experiência pós-colonial. Em sua grande maioria, os debates em torno do tema tiveram como objeto a experiência pós-colonial nos países outrora ligados aos impérios britânico e francês. A América Latina, por exemplo, tem sido alvo de controvérsias, já que autores significativos, como Walter Mignolo (2000), defendem a inadequação do emprego do termo “pós-colonial” para definir sua experiência histórica. Evidentemente, há excelentes trabalhos que vêm sendo desenvolvidos,

60 por estudiosos da literatura portuguesa e também das literaturas africanas, com ênfase nestas discussões teóricas, mas é razoável avaliar que tal questão deverá ainda ser bastante ampliada.

É fato que, para as ex-colônias portuguesas, a situação colonial permanece, como experiência dolorosamente vivida, ainda muito tempo depois das guerras e/ou dos processos de independência. Ter sido colonizado, como diz Edward Said, se converteu em um destino duradouro:

Pobreza, dependência, subdesenvolvimento, diferentes patologias do poder e da corrupção junto com, obviamente, importantes ganhos nas guerras de libertação, a alfabetização e o desenvolvimento econômico: essa mescla de traços caracterizou os povos colonizados, que, por um lado, se tornaram livres, mas por outro, seguiram sendo vítimas do seu passado.⁴⁹ (SAID, 1996, p. 26)

E é ainda Said quem afirma que:

O status dos povos colonizados permaneceu fixo em zonas de dependência e periferia, estigmatizado na categoria de subdesenvolvidos, menos desenvolvidos, Estados em desenvolvimento, governados por um colonizador superior, desenvolvido ou metropolitano que teoricamente foi pensado com a categoria antitética. Em outras palavras, o mundo está dividido em maiores e menores (...) (SAID, 1996, p. 26-27)⁵⁰

Contudo, ao olharmos para a relação que países como Angola e Moçambique estabelecem com sua antiga metrópole, há que se levar em conta a especificidade dessa relação, especificidade esta que reside na posição incomum que Portugal ocupa no

49 Minha tradução.

50 Minha tradução.



mapa das antigas metrópoles ocidentais. O lugar semiperiférico de Portugal neste mapa marca significativamente a relação que o país trava com suas ex-colônias, e daí decorre que, entre colonizador/colonizado, estabelece-se uma estranha identidade.

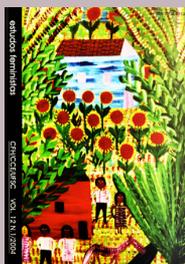
Boaventura de Sousa Santos (1995) argumenta que Portugal ficou à margem do processo de formação das culturas nacionais, criações do século XIX, por debilidade do Estado português em forjar uma imagem do país para si mesmo, imagem que o diferenciase e definisse perante os outros países. Assim, diz ele,

A manifestação paradigmática desta matriz intermédia, semiperiférica, da cultura portuguesa está no facto de os Portugueses terem sido, a partir do século XVII, (...) o único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem. (SANTOS, 1995, p. 151-152)

Em outras palavras, e voltando a Boaventura de Sousa Santos,

Portugal, ao contrário dos outros povos europeus, teve de ver-se em dois espelhos para se ver, no espelho de Próspero e no espelho de Caliban, tendo a consciência de que o seu rosto verdadeiro estava algures entre eles. Em termos simbólicos, Portugal estava demasiado próximo das suas colônias para ser plenamente europeu, e, perante estas, estava demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador conseqüente. (SANTOS, 1995, p. 152)

Portanto, encontramos, a identificar de algum modo a colônia e o colonizador, dois cenários de ruína: de um lado, a falência do império, que, desalojado precocemente de seu papel de ponta de lança da empresa marítima renascentista, enclausura-se



SCHMIDT, Simone p.; COSTA, Claudia L. "Entre o saber e o fazer: Entrevista com Marysa Navarro". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 157-170, 2004.

62 no passado, a imaginar-se como pertencendo ao centro, estando, na verdade, “sem emprego”, para usar palavras de Fernando Pessoa⁵¹; de outro lado, as ex-colônias em África, devastadas pelo longo processo de colonialismo, escravidão, abandono, descaso, e por fim as guerras, de libertação e civis.

Minha análise teve por objeto algumas narrativas contemporâneas das literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa, em que se encontra representada a experiência pós-colonial, a partir de diferentes perspectivas. O primeiro critério para seleção do *corpus* foi, portanto, a presença de personagens e/ou narradores representativos da condição pós-colonial, a partir de diferentes lugares subjetivos, espaciais e temporais. O segundo critério para a seleção foi a presença do tema do exílio, como motivo significativo, nos conflitos subjetivos e históricos representados dentro das tramas narrativas.

Nesse sentido, como ponto de partida foram selecionados alguns textos, de autores portugueses (Lúcia Jorge, Helder Macedo, António Lobo Antunes, Wanda Ramos e Teolinda Gersão) e africanos – em especial de Angola, Moçambique e Cabo Verde (José Eduardo Agualusa, Mia Couto, Paulina Chiziane e Orlanda Amarílis). Há que se considerar, em relação ao *corpus* trabalhado, que um primeiro esforço da pesquisa foi no sentido de minimizar o impacto da imensa distância, e do desconhecimento que separam as diferentes culturas de língua portuguesa no presente. Há que se considerar a dificuldade de acesso a tal *corpus* bibliográfico no Brasil, devido aos

51 Pertença a um género de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.
PESSOA, Fernando. “Opiário”.
Disponível in <http://arquivopessoa.net/textos/2456>. Acesso em 3.12.2018.



muitos entraves representados pelas políticas editoriais, além do difícil intercâmbio cultural entre nosso país e os países africanos. José Eduardo Agualusa já destacou muito bem essa questão, ao comentar o quase desconhecimento dos brasileiros acerca da existência de uma cultura de expressão portuguesa no continente africano. O escritor angolano afirma ter vivenciado, em visita ao Brasil, alguns episódios que demonstravam o estranhamento de muitos brasileiros em relação à sua língua e à sua origem. Tais episódios, para Agualusa,

ilustram a falta de informação do brasileiro médio relativamente a África. Ignorância perversa: o Brasil é, claramente, uma nação de matriz africana (luso-africana). O negro, porém, continua associado à escravidão e à pobreza, e ele próprio tem tendência a iludir a sua origem. O Brasil necessita de redescobrir África, na vitalidade da sua cultura moderna, pois só assim os brasileiros de origem africana poderão recuperar o orgulho e a dignidade.⁵²

Considero, assim, um privilégio ter sido contemplada com uma bolsa de estágio Pós-Doutoral da Capes, que me permitiu desenvolver parte da investigação em Portugal. Parece-me evidente que Portugal, em sua condição de ex-metrópole, pode nos servir, hoje, conforme já referi, como um lugar de trânsito, passagem, contato, entre esses diversos países que, embora distantes geográfica e culturalmente, compartilham algumas experiências decisivas, tais como a de terem sido, num passado mais ou menos remoto, colônias de um mesmo império. Paul Gilroy (2001) chamou de *Atlântico Negro* o mar sem fronteiras que, sem contornos definidos, liga as culturas diferentes e dispersas da África, da América e da Europa. Simbolicamente, minha pesquisa navegou neste oceano.

52 www.terraviva.pt/ilhadomel/4201/paginas/jose_eduardo_agualusa.htm. Acesso em 5.11.2018.

- Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa, com bolsa Capes, sob supervisão da Dra. Isabel Allegro de Magalhães
- Criação do Instituto de Estudos de Gênero, para congregar os trabalhos de pesquisa e extensão sobre feminismo e gênero realizados na UFSC
- Criação da disciplina optativa Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no Curso de Graduação em Letras-Português da UFSC

Num segundo momento, ao operar com as categorias gênero e raça, meu trabalho efetuou o cruzamento de dois corpos teóricos: as teorias feministas e os estudos pós-coloniais, para efetuar olhares sobre universos culturais distantes, o africano e o europeu, no intuito de articular, pela prática interpretativa, modos de tradução cultural de diferentes contextos pós-coloniais, que resultem em novas formas de iluminar seus aspectos de diferença. São muitos os desafios enfrentados na complexa ligação do feminismo com o pós-colonial. Mas, apesar das dificuldades, esta tem sido uma convivência proveitosa, e por isso merecem destaque algumas importantes contribuições que o discurso pós-colonial tem a oferecer na definição de rumos para a teoria feminista contemporânea.

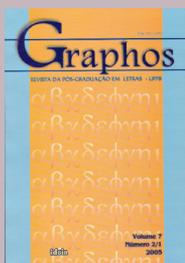
A primeira delas parte do conceito de “zona de contato” formulado por Mary Louise Pratt (1999). A autora, como sabemos, toma o conceito de empréstimo da Lingüística: a zona de contato seria, no mapa das relações coloniais, o lugar em que falantes de diferentes línguas nativas estariam justapostos, surgindo desse encontro a linguagem do contato, necessariamente híbrida, muitas vezes caótica e sempre aberta às muitas possibilidades da interação lingüística. Deslocando a idéia da zona de contato para a crítica contemporânea, Mary Pratt (1999) percebe a possibilidade de se pensar as fronteiras sendo trazidas para o centro da discussão, “enquanto centros homogêneos são deslocados para as margens” (PRATT, 1999a, p. 13). Com sua proposta a autora não está, como pode parecer, resvalando para o elogio puro e simples da margem; a perspectiva da zona de contato põe a autonomia de diferentes identidades em interação, “como faixas fronteiriças, como locais de permanente interação crítica e inventiva com a cultura dominante, como zonas de contato per-

meáveis através das quais as significações se movem em muitas direções” (PRATT, 1999a, p. 14).

As implicações de tal ideia para a teoria feminista são bastante evidentes. Se, como afirma Teresa de Lauretis (1994), não podemos estar fora das tecnologias do gênero, parece-me que o constante movimento operado pela teoria se enriquece na perspectiva do contato. O gênero passa a ser mais um elemento, constantemente negociado, juntamente com a classe, a etnia, a raça, a nacionalidade, etc. Trata-se, como afirma Ella Shohat (2001), de ressignificar a idéia de relacionalidade. Ou seja: mais do que enfocar comunidades em resistência contra um centro dominante (o que é ainda uma forma de privilegiar o centro, pelo menos como antagonista), o que se procura é “estender laços horizontais e verticais, entrelaçando comunidades e histórias em uma rede conflituosa” (SHOHAT, 2001, p. 158).

Uma segunda importante contribuição do discurso pós-colonial para o feminismo vem da formulação de Ella Shohat (2001) acerca da necessidade que enfrentamos de desconstruir a história eurocêntrica do feminismo. Em países periféricos, como é o caso das nações africanas que lutam por construir uma identidade pós-colonial a partir dos anos 70, a história do feminismo, como a história em geral, muitas vezes na contramão da pós-modernidade, escreveu-se em sofridas lutas, onde a classe e a raça necessariamente se articulavam ao gênero, colocadas suas urgências todas na ordem do dia, antes mesmo de tal articulação imperar nas agendas dos feminismos metropolitanos.

Não há como, efetivamente, escrever a história do feminismo reivindicando uma especificidade construída a partir de fora da nossa experiência. Por isso talvez a



SCHMIDT, Simone P.; RAMOS, Tânia R. O. “Escritoras brasileiras do século XIX”. *Graphos*, João Pessoa, v. 7, n. 1-2, p. 219-222, 2005.

66 tarefa mais urgente para a teoria feminista agora seja a de reler sua história a contrapelo, estabelecer uma zona de contato em que se ponham em diálogo as narrativas produzidas nestes países, a história, lida através das narrativas selecionadas para análise, e as teorias produzidas no espaço acadêmico, traduzidas dos grandes centros hegemônicos.

Uma rede de interações dessa natureza, em grande parte, ainda está por ser feita, em muitos campos de nossa prática teórica. Isso representa trabalhar, efetivamente, nos espaços lacunares produzidos pela globalização, na construção de lugares outros, não centralizados, de saber e de poder. É nesse sentido que apontou minha investigação.

O exílio como experiência dos sujeitos pós-coloniais

Por fim, minha pesquisa, no período 2004-2007, também se dedicou a investigar como a experiência do exílio, que muitas vezes marca indelevelmente os sujeitos pós-coloniais representados em narrativas contemporâneas, constitui-se num momento particularmente significativo de intersecção de múltiplos vetores identitários, ou, em outras palavras, como o exílio, para esses sujeitos, é impregnado por gênero e raça. Se há uma palavra que traduz bem o sentimento daqueles que vivem os deslocamentos, as idas e vindas que a condição pós-colonial propõe, e por vezes impõe, esta palavra é o exílio.

É bem verdade que o exílio tornou-se, para todos nós que vivemos na pós-modernidade, uma experiência demasiado familiar. Stuart Hall (2003) identificou a sensação quase universal de des-locamento, ou seja, o sentimento, por todos conhecido, de que “não estamos em casa” (HALL, 2003, p. 27). Edward Said (2003) percebe, en-

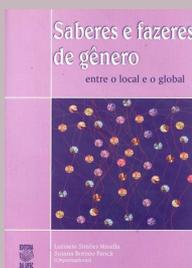
2006

- Vice-Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Até 2009
- Coordenação do Instituto de Estudos de Gênero, na UFSC, juntamente com Joana Pedro e Mara Lago. Até 2007
- Coordenação editorial da *Revista Estudos Feministas*, juntamente com Cristina S. Wolff e Sônia W. Maluf. Até 2007
- Participação no Seminário: “Translocalities/Translocalidades – Feminist Politics of Translation in the Latin/a Americas.”, na University of Massachusetts at Amherst Campus Center (EUA)

tre os múltiplos sentidos que a palavra carrega, o exílio como uma forma de (mal) estar-no-mundo, que caracteriza e explica a permanente desadaptação de muitos daqueles que compartilham os sentidos profundos de viver no mundo contemporâneo, fraturado por guerras, conflitos geopolíticos, perdas identitárias.

Mas ao falar do exílio como marca da condição pós-colonial, temos que entender o não-pertencimento, a desadaptação, o sentimento enfim de estar “fora de casa” num sentido menos metafórico, e dolorosamente impregnado de historicidade. Ao pensarmos na experiência dos exilados, traçamos mentalmente o mapa de longos percursos, de grandes distâncias percorridas, de mares atravessados, em situações geralmente dramáticas, de escravidão, de perseguição política, de fome, de diáspora. Há ainda o exílio dos que não partem, e que por força dos acontecimentos históricos, veem-se transformados em testemunhas da perda de sua casa, de sua família e de seu país. Para aqueles que vivenciaram as mudanças traumáticas promovidas pelas guerras coloniais e pós-coloniais, e a difícil construção de um momento histórico pós-independência, permanecer em casa ganha um sentido a mais, para além do exílio como sensação comum a todos os sujeitos modernos. Aqueles que ficaram em sua terra, e a viram devastada por guerras e miséria, experimentam uma outra situação de exílio, que os faz testemunhas das profundas mudanças vividas, e no seio de tais diferenças, negociam novos significados para si, como sujeitos. O drama que vivenciam é, em última instância, o drama de sua própria identidade.

Não me estenderei mais nos detalhes desta pesquisa, a fim de não tornar o relato excessivamente longo, mas o que gostaria de deixar claro é o grande salto, em termos qualitativos, que representou em minha trajetória este momento de início de um processo mais organizado e sistemático de pesquisa, aliado ao período de



SCHMIDT, Simone P. “Niketche, uma dança para muitos corpos”. In: FUNCK, Susana B.; MINELLA, Luzinete S. (Orgs.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 177-192.

68 pós-doutoramento em Portugal. Disso resultou um engajamento mais profundo com meus projetos de investigação, além de ter encontrado, a partir de então, os fios condutores, o eixo que passou a nortear meus passos dali em diante, ou seja, a intersecção gênero/raça, ou dito de outro modo, as preocupações em torno dos campos dos estudos feministas articuladas aos temas advindos das relações étnico-raciais, no universo da língua portuguesa.

A partir desse primeiro e importante momento, desenvolvi um percurso de pesquisa que se estendeu pelos anos seguintes, até o momento presente.

No rastro da história colonial

*Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos.*

(“Súplica”, Noémia de Souza)

Em minha segunda pesquisa financiada pelo CNPq, intitulada **“Identities, exílio e violência no rastro da história colonial”**¹¹⁷, que se desenvolveu desde 2007 até 2010, dediquei-me à investigação dos efeitos persistentes da história colonial portuguesa, analisando formas culturais contemporâneas que, na literatura e no cinema, encenam os desdobramentos de uma matriz comum de poder (o império

2006



SCHMIDT, Simone P. “Desmundo, desmando, desencanto”. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília A.; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.). *Da mulher às mulheres; dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 263-271.

português e seu projeto colonial) em termos de identidade, gênero e raça, nos países de língua portuguesa, em especial os africanos (Angola, Moçambique e Cabo Verde), Brasil e Portugal. Dentre os efeitos mais representativos a enfatizar, destacaram-se os motivos do exílio e da violência.

Com o intuito de concretizar o propósito da pesquisa, elaborei, num primeiro momento, uma tipologia do exílio na experiência pós-colonial, dando ênfase às intersecções entre as categorias de gênero e raça na configuração dos sujeitos de/em exílio, no intuito de investigar como se representa a experiência do exílio em diferentes contextos pós-coloniais, levando em conta o percurso traçado pelos sujeitos, marcados pelos traumas das guerras e por outras vivências que resultam do projeto colonial português. Neste momento, o foco da análise incidiu sobre as mulheres como protagonistas da ação e personagens alegóricas dos processos históricos investigados. No segundo momento da pesquisa, o foco incidiu sobre o tema da violência como desdobramento da história colonial portuguesa, sendo analisadas narrativas literárias e cinematográficas contemporâneas que encenam, de forma representativa, os traços culturais e políticos que abordei nesta discussão. Assim, a seleção de textos literários e fílmicos recaiu sobre aquelas obras que, de forma mais contundente e icônica, trazem para seu público a reflexão sobre as culturas brasileira e africanas de língua portuguesa como herdeiras de uma mesma violência matricial, com base na empresa colonial portuguesa, mas que, de formas diferentes, constroem respostas estéticas e políticas para o enfrentamento de seus problemas. Através dessa análise, discuti a possibilidade de construção do que se poderia denominar uma “reinvenção da lusofonia”, ou, em outras palavras, de um projeto emancipatório comum para os países ditos lusófonos, dentro do horizonte de seus problemas históricos comuns, e também das grandes diferenças existentes entre eles.

70 As etapas do trabalho desenvolvido ao longo da investigação foram basicamente as seguintes: 1. Elaboração de uma tipologia da experiência pós-colonial (análise de obras das literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa – Angola, Moçambique e Cabo Verde); 2. O colonialismo português, a miscigenação e o racismo: leitura da obra de Gilberto Freyre à luz de sua recepção contemporânea nos países de língua portuguesa, enfocando os temas do colonialismo português e do lusotropicalismo; 3. No rastro da história colonial: violência e racismo nas culturas de língua portuguesa, em seus aspectos de gênero e raça (análise de obras literárias e cinematográficas portuguesas, dos países africanos de língua portuguesa – Angola, Moçambique e Cabo Verde – e brasileiras); 4. Exílio, racismo e violência: marcas da história colonial (discussão de caráter teórico com base nas abordagens realizadas nos itens anteriores); 5. Reinventando a lusofonia ou um projeto emancipatório para as culturas de língua portuguesa: intersecções entre práticas teóricas, estéticas e políticas.

O desenvolvimento dessas etapas resultou principalmente nas seguintes produções:

A reflexão sobre a experiência pós-colonial, através da leitura de obras das literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa – Angola, Moçambique e Cabo Verde – foi elaborada no artigo “Onde está o sujeito pós-colonial?” (publicado na Revista eletrônica *Abril*, do Núcleo de Estudos Portugueses e Africanos – NEPA, da UFF)⁵³, o qual, tomando por objeto algumas narrativas do chamado “espaço-tempo da língua portuguesa” (SANTOS, 1995), em especial narrativas angolanas, tem sua discussão orientada para a representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro de seus contextos geográficos e históricos

53 SCHMIDT, Simone P. “Onde está o sujeito pós-colonial? (algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana). *Revista Abril* (UFF), Niterói, v. 2, n. 2, p. 136-147, abr. 2009. ¹¹⁸

específicos. Outro aspecto dessa reflexão foi desenvolvido no trabalho “Exílio e experiência feminina”⁵⁴, apresentado no III Encontro de Professores de Literaturas Africanas, na UFRJ, em que discuti o tema do exílio como experiência representativa dos sujeitos pós-coloniais, em especial aqueles que se encontram situados no âmbito da colonização portuguesa e de seus desdobramentos históricos, a partir dos processos de independência das ex-colônias na África. Neste trabalho, investi-guei o modo como algumas formas do exílio atuam como metáforas expandidas da própria situação pós-colonial, além de se constituírem, para os sujeitos que as vivenciam, em experiências marcadas por gênero e raça. Duas situações são particularmente enfocadas, sob a perspectiva da experiência feminina: a *viagem* e a *guerra*, de modo a tecer, através desses temas, uma abordagem do exílio provocado pelo deslocamento na situação colonial (a viagem) e aquele advindo de situações de trauma e violência (a guerra). O *corpus* literário se constituiu de narrativas de autoras africanas, de Angola (Ana Paula Tavares), Cabo Verde (Orlanda Amarílis) e Moçambique (Paulina Chiziane). Cabe mencionar que o III Encontro de Professores de Literaturas Africanas ¹²⁰, no Rio de Janeiro, marcou um importante momento de ingresso mais institucional, de minha parte, na rede de pesquisadores das literaturas africanas no Brasil e no exterior. A partir deste Encontro, realizado em 2007, cujo tema foi *Pensando África: Crítica, Ensino e Pesquisa*, participei de todas as edições seguintes: o IV Encontro, realizado em 2010, em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, cujo tema foi África, dinâmicas culturais e literárias, organizado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Ouro Preto, onde foi oficializada a criação da Associação

54 SCHMIDT, Simone P. “Exílio e experiência feminina”. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SALGADO, M. Teresa; JORGE, Silvio Renato. (Org.). *África, escritas literárias*. Rio de Janeiro-Brasil/ Angola: Editora UFRJ / União dos Escritores Angolanos, 2010. p. 199-206. ¹¹⁹



SCHMIDT, Simone P. “Navegando no Atlântico Pardo ou a lusofonia reinventada”. In: WOLFF, Cristina; FAVERI, Marlene; RAMOS, Tânia. (Orgs.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007, p. 477-486.

72 Internacional de Estudos Críticos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC); o V Encontro, que teve como sede a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em novembro de 2013, e já então passou a se chamar o I Encontro da AFROLIC, e o VI Encontro, que teve como sede a Universidade Federal Rural de Pernambuco, em dezembro de 2016, cujo tema foi *Dizer Áfricas: vozes, literatura, mulher*. Em todos eles, apresentei trabalhos em mesa redonda⁵⁵, integrei a comissão científica (IV Encontro)¹²³, ministrei minicurso⁵⁶ (IV Encontro), coordenei simpósio temático⁵⁷ (VI Encontro).

Outros resultados de minha reflexão sobre o tema do exílio foram apresentados em conferência ministrada na UFMG, “Exílio e experiência feminina nas literaturas de língua portuguesa”⁵⁸, em que a mesma reflexão foi retomada e expandida.

A abordagem mais específica do colonialismo português, em sua articulação com os temas da miscigenação e do racismo, com especial ênfase à leitura da obra de Gilberto Freyre e de sua recepção contemporânea nos países de língua portuguesa, foi desenvolvida no artigo “Cravo, canela, bala e favela”⁵⁹ (publicado na *Revista*

55 Em 2010, em Ouro Preto, apresentei trabalho intitulado “Noémia de Souza em diálogo com a negritude: ‘quantos lugares a mulher colonizada habita?’¹²¹; em 2013, em Porto Alegre, o trabalho “Odete Semedo e a memória de uma guerra”; em 2016, no VI Encontro, em Recife, apresentei trabalho intitulado “Tornar-se mulher; ser ou não ser feminista: Paulina Chiziane e os impasses da experiência feminina”.¹²²

56 Ministrei em 2010, no V Encontro em Ouro Preto, o minicurso intitulado “Literaturas africanas de autoria feminina”.¹²⁴

57 Coordenei Simpósio Temático intitulado “Gênero, Colonialismo e Pós-Colonialismo” no VI Encontro, em Recife.¹²⁵

58 Conferência ministrada em 2009, aos alunos do Curso de Graduação em Letras, a convite das Professoras Maria Zilda Cury e Sandra Goulart Almeida.¹²⁶

59 SCHMIDT, Simone P. “Cravo, canela, bala e favela”. *Revista Estudos Feministas* (UFSC), Florianópolis, v. 17, n.3, p. 799-817, set-dez. 2009.¹²⁷

Estudos Feministas), o qual, a partir da discussão sobre o lugar do corpo feminino subalterno, palco de conflitos onde se desdobram as tensões resultantes das relações desiguais de gênero, raça e classe no Brasil, realiza uma leitura dos romances *As mulheres de Tijucoapapo* de Marilene Felinto e *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, e do filme *O céu de Suely*, de Karim Aïnouz, inserindo-os no debate de um projeto de tradução da agenda pós-colonial para o português. Decorrentes dessa abordagem, temas como a viagem, o deslocamento e o exílio fazem parte da experiência subjetiva ficcional enfocada. Este artigo foi posteriormente publicado, em versão ampliada e reformulada, em livro pela Duke University Press, organizado por Sonia Alvarez et al., juntamente com os demais trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa ‘Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Americas’, o qual reuniu pesquisadoras das Américas do Sul, Central e do Norte, durante o período 2000-2008⁶⁰.

Outros resultados deste aspecto da investigação foram apresentados em cursos de formação ministrados em 2008, 2009, 2010, promovidos pelo Instituto de Estudos de Gênero da UFSC, os quais desenvolveram os temas: “Identidade, globalização, pós-feminismo” ¹²⁸ “Gênero e raça nas rotas do Atlântico Pardo” ¹²⁹ e “Intersecções de gênero e raça e os impasses da cultura brasileira” (edições 2009 ¹³⁰ e 2010 ¹³¹), através da abordagem dos tópicos: O pós-colonialismo no Brasil e o significado das ações afirmativas; o rastro da história colonial (O racismo como herança perversa; Lusotropicalismo, mestiçagem e mistificação); Gênero e relações étnico-raciais: desdobramentos na atualidade. Outros desdobramentos do trabalho com este item da pesquisa foram divulgados em dois seminários que organizei na UFSC, em 2008

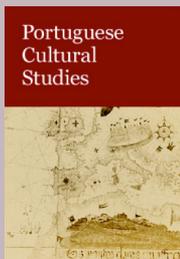
60 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no *LASA* (Latin American Studies Association) *International Congress, 2007*, em Montreal – Canadá, na mesa intitulada “The complex intersections between feminist and postcolonial theories: challenges from Latin American”.

74 e 2009, respectivamente: “Da educação, dos direitos e da produção cultural – reflexões sobre diversidade”⁶¹ ¹³² e “Formação político-cultural para debater justiça social”, ambos realizados por ocasião das comemorações em torno do Dia da Consciência Negra, em co-organização com Vania Beatriz Monteiro da Silva (Centro de Ciências da Educação – UFSC). Meu interesse cada vez mais intenso pelas questões étnico-raciais, como se pode ver, extrapolaram os limites da pesquisa, expandindo-se em atividades de extensão e formação. Muito importante, nesse sentido, foi meu engajamento, em 2010, na Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFSC ¹³⁴.

Bastante vinculadas a este aspecto do meu trabalho também foram as dissertações e teses que orientei no período: de Doutorado, como de Maria Aparecida Rita Moreira (Educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no Ensino Médio: diálogos e silêncios), Sumaya Machado Lima (*As filhas do vento e O céu de Suely*: sujeitos femininos no cinema da Retomada), Sandra Maria Job (Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileira); de Mestrado, como de Adriana Soares de Souza (Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo).

A discussão sobre os rastros da história colonial, abordando particularmente os temas da violência e do racismo nas culturas de língua portuguesa, em seus aspectos de gênero e raça, através da leitura de obras literárias e cinematográficas portuguesas, dos países africanos de língua portuguesa – Angola, Moçambique e Cabo Verde – e brasileiras, desenvolveu-se principalmente nos seguintes artigos: “O desencanto

61 Neste evento, um dos convidados foi o escritor angolano João Melo. ¹³³



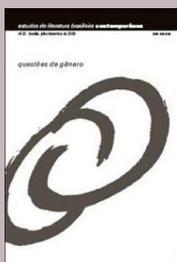
das *mulheres-sós*: Lisboa e Paris não te amam”⁶² (publicado na Revista *Terceira Margem*, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ), no qual, através da leitura de duas narrativas, o conto “Desencanto” da escritora caboverdiana Orlanda Amarílis, e o filme de curta-metragem *Loïn du 16ème*, dos cineastas brasileiros Walter Salles e Daniela Thomas, discutem-se aspectos de gênero, etnia e raça da experiência vivida por mulheres estrangeiras em condição de exclusão e subalternidade nas metrópoles europeias, e como colonialismo e imigração são aspectos constitutivos desta condição. No mesmo sentido também foi elaborado o artigo “De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”, publicado inicialmente na Revista *Estudos de Literatura Brasileira* da UnB⁶³, e posteriormente publicado em livro, co-organizado por Regina Dalcastagnè e Virgínia M. V. Leal, *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*⁶⁴, que se dedicou à leitura de aspectos da violência decorrente das relações coloniais nas obras literárias de Marilene Felinto e Conceição Evaristo. O artigo “Desmando, desmun-do, desencanto”⁶⁵, publicado na revista eletrônica *Portuguese Cultural Studies*, de Utrecht-Holanda, também desenvolve este aspecto da pesquisa, ao analisar, na dis-

62 SCHMIDT, Simone P. “O desencanto das mulheres-sós: Lisboa e Paris não te amam”. *Terceira Margem* (UFRJ), Rio de Janeiro, ano XIII, n. 20, p. 230-243, jan-jul. 2009. ¹³⁵

63 SCHMIDT, Simone Pereira. “De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 32, p. 21-30, jul-dez. 2008. ¹³⁶

64 SCHMIDT, Simone P. “De volta para casa ou o caminho sem volta em Marilene Felinto e Conceição Evaristo”. In: Regina Dalcastagnè; Virgínia Maria Vasconcelos Leal. (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 23-31. ¹³⁷ Em 2017, em livro que se dedicou a selecionar artigos em comemoração aos 50 números da Revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, este artigo foi novamente publicado: SCHMIDT, Simone P. “De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”. In: EBLE, Letícia J.; DALCASTAGNÈ, Regina (orgs.). *Literatura e exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 291-298. ¹³⁸

65 Disponível em: <http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/pvolumeonepapers/p1schmidt.pdf> ¹³⁹
Este artigo também foi publicado em livro já mencionado anteriormente: CAVALCANTI, Ildney; LIMA; Ana C.; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 263-271.



SCHMIDT, Simone P. “De volta pra casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 32, p. 21-30, 2007.

76 cussão do romance *Desmundo* de Ana Miranda, e de sua adaptação para o cinema, as políticas de gênero e raça que se encontram veladas nos contratos estabelecidos entre os sujeitos que protagonizaram a primeira experiência colonial portuguesa no Brasil. Ainda no capítulo do livro *África e Brasil*, letras em laços, v. 2, organizado por Carmen Lúcia Tindó Secco, Maria do Carmo Sepúlveda e Maria Teresa Salgado, desenvolvi, sob o título “Paulina Chiziane; para ler Moçambique no feminino”⁶⁶, uma reflexão que traz este aspecto da pesquisa, ao abordar as articulações entre gênero, raça e etnia na interpretação da experiência colonial e pós-colonial efetuada pela romancista moçambicana na sua obra. O artigo “Oropa, França e Bahia ou quando as madames viajam”⁶⁷, publicado na Revista *Uniletras*, também dentro deste mesmo âmbito de preocupações sobre a investigação dos rastros da história colonial, põe em diálogo dois textos herdeiros da tradição romanesca oitocentista em Portugal, que operam releituras da obra de Eça de Queirós: o romance *Nação crioula*, do angolano José Eduardo Agualusa, e a peça teatral *Madame*, da escritora portuguesa Maria Velho da Costa. Através do cruzamento desses dois textos, enfocando as personagens femininas, analiso no artigo a perspectiva do “deslocamento” paródico que promovem em relação às obras de origem, à luz de alguns temas relevantes para os estudos feministas e pós-coloniais.

Trabalhos que apresentei em seminários e congressos, nacionais e internacionais, também demonstram resultados parciais desta abordagem da pesquisa, tais como “Mulheres em território africano: uma experiência deslocada no tempo colonial”

66 SCHMIDT, Simone P. “Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino”. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SEPÚLVEDA, M. Carmo; SALGADO, M. Teresa. (Org.). *África & Brasil: letras em laços* vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010. v. 2. p. 317-329. 140

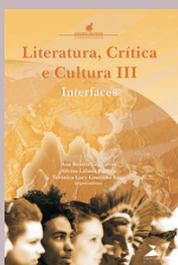
67 SCHMIDT, Simone P. “Oropa, França e Bahia ou quando as madames viajam”. *Revista Uniletras* (UEPG), Ponta Grossa-PR, n.29, p. 7-15, dez.2007. 141



¹⁴², apresentado na mesa redonda “Viagens do feminismo: gênero, identidade e narrativas pós-coloniais”⁶⁸, no XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura (realizado em Natal-RN, em 2009). Este trabalho aborda o romance *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão, no qual se relata a experiência de mulheres portuguesas levadas a viver em território africano por força das injunções do contexto colonial português no período imediatamente anterior à independência de Angola e Moçambique. Nesse romance observamos que a experiência de deslocamento vivenciada pelas personagens resulta numa condição em que, à mudança de lugar geográfico, corresponde um processo de intensas mudanças identitárias, subjetivas, políticas, em que categorias como gênero, raça e nação são repensadas e, também, deslocadas. Assim, o ensaio estabelece uma relação entre questões representativas da experiência colonial, como os temas do deslocamento, do exílio e da experiência feminina, abordados na perspectiva teórica dos estudos pós-coloniais e das teorias feministas. O trabalho apresentado no VI Seminário de Literaturas de Língua Portuguesa: Memória, Paisagem e Escrita, promovido pelo Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (NEPA) da UFF, em 2008 ¹⁴⁴, apresenta mais um desdobramento deste item da pesquisa, ao efetuar uma aproximação entre a experiência traumática da guerra e a experiência das mulheres, no relato das guerras que recentemente dizimaram países africanos como Angola e Moçambique. Trata-se do trabalho intitulado “Mulheres e memória da guerra”⁶⁹, cujo foco incide sobre as crônicas da escritora angolana Ana Paula Tavares, publi-

68 Uma versão ampliada deste trabalho foi publicada em livro: “Viagens fora da minha terra: trânsitos coloniais sob a perspectiva das mulheres”. In: GONÇALVES, Ana B; CARRIZO, Silvína L.; LAGE, Verônica L.C. (orgs.). *Literatura, crítica e cultura III*; interfaces. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 183-193. ¹⁴³

69 Este trabalho foi posteriormente transformado em artigo, e publicado na Revista *Mulemba*, da UFRJ: SCHMIDT, Simone P. “Mulheres e memória da guerra nas crônicas de Ana Paula Tavares”. *Mulemba* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 2, n.2. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4683> ¹⁴⁵

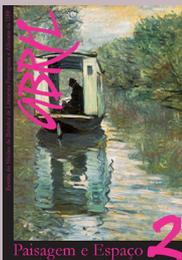


SCHMIDT, Simone P. “Viagens fora da minha terra: trânsitos coloniais sob a perspectiva das mulheres”. In: GONÇALVES, Ana Beatriz; CARRIZO, Silvína; LAGE, Verônica. (Orgs.). *Literatura, crítica, cultura III*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2009, p. 183-193.

78 cadas na imprensa portuguesa, entre 1999 e 2002, e posteriormente reunidas no livro *A cabeça de Salomé* (2004). Resultados no mesmo sentido foram apresentados no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 (2008), no qual apresentei o trabalho “As mulheres africanas e a guerra: experiência e catástrofe”¹⁴⁶.

Outros resultados foram apresentados nos seguintes congressos: XXVIII International LASA (Latin American Studies Association) Congress (Rio de Janeiro, 2009), no painel intitulado “Sujeitos em trânsito: feminismos pós-coloniais e as geografias do poder”, onde apresentei o trabalho “No rastro da história colonial: reencenando identidades e diferenças”⁷⁰; XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, do GT Mulher e Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), realizado em 2007 na UNESC-BA, onde ministrei curso intitulado “Mulheres ao pé da letra: uma leitura de escritoras contemporâneas de língua portuguesa”¹⁴⁷; I Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena da UFRJ, onde apresentei o trabalho “Peregrinações, espelhamentos e estranhamentos; os portugueses e seus outros” (Rio de Janeiro, 2009)¹⁴⁸. Neste último trabalho, abordo um tema muito caro à crítica pós-colonial, qual seja, o das relações estabelecidas, no contexto colonial, entre colonizadores e seus “outros”, colonizados e sujeitos situados, de maneira geral, à margem das esferas detentoras de poder. No contexto particular do colonialismo português, muito já foi dito sobre as especificidades deste contato. Tomando como mote a figura da “peregrinação”, aqui entendida em sentido metafórico, o ensaio investiga como se representam esses “outros” nos trânsitos resultantes do empreendimento colonial português. Partindo do pressuposto de que as mulheres foram sempre os “outros” dentro de suas próprias culturas e contextos de origem, verifico como se

70 Este trabalho já foi mencionado anteriormente.



efetua este encontro que duplica a alteridade, entre as mulheres portuguesas e os “outros” colonizados, no romance *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão, e em contos da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

Outras atividades que derivaram deste âmbito da pesquisa foram a participação em duas mesas redondas, uma realizada na UFSC, na II Semana Acadêmica de Letras, em 2009, dentro de um debate sobre o tema “A África de papel”¹⁴⁹; outra, como palestrante convidada, no evento Floripa em Composição Transdisciplinar, promovido pelo Núcleo de estudos poético-Musicais da UFSC em 2010, onde apresentei o trabalho “África, que continente é este?”¹⁵⁰. Merecem destaque os cursos que ministrei, em 2009, sobre os temas pertinentes a este momento da pesquisa, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF¹⁵¹, e dentro da programação do XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura, em Natal-RN¹⁵², cursos intitulados, respectivamente, “Escritoras africanas de língua portuguesa: gênero, identidades, exílios” e “Escritoras africanas: identidades, exílios e violência”, além do simpósio que coordenei no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 (UFSC, 2008), sobre o tema “Representação e autoria feminina nas literaturas africanas”, juntamente com a colega Maria Zilda Cury da UFMG¹⁵³, bem como a mesa redonda que coordenei no mesmo Seminário, sobre “O lugar das mulheres na experiência colonial e pós-colonial”¹⁵⁴. Anteriormente, ministrei curso dentro da programação do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura, sobre o tema “Mulheres ao pé da letra: uma leitura de escritoras contemporâneas de língua portuguesa” (UNESC-BA, 2007)⁷¹, numa atividade conjunta com Tânia Ramos, além de coordenar, no mesmo Seminário, uma mesa intitulada “Vestígios de uma história colonial: questões de gênero e raça”¹⁵⁵. Por fim, a organização do Seminário Inter-

71 Este minicurso já foi referido anteriormente.



SCHMIDT, Simone P. “O desencanto das mulheres-sós: Lisboa e Paris não te amam”. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 20, p. 230-243, 2009.

80 nacional “Um outro olhar sobre África: história e perspectivas”⁷², em 2009 ¹⁵⁶, reuniu significativos debates em torno dos temas da pesquisa.

No que tange à orientação, alguns trabalhos de Doutorado, Mestrado e Iniciação Científica foram conduzidos a partir das conclusões resultantes desta etapa de minha pesquisa, como os de Izabel Cristina dos Santos Teixeira (Doutorado: Ecos feministas na literatura moçambicana contemporânea), Jane Vieira da Rocha (Mestrado: As margens da experiência: os miúdos e os mais-velhos na narrativa de Ondjaki), Sandro Brincher (Mestrado: Pura mistura: alteridentidades calibanescas em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto), Tiago Ribeiro dos Santos (Mestrado: Aspectos históricos e psicanalíticos na Tetralogia Lusitana de Almeida Faria) e Débora Correa (Iniciação Científica: Levantamento bio-bibliográfico de autoras africanas de língua portuguesa).

No quarto item da pesquisa, dedicado à discussão de caráter eminentemente teórico sobre as articulações entre os temas exílio, racismo e violência, como elementos da cultura contemporânea marcados pela história colonial, destaco os artigos “Navegando no Atlântico Pardo ou a lusofonia reinventada”⁷³, que discute o projeto colonial português e seus desdobramentos em termos de gênero e raça, tomando como ponto de partida o motivo da viagem e as rotas transnacionais do *Atlântico Negro* de Paul Gilroy (2001), no intuito de elaborar uma reflexão sobre a “lusofonia” e suas implicações. Outras conclusões foram apresentadas no artigo “A Seção Debates em revista: práticas feministas de tradução”⁷⁴, que desenvolve uma reflexão

72 Este seminário realizou-se na UFSC, por iniciativa do Nôdjuntamon – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, de que falei mais adiante. Participei deste Núcleo como docente convidada.

73 *Crítica Cultural*, v.1, n.2, jul-dez 2006. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/94/104 ¹⁵⁷

74 *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n.1, p. 117-122, jan-abr. 2008.



sobre a Seção Debates da *Revista Estudos Feministas*, e ao discutir as propostas teóricas dessa iniciativa editorial, enfoca a contribuição das práticas de tradução cultural para o feminismo contemporâneo, em suas estratégias de leitura, interpretação e difusão de saberes, bem como em sua agenda política atual.

Alguns resultados dessa abordagem foram apresentados em conferência ministrada no Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura III: Interfaces, na UFJF, onde desenvolvi o tema “Poéticas do (não)lugar: gênero e raça como marcas de exclusão” (2009). Outras atividades que desenvolveram esta dimensão de minha pesquisa foram: a co-organização da Seção intitulada “Contando histórias feministas” na *Revista Estudos Feministas*⁷⁵, a conferência ministrada no Curso de curta duração em Gênero e Feminismo promovido pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC, sobre o tema “Debates teóricos contemporâneos: identidade, globalização, pós-feminismo” (2008)⁷⁶, e a organização, juntamente com Claudia de Lima Costa, do seminário realizado pelo GEPALA – Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Afro-Latino-Americanos, então em implantação na UFSC, sobre “Geografias do Poder: crítica feminista e pós-colonial” (2008) ¹⁵⁸.

Quanto às orientações, dois trabalhos deste período se vinculam mais diretamente a este aspecto da minha pesquisa: de Cleuza Maria Soares (Mestrado: Pós-colonialismo nas telas do cinema: nas fronteiras com Amélia) e de Vania Rossi (Iniciação Científica: Levantamento de corpus teórico-crítico brasileiro sobre as intersecções gênero/raça).

75 *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n.1, p. 207-263, jan-abr. 2009.

76 Esta conferência já foi mencionada em momento anterior.

■ Participação no Grupo Nôdjuntamon, com estudantes africanos da UFSC. Realização do Seminário “Um outro olhar sobre África”

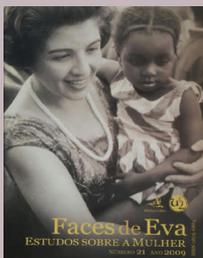
82 O item 5, dedicado a um tema bastante amplo, que denominei “Reinventando a lusofonia ou Por um projeto emancipatório entre as culturas de língua portuguesa: intersecções entre práticas teóricas, estéticas e políticas” apontou para resultados mais difusos, que não encontraram uma conclusão mais definitiva. O que de mais concreto posso assinalar neste aspecto é o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Sérgio Meira, que orientei, sobre o tema “O fim do início é outro início: a trajetória histórico-legal das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil e as perspectivas face à lei 10.639/2003”, dedicado à reflexão sobre um projeto emancipatório entre as culturas de língua portuguesa. Por fim, a iniciativa de construção de dois núcleos na UFSC, o primeiro dedicado aos estudos africanos e afro-brasileiros (Nôdjuntamon – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros), construído juntamente com os alunos africanos vinculados à UFSC, através de convênios internacionais, e o outro às discussões teóricas em torno dos temas feministas e pós-coloniais (GEPALA – Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Afro-Latino-Americanos) apontou também na direção de busca de intersecções entre práticas teóricas, estéticas e políticas, reivindicadas neste item da pesquisa. Em 2009, *Nôdjuntamon* realizou seminário dedicado ao tema “Um outro olhar sobre a África”⁷⁷, e em maio de 2010, um seminário intitulado “*Djumbai: Brasil e países africanos construindo outros saberes*”⁷⁸, que contou com a participação de pesquisadores brasileiros e africanos ¹⁵⁹. É interessante observar que, passados vários anos, atuei novamente na organização de evento acadêmico de estudantes africanos da UFSC – desta vez, estudantes moçambicanos que, desde 2016 realizam o Seminário *Diálogos com Moçambique*. Na edição de 2016 deste evento, ministrei conferência in-

77 Este Seminário foi referido anteriormente. Dentre os convidados, contamos com a participação da Professora Tania Macêdo, da USP.

78 Dentre os convidados deste Seminário, contamos com a presença do escritor angolano Ondjaki.

¹⁶⁰

2009



Publicação de Entrevista concedida a Isabel Lousada. *Revista Faces de Eva*; estudos sobre a mulher, Lisboa, n. 21, p. 159-169, 2009.

titulada “Moçambique traduzido por suas escritoras”¹⁶¹; na edição de 2018, integrei a comissão organizadora do Seminário *Diálogos com Moçambique III*⁷⁹.¹⁶²

Como resultados práticos do meu processo de pesquisa, destaco ainda a implementação do ensino das literaturas africanas de língua portuguesa na UFSC (em nível de Graduação e de Pós-Graduação), o que se realizou concretamente, no âmbito da Graduação, através da criação de uma disciplina optativa intitulada *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, à qual já me referi anteriormente, e na Pós-Graduação em Literatura, com a introdução gradativa de temas ligados aos estudos de gênero e raça, bem como a partir da abordagem de *corpus* de autoria africana e afrodescendente em cursos ministrados, tais como: “Literaturas africanas: identidades, exílios, hibridismos” (2009)⁸⁰, Figurações de gênero e raça nos discursos culturais brasileiros⁸¹ (2010), Memória de guerras por vozes femininas (2011 – curso

79 Entre os convidados deste Seminário, contamos com a participação da Professora Rita Chaves, da USP.

80 **Ementa do Curso 2009.2:** Este curso pretende realizar uma abordagem da atividade literária que vem sendo desenvolvida em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe ao longo dos séculos XX e XXI. Tal recorte cronológico se deve, em primeiro lugar, ao fato de que este é o período em que se desenvolve efetivamente uma literatura nacional nos países referidos, inicialmente ainda sob a tutela do regime colonial, avançando em direção à autonomia literária e política a partir de meados do século XX. Em compasso semelhante, cresce durante o mesmo período a participação das mulheres na vida literária e política desses países, resultando em uma significativa participação feminina no *corpus* literário atual desses países. Uma segunda razão do recorte cronológico reside na articulação entre a literatura e a história, que aponta para os temas que se pretende, em sentido amplo, investigar: o processo de descolonização e os efeitos da colonização, em termos de identidade de gênero e raça, no período pós-colonial.

81 **Ementa do Curso 2010.2:** O Curso pretende desenvolver uma discussão teórica em torno das interseções entre as categorias “gênero” e “raça”, bem como propor uma interpretação das formas como tais categorias se encontram figuradas em diferentes manifestações culturais brasileiras contemporâneas.

Tema de grande atualidade e que vem ganhando cada vez mais destaque no debate acadêmico, a interseção entre as categorias gênero e raça cresceu em importância no Brasil na medida em que



SCHMIDT, Simone P. “Longe do Leblon: corpos subalternos em Conceição Evaristo”. In: OLIVA, Osmar P. (Org.). *Diálogos com a tradição: permanência e transformações*. Montes Claros - MG: UNIMONTES, 2010, p. 237-249.

ministrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), em conjunto com a Professora Dra. Laura Cavalcante Padilha)⁸², Corpo, poder e memória na escrita de autoria feminina (2012)⁸³, Memó-

avancaram, no país, as reivindicações dos movimentos feministas e da luta contra a desigualdade e o preconceito racial, liderada pelo movimento negro. Se em outros países, tais como os Estados Unidos, que por razões históricas e políticas ligadas às articulações de poder-saber derivadas da história colonial, e dos rumos assumidos pelo Ocidente a partir da virada pós-colonial no decorrer das grandes guerras mundiais, na metade do século XX, esta intersecção gênero/raça começa a ser pensada nos anos 80, no Brasil ela se fará presente cerca de 15 anos mais tarde, quando, a partir do retorno de governos democráticos, os temas da sociedade civil começam a ganhar espaço, trazendo para a ordem do dia discussões em torno das identidades sociais, tais como gênero, raça, etnia, orientação sexual, etc. Assim, a discussão que se propõe neste curso deverá se desdobrar em três momentos. O primeiro deles será dedicado à discussão teórica das categorias “gênero” e “raça”, buscando, através de leituras referenciais, uma revisão dos conceitos e sua reinterpretação à luz de questões contemporâneas, bem como o debate sobre as possibilidades analíticas de intersecção entre as duas categorias. Num segundo momento, pretende-se analisar os resultados de um levantamento realizado em dois dos maiores periódicos acadêmicos feministas do país, a *Revista Estudos Feministas* e os *Cadernos Pagu*, com o intuito de obter uma visão de conjunto mais completa sobre a produção crítica, no meio acadêmico brasileiro, que leve em conta as intersecções entre as categorias de gênero e raça. Finalmente, o terceiro momento do curso propõe uma leitura compartilhada de diferentes discursos culturais brasileiros contemporâneos (narrativas literárias e cinematográficas, poesia, mídias, canções, etc), com o intuito de interpretar e debater os modos de figuração de gênero/raça nesses discursos da atualidade.

- 82 **Ementa do Curso 2011.2**, ministrado com a Professora Laura Padilha, na UFF: O curso pretende abordar o tema da guerra, no âmbito do colonialismo português e de seus desdobramentos históricos, a partir do ponto de vista das mulheres. Nesse sentido, tomaremos como foco de investigação os modos de representação da guerra colonial/de libertação, bem como das guerras civis que se prolongaram até recentemente em países como Angola e Moçambique. Através da leitura de textos portugueses e africanos de autoria feminina, pretende-se efetuar um jogo de espelhamentos entre estas diferentes representações, discutindo temas como memória, violência e trauma.
- 83 **Ementa do Curso 2012.2**: Neste curso, tomaremos como ponto de partida o corpo como lugar de confluência de muitos discursos, mapa onde se traçam os percursos da história social e privada, relicário de memórias subjetivas, morada íntima do prazer e da dor, coleção de memórias, arena onde se travam embates de poder, *locus* onde se intersectam experiências pessoais e políticas, onde se travam conflitos advindos das identidades de gênero, classe, etnia, raça, sexualidade, nacionalidade, geração. Superfície em que se inscreve a violência, marcando indelevelmente o sujeito subjugado. Corpo subalterno, violado, domesticado. Corpo colonizado. Corpo subversivo, revolucionário. Lugar onde vive e se expressa a sexualidade: o desejo se manifesta, o sexo se concretiza, o erotismo pulsa. Corpos construídos, corpos desconstruídos. Corpo engendrado pelas tecnologias de gênero (Teresa de Lauretis), corpo-destino preso à imanência (Simone de Beauvoir), normatizado pela heterossexualidade compulsória (Adrienne Rich, Judith Butler). Corpos performáticos (Butler de novo), desmontáveis (Donna Haraway), corpos que escapam a definições e regras (Guacira Louro). “Tela de representação” do vivido (Stuart Hall) “capital cultural” (idem),



casa que se carrega no exílio, nas viagens, nas diásporas e migrações, “local de inscrições sociais, políticas, culturais e geográficas” (Elizabeth Grosz), enfim, como afirma Arthur Frank, “o feminismo nos ensinou que a história começa e termina com os corpos”.

A partir desse enquadramento teórico, político e estético, e tendo como horizonte o espaço transnacional e intercultural da língua portuguesa, propõe-se a leitura e discussão de textos de autoras africanas, brasileiras e portuguesas contemporâneas, que em sua escrita vêm trabalhando, em diferentes perspectivas, a temática do corpo, com o intuito de avaliar as formas como este corpo é construído e representado. Decorrentes dessa abordagem, temas como a memória, o poder e a violência farão parte da experiência ficcionalizada que se irá enfocar, e serão, portanto, também objeto de interpretação.

- 84 **Fmenta do curso 2013.2:** O curso pretende mapear a construção de uma ‘memória colonial’, tanto de forma individual (por cada uma das autoras que será trabalhada) quanto coletiva (pensando-se a memória como patrimônio social e histórico, e também como ‘espaço’ plural de experiências partilhadas), a ser buscada nos textos de autoria feminina, tomados como casos representativos. Atribuindo ênfase às intersecções entre literatura e história, o programa do curso pretende tomar como referência experiências históricas relativamente recentes (o registro literário de experiências coloniais que se prolongaram no século XX – particularmente aquelas que se estabelecem a partir do domínio português no continente africano – desdobrando-se em tensas relações travadas ainda no presente), com o intuito de responder à questão que se propõe como um desafio: – é possível identificar, nas literaturas africanas de língua portuguesa, a construção de uma ‘memória colonial’, simultaneamente individual e coletiva, privada e pública, de feição transnacional e intercultural? Trata-se essa de uma tarefa possível, sem que se incorra em paralelismos redutores, levando-se em conta as diferenças significativas existentes entre cada uma dessas histórias, e ao mesmo tempo percebendo os espaços de troca, as possibilidades de diálogo, os trânsitos de sujeitos, ideias, memórias, imagens e formas de representação que nos permitem traçar rotas de partilhas de experiências no continente africano?

Dentre as muitas abordagens possíveis da memória colonial pelas literaturas africanas de língua portuguesa, o curso define-se pela leitura de textos de autoras contemporâneas, a partir da compreensão de que, sob o ponto de vista da experiência feminina, registram-se de forma significativa as experiências de enfrentamento do poder colonial, muitas vezes impresso violentamente no corpo dos sujeitos e na terra dominada. Com o intuito de efetuar uma leitura orientada para o registro das experiências das mulheres, em textos de autoria feminina, será levado em conta o aspecto da “dupla colonialidade” das mulheres, na qual se encontram, segundo Margarida Calafate Ribeiro, “duplamente silenciadas”#. Em sua condição de mulheres e de sujeitos coloniais, em posições de subalternidade, as personagens redesenham, com seus corpos e sua experiência, os impasses vividos pelos colonizados, numa condição histórica com indelével poder de permanência, como afirma Edward Said#. Se não podemos falar de *uma* “experiência da mulher” africana (já que tanto *mulheres* como *africanas* só podem ser faladas no plural, e suas experiências subjetivas, históricas, espaço-temporais são múltiplas e variáveis), podemos, contudo, articular essas experiências, de modo a entrevermos como se tocam, se cruzam e interferem umas sobre as outras, na construção de relatos que dão forma a uma *memória colonial*.

- 85 **Fmenta do Curso 2014.2:** Em sua conhecida obra *Cultura e imperialismo*, Edward Said afirma que



SCHMIDT, Simone P. “Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SEPÚLVEDA, M. Carmo; SALGADO, M. Teresa. (Orgs.). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010, v. 2, p. 317-329.

tudo na história humana tem suas raízes na terra. Ao analisar o alcance do imperialismo europeu na cultura moderna, o autor palestino considera que nenhum de nós está fora e além da geografia, e da luta por ela. Levando em conta o quanto a terra foi objeto de disputa no projeto colonial, desde seu princípio, Said afirma que, de um modo preliminar, podemos dizer que o imperialismo “significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros” (SAID, 1995, p. 37). A luta pela geografia, contudo, é bastante complexa, porque, ainda segundo Said, não envolve apenas exércitos e armas, mas também – e sobretudo – ideias, formas, imagens e representações (idem, p. 38).

Uma primeira definição de colonialismo está, portanto, estreitamente vinculada à territorialidade. Sabemos ser inerente à empresa colonial o ato de dominar através da apropriação de territórios, o que implicava também a objetificação dos sujeitos, considerados, antes de tudo, como corpos subordinados, submetidos ao poder e à violência, disponíveis para o trabalho, para o sexo.

Corpos e territórios figuram, assim, nos discursos da cultura, como lugares onde se imprimem os percursos da dominação exercida pelo colonizador, mas também, por outro lado, onde se inscreve a resistência, quando os sujeitos colonizados, fazendo uso de seu corpo como seu “capital cultural” (HALL, 2003, p. 342), traçavam outras rotas, redesenhando os mapas do poder colonial. Os territórios que constituem essas espécies de ‘mapas da memória colonial’ devem ser vistos, portanto, nas palavras de Michel de Certeau, como “lugares praticados”, (CERTEAU, 1994, p. 202), ou seja, como espaços físicos e simbólicos onde pulsa a “tessitura de vida” (RESENDE, 2008, p. 145), que advém das relações sociais que constantemente neles se travam, e onde o poder se encontra em disputa. Nesse sentido, o território deverá ser investigado como lugar habitado por sujeitos em permanente disputa e negociação, evocando o conflagrado espaço onde se deram as experiências coloniais, bem como seus prolongamentos na contemporaneidade.

Na chamada modernidade tardia, a força de conceitos como espaço, lugar e território, longe de diminuir, só faz intensificar e se complexificar. Stuart Hall# discute as identidades pós-modernas lembrando, com base em Said (1990), que “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos” (HALL, 2000, p. 71). Assim, estamos a lidar com territórios não apenas geográficos, mas subjetivos, imaginários, sociais e políticos.

Uma vez que os conceitos trabalhados indicam processos subjetivos e sociais onde se travam permanentes disputas de poder, é nossa intenção privilegiar as categorias de *gênero* e *raça* como posições subjetivas e vetores identitários a serem visibilizados nos ‘mapas’ que traçaremos, começando pela discussão dos conceitos norteadores (espaço, lugar e território), para, em seguida, traçar um percurso de problematização e discussão desses conceitos, no sentido de responder às seguintes questões: é possível identificar alguns lugares recorrentes onde costumam se situar nossas noções de identidade e de memória? Como se traçam as cartografias do poder, especialmente no que diz respeito ao gênero e à raça? E por fim, que estratégias estão sendo formuladas hoje, por pensadores, ativistas, artistas, etc, para sua localização como sujeitos, estratégias essas que em muitos casos pressupõem um processo de *des-localização* de princípios, tradições e posições subjetivas?

- 86 **Ementa do Curso 2015.2:** Este curso propõe a discussão de um conjunto de reflexões contemporâneas, que possam constituir um *corpus* a ser interpretado como um pensamento feminista descolonial. Na interpretação desse pensamento, a questão do *lugar* terá sua importância, uma vez que serão investigadas as diferenças entre saberes produzidos nos centros hegemônicos de

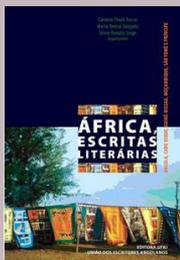


poder-saber e em *outros* lugares, situados fora do centro: na *margem*, na *fronteira*, na *periferia*, ao *Sul*. Ao buscar compreender as experiências representadas, visões de mundo, ideias e propostas que circulam em tais textos, bem como os procedimentos discursivos empregados em sua construção, diversas perguntas nortearão essa busca, sendo a principal delas a indagação em torno do modo como se constrói, hoje, um pensamento feminista situado ao Sul.

Além da discussão das reflexões em torno de epistemologias feministas descoloniais, o curso pretende avançar em direção à leitura e análise dos modos de representação desse pensamento em textos produzidos a partir de diferentes posições de sujeito, situados em diferentes lugares geográficos, subjetivos, sexuais, étnicos, raciais, etc. Nesse sentido serão analisados alguns discursos culturais contemporâneos, em abordagens baseadas na intersecção entre os estudos feministas e os estudos pós-coloniais, com o intuito de ampliar a compreensão das estratégias de construção de estéticas e de políticas descoloniais, bem como de indagar as formas de leitura convocadas por esses textos.

- 87 **Fementa do Curso 2016.2:** Dentro de um amplo espectro de interesses de investigação ligados à produção literária de autoria feminina, destaca-se o trabalho desenvolvido no campo que, de modo muito sumário, tem recebido a denominação de “resgate de escritoras”. O termo, na verdade, diz pouco sobre a densidade do trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras que atuam nesta área. Dirigindo sua atenção crítica à releitura do cânone literário, tais pesquisadoras se dedicam a “escavar” o silêncio e as lacunas produzidas pelo processo de canonização (que, como sabemos, institui legitimidades e consagra nomes e obras na mesma medida em que produz apagamentos e instaura silêncios sobre outros nomes e outras obras), trazendo à luz do dia os trabalhos de escritoras que ficaram à margem da instituição literária. Mais ainda, empreendem um trabalho teórico de grande importância, que é o de indagar e, em certa medida, desconstruir, o próprio cânone. Não por acaso, pode-se dizer que, graças a tais empreendimentos críticos e teóricos, as pesquisadoras que se debruçam sobre a historiografia literária foram responsáveis por um alargamento significativo do campo da crítica feminista, pela divulgação de autoras e textos desconhecidos do público, e pela visibilidade concedida aos mesmos no meio acadêmico e no ambiente cultural. Especialmente em nações jovens e/ou periféricas, como é o caso dos países africanos que há menos de um século se libertaram do jugo colonial, é de se imaginar o peso e a definitiva contribuição de um trabalho que busca resgatar a existência e a produção de escritoras que, conforme a lição de Walter Benjamin, foram de antemão deixadas à margem, como “vencidas da História”. O sopro vivificador lançado em sua direção por este trabalho de “resgate” se assemelha àquela tarefa de “salvação” que, segundo o pensador alemão, seria a missão do historiador (BENJAMIN, 1986, p.222-232).

Assim, o trabalho de conferir visibilidade a autoras pouco conhecidas na tradição literária opera no sentido contrário ao que Boaventura de Sousa Santos considera “um epistemicídio maciço” que “tem vindo a decorrer nos últimos cinco séculos” (SANTOS, 2010, p. 61), fruto de uma experiência histórica que, tendo iniciado com o colonialismo europeu, irradia ainda no presente os seus modos de operar e violentar seus ‘outros’, sob renovadas formas e a partir de novos e antigos lugares. Através dessa divisão abissal do poder político e epistemológico, entre aqueles que detêm esse poder e aqueles que não se constituem como sujeitos de poder e de saber, segundo Sousa Santos, “uma riqueza imensa de experiências cognitivas tem vindo a ser desperdiçada” (SANTOS, 2010, p. 61). É no sentido da denúncia e da desconstrução de um sistema de poder assim construído e perpetuado na história, que as feministas têm vindo a atuar desde seus primeiros estudos mais conhecidos. De fato, a inclusão dos ‘menores ou ‘marginais’ no cânone ocidental (incluídas nesta condição não apenas as mulheres, mas diversas perspectivas de sujeitos que não se enquadram



SCHMIDT, Simone P. “Exílio e experiência feminina”. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SALGADO, M. Teresa; JORGE, Silvio Renato. (Org.). *África, escritas literárias*. Rio de Janeiro-Brasil/ Angola: Editora UFRJ / União dos Escritores Angolanos, 2010, p. 199-206.

88 transnacionais ¹⁶⁵(2017)⁸⁸, e Escritoras contemporâneas, teorias feministas e estudos de gênero: uma revisão crítica ¹⁶⁶ (2018)⁸⁹.

Entretanto, estou consciente de que a enumeração de títulos e ementas dos cursos que ministrei, ao longo de muitos anos, não faz justiça ao significado que cada um deles teve em meu percurso profissional e pessoal. A cada um desses cursos, dedi-

no perfil modelar da cultura ocidental hegemônica até, aproximadamente, a metade do século XX, tais como sujeitos não-brancos, não-europeus, não-heterossexuais, não enquadrados, enfim, num padrão identitário e comportamental pré-determinado e bastante exclusivo) ameaça as linhas mestras da cultura ocidental moderna, erigida através de séculos em monumentos tais como o cânone literário. Ao fundo de um tal empreendimento de revisão das exclusões perpetradas, e da reivindicação de inclusão e visibilidade, encontra-se um gesto ainda mais radical de crítica da autoridade e da legitimidade do pensamento moderno.

Enfim, é a partir do desejo de uma aproximação ao discurso dessa alteridade radical em que se constitui a escritora africana e afrodescendente, que se propõe esta discussão.

Nesse sentido, o objetivo de se investigar a formulação de um ‘projeto descolonial ao Sul’ se vale das proposições de Boaventura de Sousa Santos, compreendendo o conceito de Sul como uma potente metáfora “do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo” (SANTOS, 2007, p. 85), e também como proposta epistemológica. O conjunto de esforços epistemológicos e políticos reivindicados por Sousa Santos tem por meta a construção de um cosmopolitismo subalterno, capaz de fazer frente – e colocar-se como alternativa – a todo um processo histórico de construção do pensamento e do poder ocidental hegemônico, que determinou, segundo uma lógica estrita e abissal, a quem pertencia o direito ao saber, ao poder, ao transitar, ao dominar, conquistar, vencer.

88 **Ementa do Curso 2017.2:** A ideia inicial deste curso surgiu a partir da leitura do texto “A modernidade negra”, de Antônio Sérgio Guimarães. Neste texto, o autor propõe que se repense o conceito de “modernidade”, fortemente ancorado na experiência ocidental e, mais propriamente, na história europeia dos séculos XIX e XX, para que nele se inclua, ou que a ele se contraponha, a experiência histórica das populações negras, em diferentes momentos e contextos. Procurando ampliar as discussões sobre os feminismos que venho desenvolvendo em cursos anteriores, minha proposta no momento é aprofundar as discussões sobre os feminismos em perspectiva transnacional, em diálogo com o percurso desta “modernidade negra”, vista a partir de uma perspectiva expandida, desde o século XIX até os debates contemporâneos.

89 **Ementa do Curso 2018.2:** O curso propõe a discussão de textos referenciais das teorias feministas e dos estudos de gênero desde os anos 70 até o presente, abordando diferentes momentos e tendências deste campo de investigação, tais como a perspectiva desconstrucionista, a interseccionalidade, os feminismos pós-colonial, descolonial, os feminismos negros, etc. Paralelamente, será proposta a leitura de escritoras de ficção contemporânea, de modo a operar, como método interpretativo, com as teorias abordadas.

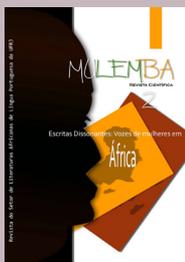
2010



SCHMIDT, Simone P. “Sobre favelas e musseques”. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 207-214, 2010.

quei o melhor de mim e todos os frutos colhidos em minha pesquisa, o que resultou em trocas muito vívidas e intensas, em momentos de reflexão consistente e de bons debates, mas também de convívio fraterno e prazeroso com meus alunos e alunas.

Concluindo meu relato sobre esta segunda etapa da pesquisa (2007-2010), posso afirmar que experiência feminina e exílio foram, neste segundo momento, os temas predominantes, desdobrando-se a partir deles a investigação sobre os motivos da guerra e da violência como efeitos persistentes da violência matricial do colonialismo. Dessa preocupação resultou uma produção bibliográfica sobre o motivo da guerra, associado ao tema da memória e da experiência, e ainda sobre a migração, o deslocamento e o exílio como processos diaspóricos marcados por gênero e raça. Ao abordar temas tão fortemente imbricados, mas simultaneamente pertencentes a universos teóricos e a conjunturas históricas específicas, como o são as categorias de gênero e raça, constatei a necessidade de que a próxima etapa da pesquisa se voltasse para um estudo vertical sobre o conceito de raça. Vários foram os motivos pelos quais vislumbrei tal necessidade. A seguir, desenvolvo algumas considerações sobre esses motivos, e passo a descrever os principais momentos da pesquisa.



SCHMIDT, Simone P. “Mulheres e memória da guerra nas crônicas de Ana Paula Tavares”. *Mulemba*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 14-23, 2010.

Figurações de raça e gênero

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também.

(“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, Gloria Anzaldúa).

No período 2010-2013, dediquei minhas investigações ao tema **Formulações do conceito de raça no século XX e figurações de raça e gênero nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa (Portugal e África)** ¹⁶⁷.

Nas leituras que vinha então realizando, do *corpus* literário de língua portuguesa, percebi uma visível e intensa preocupação dos autores em desenvolver reflexões sobre as relações étnico-raciais no contexto histórico-cultural do colonialismo e do pós-colonialismo. Inúmeros exemplos poderiam ser aqui trazidos à discussão, tais como o de Lídia Jorge que, em *A costa dos murmúrios* problematiza a forte segregação racial que sustentava o projeto colonial português em Moçambique; ou o do romance *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa, em que os personagens discutem a propósito da pertinência, ou não de, se reivindicar uma identidade e uma autonomia nacional a partir da raça; ou ainda as leituras de contextos mais contemporâneos, como o Moçambique pós-colonial de Mia Couto em *Venenos de deus, remédios do diabo*, em que os personagens, aparentemente em harmonia inter-racial, confrontam-se veladamente, passando a limpo séculos de tensão entre

- Realização, com o Grupo Nôdjuntamon, do Seminário “Djumbai: Brasil e países africanos construindo outros saberes”
- Criação da Associação Internacional de Estudos Críticos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC), no IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, em Ouro Preto
- Participação na Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFSC. Até 2011
- Terceiro Período de Bolsa de PQ CNPq: Formulações do conceito de raça no século XX e figurações de raça e gênero nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa (Portugal e África). Até 2013

colonizadores e colonizados, enquanto Ondjaki, em *Quantas madrugadas tem a noite*, indaga qual o papel da raça ao fixar identidade e definir conflitos, quando, em Angola, “cor vira documento” (ONDJAKI, 2004, p. 29). O tema complexo da mestiçagem, como desdobramento problemático das relações étnico-raciais, também ocupa muitas páginas da ficção contemporânea. Como exemplo, podemos citar as personagens dos contos de Luandino Vieira, em *A cidade e a infância*, que muitas vezes vão trazer à luz do dia os dilemas do encontro entre brancos e negras, assim como Paulina Chiziane, em *O alegre canto da perdiz*, problematiza o mesmo encontro, mostrando seus tensos desdobramentos e discutindo a figura do assimilado. Um exemplo português de abordagem dos mesmos temas pode ser encontrado em *O esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, que tem em um de seus protagonistas a figura de um mestiço às voltas com seus conflitos de identidade, o que nos reporta ao clássico *Mayombe*, de Pepetela, que traz também, no centro de sua narrativa, a figura de um mestiço. Através de alguns exemplos podemos perceber o quanto a questão das relações étnico-raciais tem mobilizado os autores de língua portuguesa, sendo um tema que evidentemente se mostra como um fértil campo de investigação mais aprofundada.

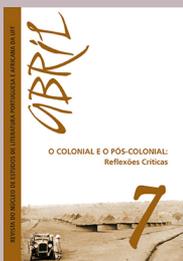
Ao considerar o conjunto das preocupações teóricas que vêm conduzindo minha pesquisa, constato que, ao dirigir o foco das investigações para as articulações entre gênero e raça, tenho assentado o trabalho num histórico acadêmico fortemente marcado pelas teorias feministas e pelos estudos de gênero, o que me permitiu desenvolver uma discussão mais profunda quanto à temática de gênero nos textos investigados. Assim, por exemplo, quanto ao tema do exílio, foi possível identificar vários aspectos que vinculam a experiência do exilado às questões de gênero. Um exemplo dessa articulação pode ser situada no período colonial, em torno do tema

- Pós-Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense, sob supervisão da Professora Laura Cavalcante Padilha. Até 2012
- Curso “Memória de guerras por vozes femininas”, ministrado na Pós-Graduação em Estudos da Literatura da UFF, em conjunto com Laura C. Padilha

92 das viagens, que por muitas razões, desenhavam rotas de dupla direção entre Europa e África. Neste trânsito colonial entre Portugal e suas colônias, trânsito este que avançou tardiamente, em relação aos demais processos coloniais, até meados do século XX, as mulheres tiveram intensa participação, ainda que freqüentemente involuntária e subalterna. Não é demais destacar que na rota que ligava a mulher africana à metrópole europeia (no caso, Lisboa, metrópole acanhada, mas ainda assim, capital de um império), sua subalternidade ainda mais se acentuava, ou se quisermos, desdobrava-se na identidade da mulher de cor imigrante, deslocada da colônia em direção à capital. Outro aspecto do exílio que põe em relevo a problemática do gênero pode ser encontrado no motivo da guerra, quando mulheres, crianças e velhos se vêem confrontados com o “exílio da terra”, por força da tragédia de uma guerra prolongada que provoca a fratura incurável entre os seres e o seu lugar, tal como nos fala Edward Said (2003, p. 46) sobre a experiência dos exilados. Para a nova etapa da pesquisa, constatei, portanto, a necessidade de dar mais relevo e profundidade às investigações teóricas em torno da categoria “raça”, para que, intersectada à categoria “gênero”, pudessem ambas operar com igual força, densidade teórica e poder explicativo.

Sabe-se o quanto tem sido problemática e polêmica a aplicação da categoria “raça” na contemporaneidade. Como conceito totalizante e definidor de identidades, ela precisou ser desconstruída, de modo que, na teorização recente, a “raça” é frequentemente referida entre aspas, como conceito posto “sob rasura”, já que nomeia aquilo que, ao ser nomeado, precisa ser, ato contínuo, problematizado e desconstruído. Contudo, para além dos problemas do conceito, e do intenso debate que suscita, é necessário que a categoria “raça” continue a ser convocada, para que os problemas em torno dela, de fundo histórico e muito presentes nas sociedades

2011



SCHMIDT, Simone P. “Rotas (trans)atlânticas na poesia africana do tempo colonial: o caso Noémia de Sousa”. *Abril*, Niterói, v. 4, n. 7, p.23-30, 2011.

que vivenciaram a experiência do colonialismo, tais como o preconceito racial, a mestiçagem, etc., possam ser discutidos em profundidade. Assim, temas tão difundidos como aqueles ligados ao controverso e problemático conceito de raça, tornam incontornável a sua abordagem.

Do lado de cá do mar: Rio de Janeiro

*Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.*

(“Com licença poética”, Adélia Prado)

Neste período, merece destaque muito especial a oportunidade que tive de realizar, com bolsa Capes-REUNI, o meu segundo Pós-Doutorado, no período 2011.2 – 2012.1, desta vez na Universidade Federal Fluminense, sob supervisão da Professora Laura Cavalcante Padilha. O projeto de pesquisa que desenvolvi na UFF, integrando o projeto de pesquisa que então desenvolvia junto ao CNPq, intitulou-se *Figurações de Raça e Gênero nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* ¹⁶⁸. Devo dizer que com este pós-doutoramento alcancei a concretização de um sonho antigo, que era trabalhar de forma mais próxima com Laura Padilha⁹⁰, figura inspiradora de muitos e muitos

90 Num precioso momento de consolidação deste longo caminho de amizade e aprendizado com



SCHMIDT, Simone P. “Alzira Rufino”. In: DUARTE, Eduardo A. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 2, p. 365-377.

94 anos, além de poder também viver no Rio de Janeiro, cidade que amo e na qual vivi parte da minha infância, e onde tenho bons colegas e grandes amigos. Foi, assim, uma oportunidade única, que me permitiu pesquisar junto ao NEPA (Núcleo de Estudos Portugueses e Africanos) da Universidade Federal Fluminense, consolidar meu vínculo com o Grupo de Pesquisa “África, Brasil, Portugal: interlocuções literárias”, liderado por Laura Cavalcante Padilha e Silvio Renato Jorge (UFF), além de desenvolver minha própria pesquisa e inclusive ministrar um curso na Pós-Graduação da UFF, em parceria com Laura Padilha, intitulado “Memória de guerras por vozes femininas”⁹¹.

Considero ter sido de grande proveito, para esta pesquisa, a interlocução constante com minha supervisora, que acompanhou cada momento da investigação, dialogando e propondo sugestões e mudanças no projeto desenvolvido. Igualmente o contato com o grupo de pesquisa do CNPq, “África, Brasil, Portugal: interlocuções literárias” ¹⁷⁰ ampliou os horizontes do meu trabalho, abrindo possibilidades de atividades conjuntas e de trocas acadêmicas futuras, consolidando uma longa trajetória de parceria entre seus membros.

Além disso, a oportunidade de desenvolver investigação em centros de pesquisa com material bibliográfico e documental referentes aos temas da pesquisa, como o Núcleo de Estudos Brasil-África (NEAF) e o já citado NEPA, ambos da UFF, o Gabinete Português de Leitura, a Cátedra Jorge de Sena da UFRJ, etc., permitiu a intensificação do trabalho, obtendo resultados satisfatórios.

Laura Padilha, tive a honra de integrar uma mesa em sua homenagem, realizada na Universidade Federal Fluminense, em dezembro de 2017, por ocasião da celebração de seus oitenta anos, na abertura do Seminário *Literatura, Política e Memória*. Nesta mesa, de que fizemos parte Elza Miné, Carmen Tindó Secco e eu, apresentei trabalho intitulado “As mulheres africanas e a poesia, ou de como aprendi a bordejar a margem”. ¹⁶⁹

91 Este curso já foi mencionado anteriormente.

- Quarto Período de Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq: Mapas de memória: corpos e territórios na escrita de autoria feminina africana de língua portuguesa. Até 2016
- Participação no Projeto de cooperação internacional CAPES-FCT, que congregou UFF, UFSC e Universidade de Coimbra, no projeto intitulado *Trânsitos atlânticos: mulheres e experiência pós-colonial*, coordenado por Laura Cavalcante Padilha (Brasil) e Margarida Calafate Ribeiro (Portugal). Até 2014

Ao longo do Pós-Doutorado, as seguintes etapas da pesquisa foram desenvolvidas:

- a) Levantamento de material bibliográfico para investigação e análise dos discursos ligados ao projeto de construção de uma “identidade negra”, em contraposição aos discursos dominantes de sustentação da ideologia colonial, tais como o pensamento pan-africanista, o movimento da Negritude, a contribuição de Frantz Fanon, bem como sua recepção pelos intelectuais africanos no contexto das lutas anti-coloniais;
- b) Leitura de textos representativos da literatura contemporânea dos países africanos de língua portuguesa, enfocando, neste *corpus*, as articulações de gênero e raça que nele se encontram figuradas;
- c) Levantamento e constituição de novo *corpus* para a pesquisa, a partir dos textos ficcionais e testemunhais encontrados nos locais consultados, bem como a partir dos debates desenvolvidos com a supervisora. Os novos textos constitutivos do *corpus* definiram um novo perfil para as etapas seguintes desta pesquisa, o qual pode ser definido em duas direções:

1. referiu-se mais diretamente à autoria feminina, conferindo visibilidade e destaque à produção literária das mulheres, como sujeitos da representação literária e da constituição de uma memória dos fatos vividos sob o domínio colonial;
2. restringiu o foco de abordagem aos textos africanos, dispensando-se a intermediação do elemento europeu para a discussão dos efeitos do colonialismo nas representações dos sujeitos colonizados, a partir da perspectiva das intersecções de gênero e raça.

A investigação foi realizada com base em pesquisa bibliográfica, leitura e interpretação do *corpus* literário, constituído de textos narrativos ficcionais e de carácter testemunhal. Foi também necessário recorrer à pesquisa em fontes de documen-

- Missão de trabalho na Universidade de Coimbra, dentro das atividades do Projeto de cooperação internacional CAPES-FCT
- Conferências ministradas na Universidade de Coimbra e na Universidade do Minho

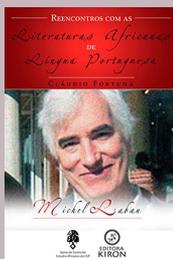
96 tação histórica, razão pela qual a consulta às bibliotecas – da Pós-Graduação em História da UFF, do IFICS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da UFRJ, do Gabinete Português de Leitura – e à Biblioteca Nacional – foi de grande auxílio. Consultas frequentes aos acervos dos já mencionados NEAF e NEPA foram também importantes no levantamento de textos produzidos por intelectuais africanos, em diálogo com os pensamentos pan-africanista e da Negritude. Nesse sentido, o Pós-Doutorado foi uma oportunidade de acesso a materiais decisivos para a pesquisa, uma vez que o acesso a documentos, material impresso de registro histórico, bem como à produção literária africana, é bastante dificultado fora dos principais centros brasileiros, pela escassez de material disponível (poucas e insuficientes bibliotecas sobre o tema, condições precárias de funcionamento de arquivos históricos e centros de documentação) e pelas limitações enfrentadas pelo mercado editorial em sua política de distribuição.

A realização de levantamento do material bibliográfico e documental constituiu a principal atividade do Pós-Doutorado.

O desenvolvimento da pesquisa realizou-se através das etapas descritas a seguir:

- a) Pesquisa em material bibliográfico, jornalístico e documental sobre os seguintes temas: contribuições dos principais pensadores pan-africanistas: Alexander Crummell, William Edward DuBois e Kwame Nkrumah e do movimento da Negritude: Aimé Césaire, Léopold Senghor, Cheikh Anta Diop; Amílcar Cabral e Agostinho Neto; a obra de Frantz Fanon; a recepção do Pan-africanismo, da Negritude e do pensamento de Frantz Fanon nos textos produzidos pelos escritores da Casa dos Estudantes do Império em Portugal, dos grupos de *Mensagem* e *Cultura* em Angola, da Revista *Claridade* em Cabo Verde;

2013

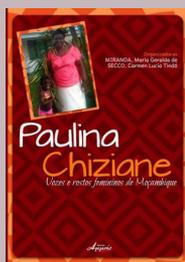


SCHMIDT, Simone P. "As literaturas africanas vêm conquistando atenção e prestígio crescentes no sistema literário de língua portuguesa". In: FORTUNA, Claudio. (Org.). *Reencontros com as literaturas africanas de língua portuguesa* – Michel Laban. Brasília: Kiron, 2013, p. 79-83.

- b) A obra de Gilberto Freyre dedicada à discussão do “mundo português” e à formulação do lusotropicalismo; os principais debates, por autores portugueses, africanos e brasileiros, em torno do lusotropicalismo e das formulações centrais de Gilberto Freyre sobre os temas ligados ao colonialismo português;
- c) Levantamento de material historiográfico sobre os movimentos anticoloniais e a luta de libertação nos países africanos que enfrentaram o colonialismo português;
- d) Levantamento de *corpus* literário ligado aos temas da pesquisa, dentro do universo cultural dos países africanos de língua portuguesa.

Paralelamente ao levantamento bibliográfico, foram desenvolvidas as seguintes atividades: Participação no Grupo de Pesquisa África, Brasil, Portugal: interlocuções literárias (já referido); Participação nas atividades de pesquisa e extensão do NEPA –UFF, tais como o Colóquio Internacional Maria Gabriela Llansol (out. 2011), além de outras atividades realizadas na UFF, como a cerimônia de concessão do título de Professora Emérita à Dra. Laura Cavalcante Padilha (set. 2011), o XXVII Encontro Nacional da ANPOLL (jul. 2012) e o II Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras (out. 2011). Além disso, conforme já referi, ministrei um curso no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, intitulado “Memórias de Guerras por Vozes Femininas”, em conjunto com a Professora Dra. Laura Cavalcante Padilha.

A convite de professores da UFF e UFRJ, ministrei também, durante o Pós-Doutorado, as seguintes conferências: *Guerra Colonial, entre ecos e memórias* – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (out. 2011) ¹⁷¹; *Literaturas africanas de língua portuguesa, nas fronteiras de gênero e raça* – II Seminário dos



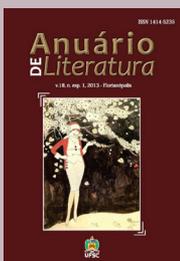
SCHMIDT, Simone P. “Corpo e terra em O alegre canto da perdiz”. In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen Lucia T. (Orgs.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013, p. 229-247.

98 Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (out. 2011) ¹⁷². E tive também oportunidade de apresentar os seguintes trabalhos: *Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira*, na Mesa: “Translating the Post-Colonial in Latin American: Decolonial Feminisms”, LASA (Latin American Studies Association) Congress 2012 (participação online; maio 2012)⁹²; *Figurações de raça e gênero nas literaturas africanas de língua portuguesa – GT “A Mulher na Literatura”*, XXVII Encontro Nacional da ANPOLL (jul. 2012) ¹⁷³.

Além disso, co-orientei uma dissertação de Mestrado na Universidade Federal Fluminense, da aluna Cíntia Acosta Kütter. Sua dissertação, intitulada “Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, um romance de formação refletido em corpo feminino”, teve como orientador principal o Professor Silvio Renato Jorge, da UFF ¹⁷⁴.

Merecem ainda destaque, neste período, as apresentações que realizei em mesas redondas no Colóquio Internacional “Percurso, trilhos e margens: recepção e crítica das literaturas africanas em língua portuguesa”, realizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra – sede Lisboa, em julho de 2011 ¹⁷⁵, bem como no I Congreso de Estudios Poscoloniales y II Jornadas de Feminismo Poscolonial “Cruzando puentes: legados, genealogias y memorias poscoloniales”, na Universidad Nacional de San Martín– Buenos Aires, em dezembro de 2012 ¹⁷⁶. Ainda em 2012, coordenei simpósio e apresentei trabalho intitulado “Fios de memória que atravessam o mar” no Seminário Nacional de Literatura Afrolatina, realizado na Universidade federal de Uberlândia ¹⁷⁷.

92 Minha participação no LASA Congress 2012 já foi referida anteriormente.

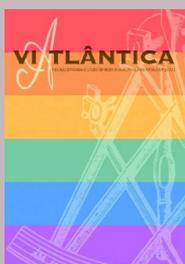


Dentre os objetivos alcançados neste Pós-Doutorado realizado na UFF, encontram-se a criação e implementação das atividades do GEPALA (Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Afro-Latino-Americanos) na UFSC ¹⁷⁸, congregando alunos e professores da Pós-Graduação em Literatura e da Graduação em Letras-Português; as disciplinas ministradas na Graduação e na Pós-Graduação, a orientação de trabalhos de Iniciação Científica e de Conclusão de Curso na área, bem como as orientações de Mestrado e Doutorado; e a organização de atividades de extensão, incluindo-se nessas preocupações a contribuição que a universidade pública deve prestar em prol da efetiva implementação da lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino das culturas africanas e afro-brasileiras no sistema educacional brasileiro, preocupação que demandou, inclusive, minha atuação na discussão acerca da reestruturação curricular, no âmbito do Núcleo Docente Estruturante do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV) da UFSC⁹³.

Por fim, gostaria de destacar, como resultado relevante da pesquisa, a realização do intercâmbio internacional CAPES-FCT, integrando UFF, UFSC e Universidade de Coimbra, no período 2013-2014. Este projeto, intitulado *Trânsitos atlânticos: mulheres e experiência pós-colonial*, foi construído durante meu Pós-Doutorado na UFF e obteve financiamento CAPES-FCT, o que assegurou a participação de professores e alunos da UFSC em atividades de investigação na área, em âmbito nacional e internacional ¹⁷⁹.

Graças a este intercâmbio com a Universidade de Coimbra, coordenado no Brasil por Laura Cavalcante Padilha e em Portugal por Margarida Calafate Ribeiro (Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra), minha orientanda de Doutorado,

93 Minha participação no Núcleo Docente Estruturante do Curso Letras-Português da UFSC já foi referida anteriormente.



100 Maria Salete Daros de Souza, teve oportunidade de realizar seu doutorado-sanduiche nesta instituição portuguesa, o que resultou em excelentes resultados para sua tese. Tive também a oportunidade de realizar uma missão de trabalho, em outubro de 2013, na Universidade Coimbra, período em que intensifiquei contatos com os colegas portugueses, desenvolvi atividades de orientação e pesquisa no Centro de Estudos Sociais (CES – Universidade de Coimbra), além de ter ministrado conferências na Universidade de Coimbra e na Universidade do Minho: “Memória e escrita de mulheres” (conferência proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) ¹⁸⁰; “Memórias Coloniais e Escrita de Mulheres nas Literaturas de Língua Portuguesa” (conferência apresentada no 16º Ciclo de Conferências em Estudos Pós-Coloniais e de Gênero *Itinerâncias Críticas*, organizado pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho) ¹⁸¹.

Mapas de memória

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.

(Becos da memória, Conceição Evaristo)

Retomando a narrativa da minha trajetória de pesquisa, realizada com bolsa de produtividade do CNPq, no período 2013-2016, desenvolvi pesquisa intitulada **Mapas**

2013

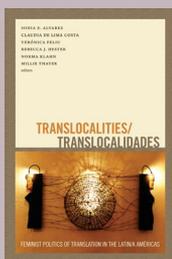


Prefácio ao romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (Florianópolis: Mulheres, 2013)

de memória: corpos e territórios na escrita de autoria feminina africana de língua portuguesa ¹⁸², na qual me dediquei a investigar como territórios e corpos se entrelaçam nos relatos que configuram o que chamei de uma ‘memória colonial’. Tomando os tópicos ‘corpo’ e território’ como ‘lugares’ a partir dos quais se deram os processos de elaboração dessa memória, e tendo como horizonte o espaço transnacional e intercultural da língua portuguesa, realizei a leitura de um *corpus* constituído por textos narrativos e poéticos de autoria feminina, visando, através dessa leitura, constituir um espaço partilhado entre as diferentes experiências coloniais, relatadas por mulheres, no território africano que vivenciou o domínio português.

As etapas do trabalho desenvolvido ao longo da investigação foram as seguintes:

1. Levantamento bibliográfico, leitura teórica e sistematização sobre o conceito de *corpo*;
2. Levantamento bibliográfico, leitura teórica e sistematização sobre o conceito de *território*;
3. Investigação sobre o contexto histórico, social, político e cultural em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, a partir de meados do século XX;
4. Sistematização da investigação do contexto histórico-social;
5. Leitura do *corpus* e primeira sistematização dos temas trabalhados;
6. Investigação teórica e elaboração de discussão sobre o tema da *memória*;
7. Releitura do *corpus* e segunda sistematização dos temas trabalhados, buscando propor a formulação de uma “memória colonial” nos textos analisados, através do estabelecimento de uma perspectiva de leitura comparatista, transversal, entre os textos;
8. Leitura e sistematização da fortuna crítica das autoras investigadas;
9. Leituras teóricas em torno das intersecções entre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista;
10. Elaboração de artigos sobre os temas investigados, discutindo e exemplificando a proposição do conceito de uma ‘memória colonial’ formulada através da leitura do *corpus* da pesquisa, tendo como principais temas: Corpo, território,



SCHMIDT, Simone P. “Cravo canela bala e favela: Luso-Afro-Brazilian Feminist Postcolonialities”. In: ALVAREZ, Sonia et al. (eds.). *Translocalities/Translocalidades: feminist politics of translation in the Latin/a Americas*. Durham and London: Duke University Press, 2014. p. 78-94.

102 memória, história; Corpos em conflito (guerra, violência, trauma); Corpos marcados por gênero e raça; Corpos em trânsito, deslocamentos no espaço-tempo colonial.

O desenvolvimento dessas etapas pode ser verificado principalmente nas seguintes produções:

Acerca das investigações sobre os conceitos de ‘corpo’ e território’, temas norteadores da investigação em torno da elaboração de uma *memória colonial* por parte das autoras estudadas, sobre os quais incidem os estudos de gênero intersectados aos estudos das relações étnico-raciais, publiquei, em 2013, um artigo intitulado “Corpo e terra em *O alegre canto da perdiz*”⁹⁴, no livro *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*, organizado por Maria Geralda Miranda e Carmen Tindó Secco, onde proponho uma leitura a partir dos tópicos “corpo” e “terra” na obra da escritora moçambicana, de modo a investigar seu potencial simbólico na representação das experiências femininas no romance. Desenvolvi tema semelhante ao apresentar, no XV Seminário Nacional Mulher e Literatura e VI Seminário Internacional Mulher e Literatura, realizado na Universidade Federal do Ceará (2013), trabalho intitulado “Os corpos das mulheres e a memória colonial”, em mesa plenária sobre “Gênero e Literatura: representações e identidades”¹⁸⁴. Em 2014, retomei e ampliei um artigo que já havia publicado anteriormente, dando-lhe novos contornos a partir das contribuições dos estudos pós-coloniais, o que resultou na publicação, em inglês, do texto “Cravo canela bala e favela: Luso-Afro-Brazilian Feminist Postcolonialities”⁹⁵, integrando

94 “Corpo e terra em *O alegre canto da perdiz*”. In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen L. Tindó (orgs.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013. p. 229-247. ¹⁸³

95 Este artigo já foi referido anteriormente: “Cravo canela bala e favela: Luso-Afro-Brazilian Feminist Postcolonialities”. In: ALVAREZ, Sonia et al. (eds.). *Translocalities/Translocalidades: feminist politics of translation in the Latin/a Americas*. Durham and London: Duke University Press, 2014. p. 78-94.

2014

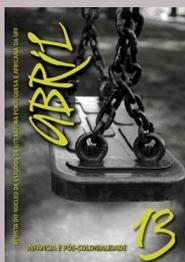


SCHMIDT, Simone P. “Os corpos das mulheres e a memória colonial”. In: FUNCK, Susana B.; MINELLA, Luzinete S.; ASSIS, Gláucia O. (Orgs.). *Linguagens e narrativas; desafios feministas*. Tubarão – SC: Copiart, 2014, p. 267-280.

o livro *Translocalities/Translocalidades: feminist politics of translation in the Latin/a Americas*, organizado por Sonia Alvarez et al. Neste artigo, discuto questões de raça e gênero nas representações de corpos em trânsito na contemporaneidade brasileira, a partir da leitura de romances e de um filme. Em 2015, apresentei, em mesa plenária sobre “Mulher negra na literatura”, trabalho intitulado “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres”, no VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado na Universidade de Caxias do Sul ¹⁸⁵. Neste trabalho, que foi posteriormente publicado em livro⁹⁶, parto da compreensão de que a crítica feminista, articulada aos estudos pós-coloniais, auxilia-nos na interpretação das intrincadas relações existentes entre gênero e raça na experiência colonial e em seus desdobramentos em termos de uma colonialidade do poder. Nesse sentido, dediquei-me a investigar a articulação dessas duas categorias tão vivamente presentes nas histórias coloniais e pós-coloniais sobre as quais se constroem os sistemas culturais de países como os africanos de língua portuguesa e o Brasil.

Com relação às orientações, vários trabalhos de doutorado e mestrado foram direta ou indiretamente beneficiados pelas contribuições advindas de minha pesquisa acerca dos conceitos de corpo e território, articulando nesses tópicos as investigações sobre as intersecções das categorias gênero e raça. Destaco especialmente as dissertações de mestrado de Miriam Conceição dos Santos – “Ponto cantado, encantando o ponto: Clara Nunes na interpretação dos cânticos de umbanda e candomblé na vida musical brasileira” (dissertação defendida em 2013), Letícia de Bonfim (“Funk carioca: voz feminina e o caso Tati Quebra-Barraco” dissertação

96 “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres”. In: ZINANI, Cecil J.A.; SANTOS, Saete R.P. (Org.). *Trajetórias de literatura e gênero*. Caxias do Sul: Educs, 2016, p. 13-24. Esta publicação já foi referida anteriormente.



SILVA, Renata Flávia; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). *Abril*; Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana, v. 6, n. 13: Infância e Pós-colonialidade, 2014

104 defendida em 2014, com minha coorientação), e Silvana Martins (“Lia Vieira: as representações do feminismo negro em *Só as mulheres sangram*”, dissertação em conclusão); e as teses de doutorado, já defendidas, de Clarice Fortunato Araújo (“Fragmentos da memória: da vida nas ruas ao teto dos livros”) e Gabrielle Bittelbrun (“Sob cores e contornos: gênero e raça em revistas femininas do século 21”⁹⁷).

Sobre o contexto histórico, social, político e cultural dos países cujas literaturas foram alvo da investigação (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, a partir de meados do século XX), concedi em 2013 uma entrevista que foi publicada no livro *Reencontros com as literaturas africanas de língua portuguesa* – Michel Laban, organizado por Claudio Fortuna. A entrevista recebeu o título: “As literaturas africanas vêm conquistando atenção e prestígio crescentes no sistema literário de língua portuguesa”⁹⁸, e dedica-se a discutir o lugar e o papel desempenhado por essas literaturas no âmbito das culturas de língua portuguesa⁹⁹. Em 2014, entrevistei Margarida Paredes, escritora e antropóloga portuguesa que participou da luta de libertação em Angola. Essa entrevista, que discute o contexto histórico-político-cultural angolano contemporâneo, foi publicada em *ContraCorrente: Revista de Estudos Literários e da Cultura*, da Universidade do Estado do Amazonas, sob o título “História de vida em trânsito: entrevista com Margarida

97 A tese foi posteriormente publicada em livro: BITTELBRUN, Gabrielle V. *Cores e contornos: gênero e raça em revistas femininas do século 21*. Florianópolis: Insular, 2018. 186.

98 SCHMIDT, Simone P. “As literaturas africanas vêm conquistando atenção e prestígio crescentes no sistema literário de língua portuguesa” (Entrevista concedida a Cláudio Fortuna). In: FORTUNA, Cláudio. *Reencontros com as literaturas africanas de língua portuguesa* – Michel Laban. Brasília: Kiron, 2013. p.79-83. 187.

99 Esta entrevista foi também publicada na Revista *Buala*: “A profunda vinculação com a experiência humana das literaturas africanas”. Entrevista concedida a Cláudio Fortuna. Revista *Buala*, jan. 2012. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-ler/a-profunda-vinculacao-com-a-experiencia-humana-das-literaturas-africanas>. Acesso em 18.09.2018. 188.

2014



SCHMIDT, Simone P. “História de vida em trânsito: entrevista com Margarida Paredes”. *ContraCorrente*, Manaus, n. 5, p. 145-154, 2014.

Paredes”¹⁰⁰. Em 2015, publiquei, em outro número de *ContraCorrente: Revista de Estudos Literários e da Cultura*, artigo intitulado “A poética de Conceição Lima e sua viagem entre mundos”¹⁰¹, em que abordo a problemática histórico-política de São Tomé, presentificada na poesia de Conceição Lima. Em abordagens semelhantes, apresentei, em 2015, dois trabalhos em simpósios temáticos: o primeiro, intitulado “Estranha viagem entre mundos”, foi apresentado no Simpósio “Viagem e estranhamento: aventuras fantásticas em produções literárias de autoria feminina”, coordenado por mim e Maximiliano Torres (UERJ), dentro da programação do VI Encontro Nacional “O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional”¹⁹¹, realizado na UERJ; o segundo foi apresentado, sob o título “Viagem em direção ao vasto mundo”, no Grupo Temático “Países, Fronteiras, Travessias”, coordenado por mim e Jair Zandoná (UFSC), no âmbito da programação da IX Semana Acadêmica de Letras da UFSC¹⁹². Apresentei ainda, em 2015, uma conferência intitulada “Pátria, mátria, frátria: dispersões do português no espaço-tempo pós-colonial”, dentro do Seminário Internacional “Línguas Africanas e seus deslocamentos: diálogos entre Brasil, Angola e Moçambique”, organizado pelo Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER) da UFSC, numa iniciativa do Projeto Kadila, coordenado por Ilka Boaventura Leite¹⁹³.

Em termos de orientações, destaco três trabalhos de mestrado que se inseriram neste tópico da pesquisa: de Cintia Kütter (“*Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane, um romance de formação refletido em corpo feminino”, dissertação de-

100 “História de vida em trânsito: entrevista com Margarida Paredes”. *ContraCorrente* (UEA), Manaus, n.5, p. 145-154, maio 2014. ¹⁸⁹

101 “A poética de Conceição Lima e sua viagem entre mundos”. *ContraCorrente* (UEA), Manaus, n.7, p. 150-157, 2015. ¹⁹⁰

Programa semanal “Livro Aberto” na TV UFSC, em parceria com Fábio Lopes da Silva



2014

106 fendida na UFF, com minha co-orientação), Evillyn Kjellin (“À sombra do tamarindo: identidade, tradução cultural e gênero em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto”; dissertação defendida em 2014), e Franciele Guarienti (“Lídia pelos caminhos de Angola: as intersecções entre literatura e história no romance *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa”; dissertação defendida em 2015).

Quanto ao aprofundamento das leituras teóricas em torno das intersecções entre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista, que constituía, juntamente com os demais tópicos, uma das etapas a cumprir visando o alcance dos objetivos da pesquisa, publiquei, em 2013, artigo intitulado “Os desafios da representação: poéticas e políticas de leitura descolonial”¹⁰², na Revista *Via Atlântica*, da USP. Neste artigo, tomando como ponto de partida a contribuição dos estudos pós-coloniais para a crítica feminista contemporânea, dediquei-me a examinar como se articulam aspectos de gênero e raça na representação da experiência de mulheres em romances brasileiros e moçambicanos. Através dessa breve leitura comparativa, o texto assinala sua opção por uma crítica descolonial, no âmbito dos sistemas culturais atravessados pela herança do colonialismo português. Em 2014, organizei, em co-autoria com Renata Flávia da Silva (UFF) um número temático da Revista *Abril*, do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, dedicado ao tema “Infância e pós-colonialidade”¹⁰³, para o qual convergiram várias discussões teóricas significativas no campo dos estudos pós-coloniais. Publiquei dois artigos em 2015 sobre as intersecções que se destacam, nas teorias contemporâneas, entre

102 “Os desafios da representação: poéticas e políticas de leitura descolonial”. *Via Atlântica*, USP, São Paulo, , vol. 24, p. 229-239, 2013. ¹⁹⁴

103 SILVA, Renata Flávia; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). *Abril*; Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Niterói, vol. 6, n. 13, nov. 2014 (número temático: *Infância e Pós-Colonialidade*). ¹⁹⁵



os estudos pós-coloniais e os estudos feministas: o primeiro, intitulado “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”¹⁰⁴, integrou o livro organizado por Rosana Kamita e Luísa Fontes, *Mulher e literatura: vozes consequentes*; uma outra versão deste artigo, sob o título “O feminismo, ainda”¹⁰⁵, foi publicada no livro *Mulheres, linguagem e poder*; estudos de gênero na sociolinguística brasileira, organizado por Raquel Freitag e Cristine Severo. Trabalhos apresentados sobre essa abordagem foram, principalmente: em mesa redonda no XIII Congresso Internacional da ABRALIC (2013), trabalho intitulado “Diáspora e guerra na escrita de mulheres africanas”¹⁰⁶, em mesa redonda sobre “Pós-colonialismos, feminismos e diásporas”, e, em 2014, conferência intitulada “Outros rumos dos estudos de gênero”, no evento “Curta o Gênero”, realizado na Universidade Federal do Cariri ¹⁹⁷.

Finalmente, sobre a formulação de um conceito de *memória colonial*, tópico para o qual convergiram os demais temas investigados, bem como a indagação de suas formas de representação no *corpus* de análise, os trabalhos mais relevantes que produzi nessa etapa do trabalho foram: em 2013, o artigo intitulado “Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira”¹⁰⁷, no *Anuário de Literatura* da UFSC, em número dedicado ao tema “Mulher e literatura, mulheres na literatura”, organizado por Jair Zandoná, Tânia Ramos e

104 SCHMIDT, Simone P. “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”. In: KAMITA, Rosana C.; FONTES, Luísa C. (orgs.). *Mulher e literatura: vozes consequentes*. Florianópolis: Mulheres, 2015. p. 481-497. Este artigo já foi mencionado antes.

105 SCHMIDT, Simone P. “O feminismo, ainda”. In: FREITAG, Raquel M. K.; SEVERO, Cristine G. (orgs.). *Mulheres, linguagem e poder*; estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. p. 291-303. ¹⁹⁶

106 Este trabalho já foi referido anteriormente.

107 SCHMIDT, Simone P. “Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira”. *Anuário de Literatura*, UFSC, Florianópolis, vol.18, n.esp.,p. 99-114, 2013. ¹⁹⁸



SCHMIDT, Simone P. “A poética de Conceição Lima e sua viagem entre mundos”. *Contra Corrente*, Manaus, n. 7, p. 150-157, 2015.

- 108 Zahidé Muzart; e em 2014, artigo intitulado “Os corpos das mulheres e a memória colonial”, em livro organizado por Susana Funck, Luzinete Minella e Gláucia Assis, intitulado *Linguagens e narrativas; desafios feministas*¹⁰⁸.

Quanto aos trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, destaco: “Odete Semedo e a memória de uma guerra” (apresentado em mesa redonda no V Encontro de Professores de Literaturas Africanas e I Encontro da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos – AFROLIC, realizado na UFRGS, 2013); “Memórias coloniais na pele: a poesia de Noémia de Sousa” (apresentado no Simpósio Temático ‘Arte e Gênero’, coordenado por mim e Ana Gabriela Macedo [Universidade do Minho], dentro da programação do X *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, realizado na UFSC, 2013)²⁰⁰; “Memórias coloniais e escrita de mulheres” (apresentado em mesa redonda na VIII Semana Acadêmica de Letras da UFSC, realizada em 2014)²⁰¹; “Em busca de uma memória (des)colonial: escritoras africanas na zona de contato”¹⁰⁹ (apresentado no Simpósio “Descolonizando Gênero”, coordenado por mim e Catarina Martins [Univ. Coimbra], dentro da programação do II Seminário Internacional *Desfazendo Gênero*, realizado na UFBA, em 2015)²⁰³; “Em clave feminina, um retorno devastador”¹¹⁰ (apresentação em mesa semiplenária no IV Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena, realizado na UFRJ, em 2015)

108 SCHMIDT, Simone P. “Os corpos das mulheres e a memória colonial”. In: FUNCK, S.B.; MINELLA, L.S.; ASSIS, G.O. (Orgs.). *Linguagens e narrativas; desafios feministas*. Tubarão – SC: Copiart, 2014, p. 267-280. ¹⁹⁹

109 Este trabalho foi posteriormente revisto e aumentado, e publicado em livro: SCHMIDT, Simone P. “Em busca de uma memória (des)colonial: escritoras africanas na zona de contato”. In: SILVA, Renata Flávia da (org.). *Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa*. Niterói: EdUFF, 2017. p. 55-67. ²⁰²

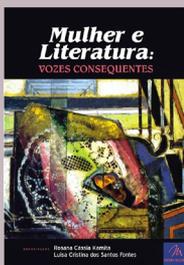
110 Este trabalho foi posteriormente publicado em artigo na Revista *Abril*, do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF: SCHMIDT, Simone P. “Uma viagem longa demais, um retorno devastador”. *Abril* (NEPA-UFF), Niterói, v. 8, n. 16, p. 119-135, 1º semestre, jul. 2016. ²⁰⁵

²⁰⁴; “Retorno aos retornos” (apresentação em mesa redonda no XXV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – ABRAPLIP, realizado na Universidade do Estado do Amazonas, em 2015) ²⁰⁶.

Neste período, também ministrei algumas conferências em universidades estrangeiras: “Memória e escrita de mulheres” (conferência proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2013)¹¹¹; “Memórias Coloniais e Escrita de Mulheres nas Literaturas de Língua Portuguesa” (conferência apresentada no 16º Ciclo de Conferências em Estudos Pós-Coloniais e de Género *Itinerâncias Críticas*, organizado pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, em 2013)¹¹²; “Os retornos e a memória colonial: um assunto (afinal) de mulheres” (conferência apresentada em 2015, no seminário “Literatura Comparada: questões e perspectivas”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob organização do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa) ²⁰⁷; “Escritoras de língua portuguesa e a construção de uma poética feminista e descolonial” (conferência apresentada no Seminário *Itinerâncias Críticas 27 e Literaturas em Trânsito: Workshop Género e Poéticas Femininas*”, realizado na Universidade do Minho, em 2015) ²⁰⁸. Estas duas últimas conferências, realizadas nas Universidades do Porto e do Minho, em 2015, ocorreram por ocasião de uma viagem que Rosana Kamita e eu realizamos para consolidar nossos vínculos com o Grupo Internacional de Pesquisa Intersexualidades, coordenado por Ana Luísa Amaral e vinculado ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto, e também com o Grupo de Pesquisa “Gênero, Artes e Estudos Pós-Coloniais”, pertencente ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

111 Esta conferência já foi referida anteriormente.

112 Esta conferência também já foi referida.



SCHMIDT, Simone P. “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”. In: KAMITA, Rosana C; FONTES, Luísa C.S. (Org.). *Mulher e literatura: vozes consequentes*. Florianópolis: Mulheres, 2015, p. 481-497.

110 No que tange às orientações, os trabalhos que mais se destacam neste tópico relacionado à proposição de uma memória colonial foram duas teses de doutorado que orientei, ambas defendidas em 2015: “Cabe o amor no relato da guerra? Testemunhos femininos e o Atlântico pós-colonial”, de Maria Salete Daros de Souza, e “Entre tralhas e traumas de guerra: o gesto testemunhal da escritora Paulina Chiziane”, de Tiago Ribeiro dos Santos.

A seguir, descrevo as principais etapas e conclusões alcançadas pela pesquisa desenvolvida no período 2013-2016, tomando por referência seus principais eixos temáticos.

Autoria feminina: neste âmbito, foi verificada a escassa divulgação de nomes femininos nos sistemas literários africanos de língua portuguesa. Há poucos nomes citados, e esses costumam se repetir, o que acusa problemas quanto à representação e valorização das mulheres no cânone literário. Assim, um primeiro trabalho realizado dedicou-se ao levantamento de nomes e obras de autoras africanas de língua portuguesa, o que resultou num considerável alargamento do *corpus* da pesquisa. Este levantamento foi feito principalmente no Rio de Janeiro, em Portugal e pela internet, em bibliotecas particulares, antologias, cadernos, revistas, publicações de grupos, etc. Como consequência, a partir do levantamento de nomes e de obras, e da ampliação do *corpus* literário, tornou-se necessário considerar a discussão de temas como cânone, recepção, critérios de inclusão e exclusão; critérios de valorização. O *corpus* literário da pesquisa passou a ser constituído principalmente por narrativas de ficção e de testemunho e poemas de autoria feminina, que esboçam os contornos de um espaço histórico e imaginário de memórias entrelaçadas, a partir da experiência comum do colonialismo português.

2015



SCHMIDT, Simone P. “O feminismo, ainda”. In: FREITAG, Raquel M.K.; SEVERO, Cristine G. (Orgs.). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 291-303.

Países africanos de língua portuguesa: Neste eixo, considerei os traços comparativos que se podem identificar e desenvolver, a partir de uma experiência histórica semelhante, com diferentes abordagens e desdobramentos, devido às particularidades de cada contexto. Tal experiência histórica foi analisada a partir do colonialismo, e mais precisamente, do ‘modo português’ de escrever a sua história colonial-patriarcal-escravocrata.

Experiência colonial e pós-colonial: Este eixo teve como horizonte a perspectiva de uma experiência histórica que atravessou cinco séculos, e que deixa marcas profundas, a partir de experiências traumáticas, como a escravidão e as guerras. Na esteira da história colonial, foi trabalhado o conceito de *colonialidade*, com base em Aníbal Quijano (2010), Walter Mignolo (2008) e Maria Lugones. (2008).

Memória:

‘Memória colonial’: a constituição de uma ‘memória colonial’ a partir da experiência registrada e representada por mulheres. Essa memória, na esteira de Paul Ricoeur (2004), foi examinada em seus desdobramentos subjetivo e social. Assim, à memória coletiva, cultural, inscrita nas paisagens, nos lugares, erigida em símbolos e codificada em textos e imagens que se transformam em patrimônio de um grupo social, associa-se a memória pessoal, subjetiva, familiar, inscrita nos corpos, nos relatos íntimos. As figurações da memória na pesquisa foram examinadas na perspectiva do trânsito, entre a experiência localizada e a memória coletiva, a ser recuperada, rasurada, desconstruída e refeita.

O trabalho da memória: opera não só no sentido de fazer falar as vítimas do colonialismo, mas também de perceber as outras histórias: histórias de sobrevivência,

- Integração ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, e ao Grupo Internacional de Pesquisa Intersexualidades, coordenado por Ana Luísa Amaral
- Ana Luísa Amaral participa das atividades do Núcleo Literatual como pesquisadora visitante na UFSC

112 de criação e de resistência (tal como Walter Benjamin apresenta, em suas *Teses sobre o conceito de História* [1987], as ideias de ‘salvação’ e ‘escavação’ da história). O que, em certa medida, evoca o pensamento de Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1995), sobre a ideia de culturas de resistência:

(...) o contato imperial nunca consistiu na relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo; sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando” (SAID, 1995, p. 12).

Espaço, lugar, território: O espaço foi compreendido como uma série de redes interdependentes e superpostas; redes que são também humanas, formadas, inseparavelmente, de objetos e ações (cf. SANTOS, 2002). Também como espécie de palimpsesto, onde, através de acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro. (SANTOS, 2002). Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Ou: todos os lugares são virtualmente mundiais. Mas, também, cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade. É a esse fenômeno que se denomina “glocalidade” (BENKO, 1994).

O conceito de ‘território’: foi compreendido como roteiro para leitura de ‘mapas da memória colonial’. Foi relevante também o conceito de “lugares praticados”, (CERTEAU, 1994), os espaços físicos e simbólicos onde pulsa a “tessitura de vida” (RESENDE, 2008), que advém das relações sociais que constantemente neles se travam, e onde o poder se encontra em disputa. Nesse sentido, o território foi investigado como lugar habitado por sujeitos em permanente disputa e negocia-



ção, evocando o conflagrado espaço onde se deram as experiências coloniais, bem como seus prolongamentos na contemporaneidade.

Outro conceito importante foi o de horizontalidades e verticalidades (SANTOS, 2008), sendo as horizontalidades aquelas que se desenham na contiguidade, nos lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades são formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais.

O conceito de *espaço banal* de François Perroux (*apud* SANTOS, 2008) também foi útil, já que aponta para o espaço da vizinhança, da comunidade, podendo vir a ressignificar a noção de rede, na perspectiva dos subalternos. Além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns.

O território, hoje, pode assim ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas. Esse acontecer simultâneo, tornado possível contemporaneamente, cria a possibilidade de um acontecer solidário, malgrado todas as formas de diferença, entre pessoas, entre lugares.

Corpo: o corpo foi examinado sob diversos aspectos: como mapa onde se traçam os percursos da história social e privada, relicário de memórias subjetivas, arena



SCHMIDT, Simone P. “Nos becos da memória, a força da narrativa”. In: DUARTE, Constância L.; CÔRTEZ, Cristiane; P, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 101-107.

114 onde se travam embates de poder, *locus* onde se intersectam experiências pessoais e políticas, onde se travam conflitos advindos das identidades de gênero, classe, etnia, raça, sexualidade, nacionalidade, geração, superfície em que se inscreve a violência, marcando o sujeito subjugado, lugar de resistência, “tela de representação” do vivido (HALL, 2003) “capital cultural” (idem), ‘casa’ que se carrega no exílio, nas viagens, nas diásporas e migrações, lugar de inscrições sociais, políticas, culturais e geográficas” (GROSZ, 2000). Os poemas de Paula Tavares e de Noémia de Sousa foram abordados especialmente na perspectiva das figurações do corpo feminino em seus múltiplos significados.

Quanto à metodologia de análise, tomando por referência o conceito de “lugares de memória” de Pierre Nora (1993), foram trabalhados os seguintes temas:

- a) *Mar e terra* (e como desdobramentos: colonialismo, tensões coloniais, viagens coloniais, trocas culturais, a dominação territorial) : aqui foram analisadas as autoras Noémia de Sousa (2001), Paulina Chiziane (2008), Orlanda Amarílis (1974) e Conceição Lima (2004);
- b) *Nação* (os projetos nacionais, pós-independência): as autoras trabalhadas foram Deolinda Rodrigues (*Diário de um exílio sem regresso*) (2003) e os depoimentos de *O livro da paz da mulher angolana* (2008), série de depoimentos organizados por Dya Kasembe e Paulina Chiziane.
- c) *Estrada* (Viagens, migrações, fronteiras, guerra): foram trabalhadas as autoras Odete Semedo (2007), Paulina Chiziane (2003; 2008) e Orlanda Amarílis (1974)
- d) *Casa* (espaço doméstico, relações intersubjetivas, familiares, conjugais, amorosas, de gênero, de vizinhança, relações de horizontalidade): as autoras analisadas foram Maria Celestina Fernandes (2004), Paula Tavares (2011) e Paulina Chiziane (2003; 2008).



Quanto às formas textuais (as formas de registros da memória colonial) trabalhadas, em síntese foram as seguintes:

Formas autobiográficas (testemunho, depoimento, cartas, diários): especialmente *Diário de um exílio sem regresso (2003)*, de Deolinda Rodrigues e *O livro da paz da mulher angolana (2008)*, organizado por Dya Kasembe e Paulina Chiziane.

Autoficção: Odete Semedo (2007), Paulina Chiziane (2003), Isabela Figueiredo (2011)

Pós-memória: Paula Tavares (2004; 2011), Isabela Figueiredo (2011)

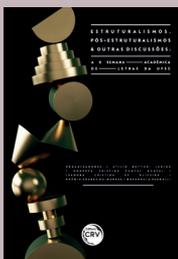
Por fim, quanto ao alcance teórico e político do trabalho, sintetizo os principais resultados nos seguintes tópicos:

A perspectiva das mulheres: visto a partir de um olhar para a experiência subalterna, a partir da margem, e por isso, muitas vezes, numa abordagem transversal.

Mulheres como sujeitos da experiência, mas com uma perspectiva deslocada, onde a alteridade se faz visível.

A identificação e interpretação das **permanências da situação colonial** no mapa das relações contemporâneas, especialmente no que se refere ao **caráter sexualizado/gendrado/racializado do sujeito feminino, periférico e subalterno**.

A análise da condição de dupla colonialidade das mulheres: Duplamente silenciadas: “silenciadas pela condição de subalternidade no seio da diferença imposta pela colonialidade e silenciadas pela condição de subalternidade vivida no seio da diferença sexual” (RIBEIRO, 2008, p. 98-99).



SCHMIDT, Simone P; ZANDONÁ, Jair; CAVAGNOLI, Ana C. ; BERNDT, Charles ; CASSILHAS, Fabrício; FRIEDRICH, Fernanda; BITTELBRUN, Gabrielle; UHLIG, J. “Sujeitos em trânsito, saberes deslocados, identidades em movimento”. In: BUTTURI, Atílio; XHAFAJ, Donesca; GUIMARÃES, Noêmia; OLIVEIRA, Leandra; PEDRALLI, Rosângela. (Orgs.). *Estruturalismos, pós-estruturalismos e outras discussões*: a X Semana Acadêmica de Letras da UFSC. Curitiba: CRV, 2016, p. 223-231.

116 Leitura dos textos literários e testemunhais como respostas a esse silenciamento: buscando identificar e construir **Estratégias estéticas e políticas de representação**, no sentido inverso da colonialidade do poder, reivindicando de seus leitores uma prática de **leitura descolonial**.

A construção de uma Epistemologia descolonial (MIGNOLO, 2008): convoca os subalternos a “pensar a partir das línguas e das categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais”. Está implícita à construção de uma epistemologia descolonial o pressuposto de “aprender a desaprender (...), já que [nossos] cérebros foram programados pela razão imperial/ colonial” (MIGNOLO, 2008).

Enfim, como resultados práticos da pesquisa, destaco os cursos ministrados no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC nesta etapa da pesquisa: “Memórias na pele: escrita de mulheres e experiência colonial” (2013), “Crítica feminista e as geografias do poder: gênero, raça, espaço e representação” (2014), “Estudos feministas, crítica pós-colonial, pensamento descolonial: para ler o contemporâneo” (2015). Também merece referência o conjunto de orientações realizadas no período, somando 6 teses de doutorado concluídas (“A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no Ensino Médio: diálogos e silêncios”, de Maria Aparecida Rita Moreira; “Na encruzilhada tem muitos caminhos: teoria descolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila”, de Edelu Kawahala; “Cabe o amor no relato da guerra? Testemunhos femininos e o Atlântico pós-colonial”, de Maria Salete Daros de Souza; “Entre tralhas e traumas de guerra: o gesto testemunhal da escritora Paulina Chiziane”, de Tiago Ribeiro dos Santos; “Fragmentos da memória: da vida nas ruas ao teto dos livros”, de Clarice Fortunato Araújo; “Sob

2016



SCHMIDT, Simone P. “Uma viagem longa demais, um retorno devastador”. *Abril*, Niterói, v. 8, n. 16, p. 119-135, 2016.

cores e contornos: gênero e raça em revistas femininas do século 21, de Gabrielle Bittelbrun); 5 dissertações de mestrado (“As margens da experiência: os miúdos e os mais-velhos na narrativa de Ondjaki”, de Jane Vieira da Rocha; “Pura mistura: alteridentidades calibanescas em *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto”, de Sandro Brincher; “Ponto cantado, encantando o ponto: Clara Nunes na interpretação dos cânticos de umbanda e candomblé na vida musical brasileira”, de Miriam Conceição dos Santos; “À sombra do tamarindo: Identidade, tradução cultural e gênero em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto”, de Evellyn Kjellin; “Lídia pelos caminhos de Angola: as intersecções entre literatura e história no romance *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa”; de Franciele Guarienti; 2 dissertações de mestrado (co-orientação) concluídas (“Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, um romance de formação refletido em corpo feminino”, de Cintia Kütter; “Funk carioca, voz feminina e o caso Tati Quebra-Barraco”, de Letícia de Bonfim), 1 trabalho de conclusão de Curso de Graduação (“O exílio de Elisa Lispector”, de Ana Beatriz Andrade). No total, são 14 trabalhos orientados no período¹¹³.

Destaco ainda minha atuação como coordenadora do GEPALA – Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Afro-Latino-Americanos da UFSC, até 2015, e minha vinculação, desde 2015, como vice-coordenadora do LITERATUAL – Núcleo de Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade, na UFSC¹¹⁴.

Cabe também destacar minha atuação em redes de colaboração interinstitucionais, começando pelo Instituto de Estudos de Gênero da UFSC, e estendendo-se aos seguintes grupos: GT da ANPOLL, “A Mulher na Literatura”; Grupo de Pesquisa “África,

113 Todos os trabalhos já foram defendidos, e muitos deles já foram citados anteriormente neste memorial.

114 Os dois núcleos de pesquisa já foram mencionados anteriormente.



SCHMIDT, Simone P. “Da dura tarefa de tornar-se mulher”. *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, n. 35, p. 5-28, 2016.

- 118 Brasil, Portugal: interlocuções literárias”, coordenado por Laura C. Padilha e Silvio Renato Jorge (UFF)¹¹⁵; Grupo de Pesquisa Internacional “Intersexualidades”, liderado por Ana Luísa Amaral (Universidade do Porto).

Das redes de colaboração, resultaram significativos intercâmbios internacionais, tais como o já referido Projeto de Cooperação Internacional Capes-FCT “Trânsitos Atlânticos (Angola, Portugal, Brasil): gênero e experiência pós-colonial”, desenvolvido em 2013-2014, do qual participei, e que integrou a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal de Santa Catarina com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob coordenação de Laura Cavalcante Padilha (UFF) e Margarida Calafate Ribeiro (CES-UC). A partir de 2016, passei a integrar o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, vinculando-me ao Grupo Internacional de Pesquisa *Intersexualidades*, coordenado por Ana Luísa Amaral ²⁰⁹, e estreitei vínculos com o Grupo de Pesquisa “Gênero, Artes e Estudos Pós-Coloniais”, coordenado por Ana Gabriela Macedo, vinculado ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, o que resultou num acordo de cooperação internacional com esta Universidade, firmado em 2018.

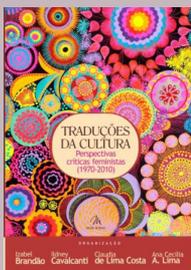
Dos contatos com o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, e de minha integração ao Grupo Internacional de Pesquisa Intersexualidades resultaram, como ações concretas, a vinda da Professora Ana Luísa Amaral (do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto) à UFSC, como pesquisadora visitante, em maio de 2016, bem como minha participação no Colóquio Intersexualidades/Interseccionalidades, realizado na UNEB, em Salvador, em setembro de 2018.

115 IEG, GT A Mulher na Literatura da Anpoll e o Grupo de Pesquisa África, Brasil, Portugal: interlocuções literárias já foram referidos em outros momentos deste memorial.

*Hoje levantei-me cedo
pintei de tacula e água fria
o corpo aceso
não bato a manteiga
não ponho o cinto
Vou
para o sul saltar o cercado*

(Paula Tavares)

Em meu atual momento como pesquisadora, desenvolvo, desde 2016, pesquisa intitulada **Escritoras africanas e a construção de um pensamento *feminista* ao Sul** ²¹⁰, na qual me dedico à investigação de um conjunto de textos de escritoras africanas contemporâneas de língua portuguesa, com o propósito de rastrear a construção do que podemos considerar um *pensamento feminista ao Sul* na produção dessas autoras. Os textos são lidos na perspectiva de examinar, interpretar e discutir as ideias, visões de mundo e experiências representadas, mormente em textos ficcionais narrativos, mas também em depoimentos, ensaios e entrevistas. Uma das preocupações centrais na interpretação desse pensamento é discutir suas diferenças em relação aos estudos feministas produzidos nos centros hegemônicos de poder-saber, nomeadamente nos países europeus e nos Estados Unidos. Ao buscar compreender as reflexões e propostas que circulam em tais textos, bem como os procedimentos e elementos narrativos (no caso de romances, contos e crônicas)



SCHMIDT, Simone P. “Ser mulher e outras palavras: o conceito de interseccionalidade revisitado por Avtar Brah e Ann Phoenix”. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Idiney.; COSTA, Claudia L.; LIMA, Ana C.A. (Orgs.). *Traduções da cultura. Perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Editora da UFSC; EDUFAL, 2017, p. 685-691.

120 empregados em sua construção, diversas perguntas norteiam essa busca, sendo a principal delas a indagação em torno do modo como se constroi hoje, nos países africanos, um pensamento feminista situado ao Sul.

Alguns frutos bastante concretos desta etapa recente do meu trabalho de pesquisa devem ser mencionados: o artigo “Da dura tarefa de tornar-se mulher” ¹¹⁶, que publiquei nos *Cadernos de Literatura Comparada* do Instituto de Literatura Comparada da Universidade do Porto, bem como a publicação do libreto *Vozes femininas descentradas* ¹¹⁷ dentro da série de publicações online do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto (nesta publicação, além de atuar como organizadora, compareço como autora do artigo “Mulheres africanas (e afrodescendentes) na diáspora: violência e (não) pertencimento” ¹¹⁸), e a organização, juntamente com Ana Gabriela Macedo, de uma seção temática intitulada *Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós / descoloniais* na Revista *Estudos Feministas* ¹¹⁹. Além das publicações, assinalo também as seguintes apresentações de trabalho: “Negritude como um gesto vanguardista ou de como um gesto se desdobra para muito além do seu tempo” (trabalho apresentado no Congresso Internacional Luso-Brasileiro *100 Futurismo: a vez das*

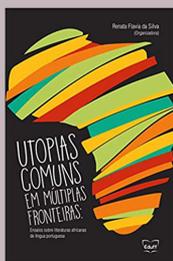
116 SCHMIDT, Simone Pereira. “Da dura tarefa de tornar-se mulher”. *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, n.35, p. 15-28, dez. 2016. ²¹¹

117 SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilclid/catalog/book/8> Acesso em 10.12.2018. ²¹²

118 “Mulheres africanas (e afrodescendentes) na diáspora: violência e (não) pertencimento”. In: SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilclid/catalog/book/8>. Acesso em 10.12.2018. ²¹³

119 A Seção Temática “Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais” encontra-se no prelo; sua publicação está prevista para o próximo número da *Revista Estudos Feministas*, no primeiro semestre de 2019. ²¹⁴

2017



SCHMIDT, Simone P. “Em busca de uma memória (des)colonial: escritoras africanas na zona de contato”. In: SILVA, Renata F. (Org.). *Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa*. Niterói-RJ: EDUFF, 2017, p. 55-68.

vanguardas, realizado em maio de 2017 pela UFRJ, UFF e UERJ 211), bem como o trabalho que apresentei no 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11, intitulado “As ‘mulheres-sós’ de Orlanda Amarílis: uma aproximação feminista à diáspora cabo-verdiana na Europa” (2017) ²¹⁵, além das participações em mesas redondas nos seguintes eventos: XII Semana Acadêmica de Letras da UFSC, onde coordenei mesa redonda intitulada *Poéticas e Políticas Literárias: leituras interseccionais*, apresentando o trabalho “Para além do círculo de Narciso: escritoras afrodescendentes, memória e resistência” (maio 2018)¹²⁰; *Colóquio Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo* (UNEB, set. 2018), organizado pelo Grupo Internacional de Pesquisa *Intersexualidades*, o qual integro, onde apresentei, na mesa redonda “O que elas têm: saberes decoloniais e escritas de mulheres”, trabalho intitulado “Corpos e saberes situados ao Sul: mulheres africanas e o jogo mortalmente sério da escrita” ²¹⁶; Mesa Redonda “Literatura de Autoria Feminina” na *VIII Jornada Literária do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários* (UFJF, nov. 2018), com o trabalho “Repensando a crítica feminista” ²¹⁷; Mesa-redonda plenária no *Colóquio Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Transições* (UFF, nov. 2018), organizado pelo Grupo de Pesquisa “África, Brasil, Portugal: interlocuções literárias” ¹²¹, de que participo, onde apresentei trabalho intitulado “Uma leitura em trânsito: das ‘histórias de mulheres’ em direção aos feminismos decoloniais” ²¹⁸.

120 Esta mesa redonda já foi mencionada anteriormente.

121 O Colóquio “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Transições”, realizado em novembro de 2018, veio a consolidar o trabalho de um conjunto de pesquisadores de várias instituições brasileiras, dedicados às literaturas africanas de língua portuguesa, o que resultou concretamente na criação de um novo grupo de pesquisa no CNPq, intitulado “Perspectivas pós-coloniais: literaturas e culturas em língua portuguesa”, liderado por Silvío Renato Jorge e Renata Flávia da Silva, ambos da UFF, reunindo nossos trabalhos de investigação, bem como de nossos orientandos ²¹⁹.



SCHMIDT, Simone P. “De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”. In: EBLE, L. J.; DALCASTAGNÈ, R. (Org.). *Literatura e exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017, p. 11-340.

122 A fim de expor com maior clareza e em mais detalhes o modo como estou desenvolvendo esta pesquisa, transcrevo a seguir o trabalho que recentemente apresentei no Colóquio do Grupo de Pesquisa Internacional Intersexualidades, realizado na Universidade do Estado da Bahia em setembro de 2018, intitulado “Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo”, ao qual fiz referência há pouco. Neste Colóquio, apresentei em mesa redonda um trabalho em que sintetizo as principais questões com que venho trabalhando nesta etapa de minhas investigações. Dei a este trabalho o título: “Corpos e saberes situados ao Sul: mulheres africanas e o jogo mortalmente sério da escrita”:

Ao buscar constituir um *corpus* de autoras africanas em minha pesquisa, pouco a pouco fui percebendo que grande parte delas se encontra em acervos, privados e públicos, de forma aleatória, sem que elas recebam, em geral, atenção daqueles que se dedicam aos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa.

Procurei entrelaçar dois conjuntos de autoras, o primeiro daquelas mais conhecidas, como Paulina Chiziane, Ana Paula Tavares, Conceição Lima, Odete Semedo, e o segundo, de autoras menos conhecidas e quase sem reconhecimento, e a partir desse entrelaçamento, importantes questões surgiram, tais como a discussão de cânone literário, valor, inclusão e exclusão, num primeiro plano, e num segundo momento, de questões ligadas a sujeito e alteridade.

Tal abordagem implica compreendê-las dentro de uma rede de poderes bastante complexa, já que é preciso problematizar seu lugar como mulheres dentro das sociedades africanas em que se inserem, e sua posição em relação aos estudos feministas, atentando, de forma ainda mais ampla, para as relações de poder entre

homens e mulheres e entre os diferentes lugares de produção de saberes, dentro de um contexto que chamarei amplamente de ‘geografias de saber e poder’, as quais historicamente situaram pensadores e pensadoras africanos fora do círculo ocidental de conhecimento. Dito de outro modo, estamos diante de diferentes abordagens de sujeitos do conhecimento: o sujeito feminino nos países africanos de língua portuguesa, o sujeito pós-colonial, o sujeito feminista e, finalmente, o sujeito feminista pós-colonial (e decolonial) africano.

No caso das escritoras africanas às quais me dedico, a questão da alteridade se torna ainda mais complexa, pelo fato de terem sido historicamente posicionadas, em várias dimensões, no lugar do “outro”. Em primeiro lugar, por sua condição de mulheres. Como sabemos desde Simone de Beauvoir (1970), num universo predominantemente masculino, tal como se constituiu o mundo público, a ‘mulher’ não se posicionou lado a lado com o ‘homem’, sujeito das ações, ideias e palavras. Posicionada como não-sujeito, à mulher não coube o papel de uma segunda voz, uma ação secundária, mas sim o de um vazio, já que o paradigma exclusivo foi constituído como masculino. É no sentido da denúncia e da desconstrução de um sistema de poder assim construído e perpetuado na história, que as feministas têm vindo a atuar desde seus primeiros estudos mais conhecidos. Contudo, a mesma ausência de legitimidade que cercou a figura da mulher dentro do chamado sistema “falocêntrico” projetou-se também, sobre a figura da “feminista”, bem como sobre os estudos feministas. Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005) observam com propriedade a oposição empreendida por autores de peso na tradição literária, como Harold Bloom (*apud* MACEDO e AMARAL, 2005), contra a revisão do cânone proposta pela crítica feminista, bem como por outros representantes do que ele considera a ‘escola do ressentimento’.



11º Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13º Congresso Mundos de Mulheres, com a participação de aproximadamente 9 mil inscritos
 Coordenação da Comissão de Cultura do 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13º Congresso Mundos de Mulheres

124 De fato, a inclusão dos ‘menores ou ‘marginais’ no cânone ocidental (incluídas nesta condição não apenas as mulheres, mas diversas perspectivas de sujeitos que não se enquadram no perfil modelar da cultura ocidental hegemônica até, aproximadamente, a metade do século XX, tais como sujeitos não-brancos, não-europeus, não-heterossexuais, não enquadrados, enfim, num padrão identitário e comportamental pré-determinado e bastante exclusivo) ameaça as linhas mestras da cultura ocidental moderna, erigida através de séculos em monumentos tais como o cânone literário. Ao fundo de tal empreendimento de revisão das exclusões perpetradas, e da reivindicação de inclusão e visibilidade, encontra-se um gesto ainda mais radical de crítica da autoridade e da legitimidade do pensamento moderno. É portanto a partir do feminismo que nos vimos expulsos definitivamente da “casa patriarcal”, esse lugar onde reinou sozinho, por séculos, o sujeito moderno, racional, masculino, heterossexual, branco, ocidental.

Entretanto, as ideias principais expostas pelas precursoras do feminismo, como Simone de Beauvoir (1970), permanecem entre nós, em incômoda atualidade: o modo como um modelo masculino hegemônico se propõe ainda como universal, e como se opera a subtração da experiência das mulheres na construção desse monumental edifício discursivo que é o pensamento moderno.

A rigorosa divisão entre o que é digno de ser conhecido, de se considerar válido, legítimo, verdadeiro e por consequência, ‘científico’ é explicada por Boaventura de Sousa Santos como o pensamento abissal que se constituiu na “cartografia moderna dual nos âmbitos epistemológico e jurídico” (SANTOS, 2010, p. 38-39). O ‘outro’ constituído pelo pensamento abissal assume formas que vão desde o vazio de humanidade em que o colonizado foi colocado pelo sistema colonial, até o não-sujeito

2017



Marcha “Mundos de Mulheres por Direitos”, pelas ruas do centro de Florianópolis.

em que se constituiu a ‘mulher’ perante o ‘homem’ no sistema patriarcal. Trata-se de procedimentos de apagamento e deslegitimação dos ‘outros’ do sistema etno-cêntrico e patriarcal em que se erigiu o pensamento moderno, epistemicídios que persistem até hoje, em formas de colonialidade que começam a ser denunciadas e interpretadas, na incessante busca, empreendida por intelectuais pós-coloniais, de um “mundo humano”, para usar uma expressão de Homi Bhabha (1998, p. 103), que aqui se ampara em Hannah Arendt. A proposta e o desafio de se viver um mundo humano devem incluir ainda um outro sujeito: o sujeito do feminismo. Definitivamente, não há como conceber um “mundo humano” sem se problematizar a desigualdade de gênero. É nesse sentido que teóricas como Gayatri Spivak (2010) buscam interpelar o sujeito pós-colonial. Ao indagar, em seu célebre ensaio, se “pode o subalterno falar”, Spivak (2010) dedica especial atenção à figura da “mulher subalterna”, que mesmo, no seio das teorias que escrutinam a cultura na perspectiva dos oprimidos, corre permanente risco de continuar “tão muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2010, p. 86). Assim, ela entende como sendo tarefa da intelectual pós-colonial “buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna” (SPIVAK, 2010, p. 88), “desaprendendo”, nessa interação, o “privilégio feminino”.

Contudo, se levarmos em conta a reflexão de inúmeras autoras que buscam falar da experiência das mulheres, e das desigualdades de gênero, a partir de lugares distanciados das matrizes do pensamento ocidental, podemos perceber que o “privilégio feminino” a que se refere Spivak (2010) (o qual posiciona mulheres em diferentes e desiguais lugares na perspectiva de classe, etnia, raça, nacionalidade, sexualidade, etc.), está longe ainda de ser desaprendido. Autoras como Chandra Mohanty (2003) desde há muito tempo advertem para os equívocos de uma visão homogeneizante,

- Participação na comissão organizadora do Seminário Diálogos com Moçambique III (promovido por estudantes moçambicanos na UFSC)
- Coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidades, vinculado ao IEG-UFSC
- Participação na assinatura do Acordo de cooperação internacional entre UFSC e Universidade do Minho
- Participação no Colóquio Intersexualidades/Interseccionalidades, realizado pelo Grupo Internacional de Pesquisa Intersexualidades, na UNEB, em Salvador

126 que exerce uma prática colonialista sobre a pluralidade de experiências vividas pelas mulheres não-ocidentais. É através de um discurso paternalista e politicamente equivocado que se tem construído, segundo a autora, a figura vitimizada da “mulher do Terceiro Mundo”.

E é no mesmo sentido que intelectuais do “norte” têm se posicionado a favor de uma desconstrução desse olhar eurocêntrico que, segundo Catarina Martins,

(...) incide não sobre mulheres com as suas experiências diversificadas em contextos muito heterogêneos e singulares, mas primordialmente como uma visão das “Mulheres dos Outros”, ou seja, mulheres aprisionadas pela cultura a que pertencem e que se impõe sobre elas de um modo invariavelmente mais determinante e coercivo do que acontece no Norte, através da opressão masculina entendida como marca própria dessa cultura (MARTINS, 2016, p. 253).

De fato, ao examinar os modos de representação das mulheres africanas pelos discursos do Ocidente, não é difícil percebermos discursos que ainda hoje reproduzem o modelo colonial, reduzindo e essencializando a ‘mulher africana’ como figura exótica em sua diferença, passiva e inerte diante de sua condição de vítima de sua própria cultura. Embora desde os anos 1980, como sustenta Martins (2016), possamos encontrar uma produção feminista por parte de autoras africanas que denunciam e se contrapõem às visões feministas eurocêtricas sobre suas experiências, essa produção ainda é pouco conhecida pelos meios intelectuais ocidentais.

Enfim, é a partir do desejo de uma aproximação ao discurso dessa alteridade radical em que se constitui a escritora africana – alteridade como mulher dentro de culturas patriarcais, como sujeito (pós)-colonial diante de perspectivas epistemológicas

que invisibilizaram os ‘outros’, situados para além da linha abissal, como propõe Boaventura de Sousa Santos (2010), como sujeito feminino subalterno sem voz nos discursos pós-coloniais, como sugere Gayatri Spivak (2010), e por fim, como ‘mulher dos outros’ (como sugere Catarina Martins, 2016), sob o olhar muitas vezes exotizante e vitimizador do feminismo eurocêntrico – que proponho meu olhar para as escritoras africanas de língua portuguesa.

Nesse sentido, investigar a construção de um pensamento feminista ao Sul se vale do conceito de Sul como uma potente metáfora “do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo” (SANTOS, 2007, p. 85), e também como proposta epistemológica. Trata-se de um aprendizado, não só em busca do que se precisa saber, mas também de desaprender. As epistemologias do Sul, em perspectiva feminista, devem conjugar os caminhos percorridos pelos feminismos africanos e os feminismos negros e decoloniais nas Américas, em seu profundo potencial de diálogo e de trocas políticas e epistemológicas. Nesse diálogo subjaz a potência de projetos emancipatórios, os quais se articulam na prática tradutória que caracteriza os estudos feministas na contemporaneidade, em suas múltiplas faces e diversidade de lugares e caminhos, em seu percurso nômade e contestador, descentrado, situado na fronteira e na intersecção.

A fim de propor alguns marcos iniciais daquilo que poderia definir um campo comum de entrelaçamento dos projetos feministas africanos com os feminismos negros e decoloniais das Américas, pontuo brevemente aqui alguns temas a percorrer (na verdade, por ora, apenas dois).

- Colóquio Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Transições (UFF)
- Criação do Grupo de Pesquisa “Perspectivas pós-coloniais: literaturas e culturas em língua portuguesa”, liderado por Silvio Renato Jorge e Renata Flávia da Silva, ambos da UFF, reunindo os trabalhos de diversos pesquisadores brasileiros sobre as literaturas africanas

128 **A reivindicação do feminismo**

Este é um tema bastante controverso dentro do largo espectro de posições assumidas pelas ativistas, intelectuais e escritoras africanas. A fim de exemplificar as controvérsias, cito o exemplo da escritora Paulina Chiziane, que, no início da sua carreira afirmava-se feminista, e depois recusou o conceito. Buscando mais elementos que nos permitam entender a complexa relação de Paulina Chiziane com o feminismo, permito-me fazer referência a uma entrevista realizada em 2012 no programa “A páginas tantas”, do canal macauense TDM¹²². Como costuma acontecer em muitas oportunidades de diálogo com Chiziane, o entrevistador, Marco Carvalho, inicia suas perguntas com uma questão que já se tornou clássica quando o tema é a obra daquela que é repetidamente afirmada como “a primeira romancista de Moçambique”: “Ser feminina e ser feminista na escrita são coisas iguais ou são coisas diferentes?”. O teor provocativo da pergunta nos remete, já de saída, a um tipo de refutação bastante frequente aos temas feministas, levando escritoras e outras figuras femininas a terem de se “explicar” como mulheres que escrevem ou atuam em fóruns públicos, como se sua manifestação precisasse ser justificada, ou ‘depurada’ de sua semelhança com as causas feministas. Em tal procedimento discursivo, o feminismo é erigido reiteradamente como uma radicalidade embaraçosa, a ser afastada e negada. Na entrevista a que me referi, Paulina Chiziane contorna a provocação, marcando seus afastamento não em relação ao feminismo, mas sim em relação a um determinado projeto feminista, histórica e geograficamente situado; ou seja, afirmando-se simultaneamente ‘feminina’ e feminista, mas, como uma mulher moçambicana, distante do feminismo europeu, como podemos depreender de sua resposta, que transcrevo abaixo:

122 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA>

2018

Apresentação da linha de pesquisa “Crítica Feminista e Estudos de Gênero” no evento de abertura do semestre 2018.2 promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, “Dialogando com as linhas do PPGLit” (slides criados por Marcio Markendorf e Rosana Kamita)

Crítica feminista
e estudos de gênero

Programa de Pós-graduação em Literatura



Uma coisa é ser feminina; outra coisa é ser feminista. Olha que os homens podem ser feministas. E acho que Jesus Cristo foi um dos primeiros feministas no mundo, quando, numa ocasião, ele disse, às pessoas que queriam apedrejar uma mulher: “Aquele que não cometeu nenhum pecado, que atire a primeira pedra”. Então, é um homem que é feminista. Agora, eu sou feminina, sou uma mulher, a minha história é igual à história de muitas mulheres, isto é, quando eu cresci, vivi sempre do lado das outras mulheres, mais velhas, e as minhas amigas, porque não me era permitido um mundo de mistura com o masculino. Quando fui pra escola, fui pra escola feminina, quando me casei, fui pra cozinha, então tudo que eu sei na vida é somente a vida das mulheres. Eu, quando escrevo, escrevo a condição da mulher, sim, mas não no feminismo tradicional, europeu, nada disso. Eu conto histórias de mulheres porque sou mulher, pronto, só isso. É a única coisa que eu sei.¹²³

Sua resposta, como vemos, recoloca o feminismo dentro de um lugar de grande significado, trazendo-o ao centro da cena social e literária, sem contudo deixar de estabelecer as diferenças inerentes aos processos que o engendram em lugares e tempos diversos. Ao reivindicar para si e para todas as mulheres o amparo existencial e político que lhes concede o feminismo, ela recorda a seus ouvintes (e leitores) aquilo que para muitos é óbvio: que vivemos num mundo em que desigualdades entre homens e mulheres persistem, e que ser feminista é lutar contra tais desigualdades, em todos os âmbitos de nossas vidas. Num mundo onde desigualdades de gênero se perpetuam e reinventam; onde ocorrem, com inusitada frequência, retrocessos em conquistas históricas dos movimentos sociais e particularmente das mulheres; onde atos de violência civil e governamentais atentam contra os princípios de direitos humanos, em nome de uma suposta moralidade que nada mais

123 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA>. Acesso em 30.08.2018.



130 faz do que reafirmar um modelo único e hegemônico de autoridade masculina e patriarcal, enfim, nesse mundo, de fato, o feminismo parece ainda ser necessário, e a afirmação de sua existência, por uma escritora como Paulina Chiziane, recoloca-o na ordem do dia, o faz retornar como reflexão urgente e atual. Entretanto, é preciso enfrentar as contradições e perceber a grande diversidade de pontos de vista sobre aquilo que pode ser definido, de forma genérica e possivelmente redutora, como um pensamento feminista africano.

Em meio a tal diversidade, parece-me que posições como a de Amina Mama merecem destaque. A autora reivindica que o feminismo foi construído em via de mão dupla, ou seja, não apenas as africanas ‘importaram’ demandas e temas europeus e norte-americanos ao construir suas concepções de feminismo, mas o contrário também pode ser pensado, se considerarmos que, tal como tantos outros saberes, as pautas feministas desde muito cedo viajaram pelo mundo, em diversas direções. Segundo a autora, também as feministas europeias podem ter buscado em contextos africanos alguns modelos alternativos ao patriarcado ocidental.

Os constantes ataques contra as “feministas brancas” não têm hoje a mesma relevância estratégica que poderiam ter há vinte anos atrás, quando vinculamos o feminismo à análise antirracista. De lá para cá, muitas ocidentais não só têm escutado as críticas que lhes fizemos, tanto às africanas quanto às chamadas “feministas do terceiro mundo”, como têm também reconsiderado seus primeiros paradigmas simplistas e vêm propondo teorias mais complexas. O feminismo pós-colonial deve muito às pensadoras africanas, asiáticas e latino-americanas. As feministas ocidentais estão de acordo com muito do que lhes dissemos sobre as diversas mulheres oprimidas de várias maneiras, e da importância da classe, da raça e da cultura para estabelecer relações de gênero. Tendo ganho a batalha, por que abandonar a luta, deixando o território semân-

2018



Claudia Junqueira de Lima Costa

Graduação em Filosofia e Teorias da Comunicação pela Michigan State University, Mestrado em Teorias da Comunicação pela mesma instituição, Doutorado em Cultural Studies pela University of Illinois em Urbana e Pós-doutorado na University of California, Santa Cruz e na University of Massachusetts, Amherst.

Professora Associada do DLLV/UFSC
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D

Teorias feministas
Tradução cultural
Teorias pós-coloniais e descoloniais nas Américas



Lourdes Martínez-Echazábal

Mestrado em História e Doutorado em Literatura Latino-americana pela Universidade da Califórnia, San Diego.

Professora associada da Universidade da Califórnia.
Professora visitante do programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC

Literaturas latino-americana e caribenha
Literatura afro-latino-americana
Culturas e sociedades
Literatura brasileira
Teoria de crítica racial.



tico para outras, e buscando para nós mesmas uma nova palavra? (LAGARRIGA, 2013, p. 14-15)¹²⁴

131

Com sua reflexão, Amina Mama defende em entrevista a Elaine Salo que o feminismo seja constantemente reivindicado pelas ativistas e intelectuais africanas, como conquista e construção também sua, embora muitas vezes seu significado deva ser interpretado à luz de outros paradigmas, diferentes daqueles veiculados por autoras ocidentais.

Corpos negros, a herança colonial, a proposta decolonial e os feminismos:

As questões raciais que se mostram ainda tão vívidas, na esteira de uma história colonial que se deseja superar, podem ser compreendidas através da perspectiva da colonialidade de poder (QUIJANO, 2010). Tomando esse conceito como referência, Maria Lugones (2008) afirma que a colonialidade, cujo nascimento se acha estreitamente ligado ao colonialismo, estende e prolonga seus efeitos. Tais efeitos não se restringem às questões raciais, mas permeiam, segundo a autora, “todo o controle do sexo, a subjetividade, a autoridade e o trabalho” (LUGONES, 2008, p. 20-21). Walter Mignolo (2008), dialogando com as reflexões de Lugones (2008), assinala que o processo colonial esteve ancorado sobre dois vetores fundamentais, que foram o patriarcado e o racismo (MIGNOLO, 2008, p. 9). Se pensarmos em termos das permanências da matriz colonial, encontramos no pensamento feminista decolonial a ideia da interseccionalidade, que compreende que as categorias de gênero e raça se entrelaçam inextricavelmente na constituição do que Maria Lugones chama o ‘sistema moderno-colonial de gênero’ (LUGONES, 2008, p. 16). É necessário que se proponha uma política de leitura descolonial, que leve em con-

124 Minha tradução.



Marcio Markendorf

Graduação em Letras pela UFMS e Doutorado Direto em Teoria da Literatura pela UFSC.

Professor adjunto do ART/UFSC

Ficção contemporânea
Narrativa e mídias políticas
Estudos de Cinema e Literatura
Estudos de gênero e Teoria queer



Rosana Cássia Kamita

Graduação em Letras pela UEL, Mestrado em Letras pela mesma instituição, Doutorado em Literatura pela UFSC e Pós-Doutorado pela Universidade do Porto.

Professora associada do DLLV/UFSC
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

Estudos feministas
Literatura e mulher
Literatura brasileira contemporânea

2018

ta a tarefa de examinar os modos como se tramam as relações de poder na esteira das histórias coloniais. De que modo podem as teorias feministas contribuir para que essa tarefa seja realizada? Num esforço para responder a essa e outras questões, é preciso colocar em diálogo os sistemas culturais africanos (e aqui, o termo é intencionalmente amplo) e latino-americanos, com o intuito de rastrear alguns modos através dos quais a interseccionalidade entre gênero e raça se faz ali presente. Para usar o exemplo do caso brasileiro, autoras precursoras da discussão sobre a negritude no Brasil, como Lélia Gonzalez (*apud* CARDOSO, 2014), já identificavam, desde os anos 1980, a necessidade de se considerar as reivindicações e experiências históricas comuns de povos ameríndios e africanos, reportando-se a uma América menos “latina”, uma “América Ladina”, como propunha a autora (*apud* CARDOSO, 2014), antecipando em algumas décadas o que hoje se discute amplamente nos debates sobre o decolonial nas Américas.

Com escasso acesso ao ambiente acadêmico, mas fortemente vinculadas aos movimentos sociais, as feministas negras brasileiras tiveram que percorrer um caminho muito particular, de afirmação de sua presença em espaços onde não eram percebidas, além de se contrapor a algumas construções discursivas de grande poder em nossa cultura, tais como o mito da mestiçagem como fator de democracia racial e o elogio da mulata como elemento simbólico da “cordialidade”, sexual e racial, sobre a qual se assentam tais discursos. No esforço para desconstruir essas verdadeiras “fortalezas” discursivas de nossa cultura, é necessário empreender uma reflexão sobre o pensamento lusotropicalista de Gilberto Freyre, assentado sobre a metáfora central do corpo da mulher negra, como destacou Ria Lemaire (2000). Essa metáfora sintetiza o encontro inter-racial entre o português e seus “outros” – aqui representados, muito especialmente, pela figura da mulher escrava, cujo corpo foi “gostosamente”



Simone Pereira Schmidt

Graduação em Letras pela PUC-RS, Mestrado em Literatura Brasileira pela UFRGS, Doutorado em Teoria Literária pela PUC-RS e Pós-doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense.

Professora associada do DLLV/UFSC
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

Estudos feministas
Estudos pós-coloniais
Narrativas contemporâneas



Tânia Regina de Oliveira Ramos

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado e doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-RJ.

Professora titular do DLLV/UFSC

História e Memória
Escritas de si
Estudos de gênero
Literatura brasileira contemporânea

apropriado pelo senhor da casa grande em terras brasileiras. O modo como Freyre (2006) interpreta o papel deste encontro sexual e inter-racial na formação da cultura brasileira suscitou, como sabemos, intenso debate, que está longe de se esgotar. No entanto, não é minha intenção desenvolver aqui este debate. O que pretendo enfatizar é a centralidade da metáfora contida no encontro entre o senhor e a mulher escrava, a qual se atualiza constantemente em sociedades que vivenciaram o processo colonial, tão fortemente marcado por desigualdades raciais e de gênero, e tão impregnado de discursos de acobertamento ideológico de tais desigualdades.

Sueli Carneiro se destaca como uma das intelectuais negras que se dedicaram a mostrar a importância de se articular gênero e raça na produção de um pensamento feminista contemporâneo no Brasil. A autora evoca, com base em Lélia Gonzalez, “toda uma história de resistências e de lutas”, em que as mulheres negras têm sido protagonistas “graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral” (CARNEIRO, 2002, p. 191). Essa história, tornada invisível nos processos de canonização letrada da historiografia brasileira, omite, segundo Sueli Carneiro (2002), a centralidade da questão racial nas hierarquias de gênero presentes em nossa sociedade, assim como universaliza valores de uma cultura particular (ocidental e burguesa) para o conjunto das mulheres – sem levar em conta os aspectos de dominação e violência que historicamente caracterizaram as relações entre brancos e não brancos.

Assim, partindo da compreensão de que os feminismos lançam uma luz sobre os estudos pós-coloniais no sentido de ajudar a perceber as intersecções existentes entre gênero e raça na experiência colonial e em seus desdobramentos em termos de uma colonialidade do poder, devemos investigar os modos de articulação dessas duas categorias tão vivamente presentes nas histórias coloniais e pós-coloniais

Projetos de pesquisa em andamento

É preciso saber o que elas dizem – Tânia Regina Oliveira Ramos
 Ficções da peste: corpo, ciência, arte e política – Marcio Markendorf
 Intesexualidades – Simone Pereira Schindt
 O Sublime Feminista: Escritoras Brasileiras do Século XXI – Rosana Cassia Kamita
 Escritoras africanas e a construção de um pensamento ao Sul – Simone Pereira Schindt
 Mapas de memória: corpos e territórios na escrita de autoria feminina africana de língua portuguesa – Simone Pereira Schindt
 Tradução, equivocação e interseccionalidade performativa: Feminismos de(s)coloniais nas Américas – Claudia Junqueira de Lima Costa



134 sobre as quais se constroem os sistemas culturais de países como os africanos e os latino-americanos. Tratam-se de sistemas culturais que compartilham, ainda que em sentidos muito diversos, específicas injunções de gênero e raça ligadas às suas histórias coloniais-patriarcais-escravocratas.

O pacto de auto-representação assumido pelas escritoras é determinante nesse sentido: a escrita, como afirmou Donna Haraway (1994, p. 275), é um jogo mortalmente sério, porque o que está em questão é justamente a possibilidade (ou a negação) da representação. Por isso, como afirma Haraway, “as disputas envolvendo os diversos significados atribuídos à escritura representam uma forma fundamental de luta política contemporânea” (1994, p. 275). A quem se representa, e como se representa são, portanto, questões cruciais para o discurso literário. No círculo de Narciso do pensamento colonial a que ainda estamos presos, em maior ou menor medida, não há lugar para o Outro, só para a repetição do mesmo. O ego colonial segue sendo a medida única, e romper com este círculo significa poder alcançar o direito de se representar, sem ser mero reflexo dos desejos de Narciso, e tampouco sem ser o duplo maldito através do qual ele segue se afirmando como único. Por isso no poema “While I write” encontramos a voz da escritora afro-portuguesa Grada Kilomba a enunciar:

Enquanto eu escrevo eu não sou o Outro, mas o eu
Não o objeto, mas o sujeito
(...)
Eu me torno a autora e a autoridade
Da minha própria história
Eu me torno a absoluta oposição
Do que o projeto colonial havia predeterminado
Eu me torno eu.¹²⁵

125 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>. Acesso em 20.08.2018.



Entre tempos

*lembra o tempo
em que você sentia
e sentir
era a forma mais sábia
de saber
e você nem sabia?*

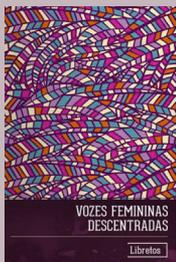
(Alice Ruiz)

Chegando ao fim do meu longo relato, desta tentativa de “contar uma vida” aos pedaços e aos saltos, lembro-me de palavras onde busco, às vezes, uma certa calma que me falta. Recorro alguns dias às palavras da Monja Cohen, em pequenas doses de sabedoria budista. Especialmente me lembro agora de uma fala sua em que interpela seus ouvinte com uma pergunta provocadora: “O que te motiva a acordar todos os dias?”¹²⁶

Tentando respostas para perguntas dessa natureza, ocorre-me refletir sobre o que dá verdadeiro sentido à minha vida. E novamente desfilam diante de meus olhos algumas cenas e personagens, dentre as muitas que enumerei neste memorial. Afirmo com segurança que o Núcleo Literatual (Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade), com sua força e sua determinação em propor uma visão de mundo, de sociedade e uma forma de intervenção na prática acadêmica, além de uma convivência solidária, tem sido uma referência importante em meu trabalho, e por essa fraterna convivência sou grata aos meus colegas Jair Zandoná, Marcio Markendorf, Rosana Kamita e, mais recentemente, Claudia de Lima Costa. Além disso, o Instituto de Estudos de Gênero, com suas inúmeras atividades, que se desdobram e atingem um incrível número de pessoas, através de cursos, eventos, a *Revista Estudos Feministas*, o Seminário Internacional Fazendo Gênero, o Espaço Cultural Gênero e Diversidades¹²⁷, representa

126 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vKScBbQA9Bk>. Acesso em 5.11.2018.

127 Criado em 2018 e vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG), em parceria com a SAAD (Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades) e SeCARTE (Secretaria de Cultura e Artes), todos da UFSC, o Espaço Cultural Gênero e Diversidades se dedica a incentivar a produção, a difusão, preservação e circulação de trabalhos artístico-culturais com abordagem em gênero e diversidades; além disso, se propõe a incentivar a participação de um amplo público acadêmico, dos movimentos sociais e da comunidade artístico-cultural em debates e produção de bens culturais. Desde sua criação, desempenha a função de coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidades.



SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcl/catalog/book/8>

SCHMIDT, Simone P. (org.). “Mulheres africanas (e afrodescendentes) na diáspora: violência e (não) pertencimento”. In: SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. p. 59-74. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcl/catalog/book/8>

140 um sólido espaço coletivo de produção de saberes e de práticas políticas que se entrelaçam ao meu trabalho acadêmico. Em plano nacional e internacional, não posso deixar de nomear o GT Mulher e Literatura, por tudo que representa em minha vida pessoal e em minha carreira, assim como o Grupo de Pesquisa “África, Brasil e Portugal: interlocuções literárias” (recentemente reformulado e renovado, passando a integrar novos membros e se intitulado agora “Perspectivas pós-coloniais: literaturas e culturas em língua portuguesa”, sob coordenação de Silvano Renato Jorge e Flávia Renata da Silva, ambos da UFF), pela solidariedade que nos une e solidifica nossas intervenções acadêmicas há muitos anos, e, por fim, o Grupo Internacional de Pesquisa *Intersexualidades* que, sob a coordenação de Ana Luísa Amaral (Universidade do Porto), reúne pesquisadores de várias partes do mundo, com interesses comuns em gênero, corpo, sexualidade, e cujos encontros são pautados pela riqueza dos debates e pela fraternidade entre seus integrantes. E sob todas as coisas, o trabalho cotidiano, aquele que sustenta os dias e dá sentido a todas as realizações: as aulas na Graduação em Letras-Português, os cursos na Pós-Graduação em Literatura, os alunos, os orientandos... tantos anos, tantas alunas e alunos... 14 teses orientadas, quatro em andamento, 19 dissertações concluídas, quatro em andamento, seis coorientações de pós-doutorado, doutorado, mestrado e Trabalho de Conclusão de Curso, uma supervisão de pós-doutorado, seis trabalhos de conclusão de curso em Letras, quatro orientações de iniciação científica, três bolsistas de extensão, três orientações de monitoria... no total, 62 pessoas trabalharam (ou ainda trabalham) comigo, confiando em meus ensinamentos, entregando-me seu desejo de saber ²²⁰. Como não ser grata, profundamente grata, pelo que esta carreira me proporcionou, mais do que tudo, em termos humanos?

2019

■ 25 anos de trabalho na UFSC



Ao iniciar este texto, encontrei-me numa espécie de “estado de graça” ao me deparar com tantas ricas memórias, com uma vida que me dá tanto prazer reviver nesta escrita. Entretanto, nesse meio tempo, aconteceram as eleições presidenciais, e o medo encheu nossas vidas, e o desânimo tomou conta de nós. Concluir o que tinha iniciado foi, assim, um ato de pura resistência, de garra de contar e contar, por insistência, por desejo de valorizar os temas que nortearam minha vida – o ensino, o feminismo, o anti-racismo, os direitos humanos – e que neste momento histórico se encontram ameaçados. O passado é tão rico, o futuro é assustador. Que os deuses todos protejam o Brasil.

Chego ao fim deste memorial com uma saudação às minhas figuras tutelares, que insistentemente convoquei em minha memória. Minha mãe Nage, minha avó Lourdes, minhas tias Nice e Tanira, Zahidé Lupinacci Muzart, Susana Borneo Funck, Maria Luíza Remédios, Laura Cavalcante Padilha, Tânia Mascarello (a quem devo muito do que disse neste memorial, e o próprio gesto de escrevê-lo), essa teia de mulheres que me ampara. Algumas delas já se foram, mas todas vivem inteiras dentro de mim. A elas dedico o melhor do que sou, minha gratidão e meu reconhecimento. Quanto ao futuro, eu agradeço à vida por materializar o porvir em sua forma mais bela e verdadeira, que são minhas filhas, Clara e Cecília, duas grandes jovens mulheres, plenas de lindos valores humanos. Ao lado delas, minha esperança renasce, e cresce...



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 145

AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. 6.ed. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. Coimbra: Centelha, 1974.

_____. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano, 1982.

ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ANTUNES, António Lobo. *O esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 2 v.

BENJAMIN, Walter. "Teses sobre o conceito de História". Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BENKO, Georges. "Geografia de lugar nenhum ou hiperglobalização. Breve exame do mundo pós-moderno". In: SANTOS, Milton et al (Orgs). *Território: globalização e fragmentação*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. p. 247-250.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, Isabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia L.; ACIOLI, Ana C. (orgs.). *Traduções da cultura; perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

CARDOSO, Cláudia Pons. "Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22. n. 3, p. 965-986, set-dez. 2014.

CARNEIRO, Sueli. (2001), "Ennegrecer el feminismo". Disponível em: www.mujiresdelsur.org/portal/images/descargas/ennegrecer%20el%20feminismo_sueli%20carneiro.pdf.

_____. "Gênero e raça". In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, editora 34, 2002. p. 166-193.

CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Editora da UFAL, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1: Artes de fazer. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Lisboa: Caminho, 2003.

146 _____. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

COSTA, Claudia L.; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

COUTO, Mia *Venenos de deus, remédios do Diabo*; as incuráveis vidas de Vila Cacimba. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo A.; BEZERRA, Kátia C. (orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 1.

Duarte, Constância Lima; DUARTE, Eduardo A. (orgs.). *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 2.

Duarte, Constância Lima; FANTINI, Marli S. (orgs.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 3.

Duarte, Constância Lima; GAZZOLA, Ana Lúcia A.; ALMEIDA, Sandra R. G. (orgs.). *Gênero e representação em literaturas de língua inglesa*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 4.

Duarte, Constância Lima; RAVETTI, Graciela; ALEXANDRE, Marco Antônio (orgs.). *Gênero e representação em literaturas de línguas românicas*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 5.

FERNANDES, Maria Celestina. *Os panos brancos*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2004.

FERREIRA, Ana Paula. "Para a re-inscrição das estórias do gênero no romance português contemporâneo" (Resenha do livro: SCHMIDT, Simone Pereira. *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2000). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 301-303, 2001.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 6.ed. Rev. aum. Lisboa: Caminho, 2015.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2005.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GROSS, Elizabeth. "Qué es la teoría feminista?". Trad. Monica Mansur. *Debate Feminista*, México, p. 85-105, 1996.

GROSZ, Elizabeth. "Corpos reconfigurados". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 14 (Corporificando o gênero), p. 45-86, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARAWAY, Donna. "Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288.

HEILBORN, Maria Luiza. "Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil". In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

JORGE, Lídia. *A costa dos murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

KAMITA, Rosana C.; FONTES, Luísa C.S. (orgs.). *Mulher e Literatura: vozes consequentes*. Florianópolis: Mulheres, 2015.

KASEMBE, Dya e CHIZIANE, Paulina (orgs.). *O livro da paz da mulher angolana; as heroínas sem nome*. Luanda: Nzila, 2008.

LAGARRIGA, Didac P. (org.). *Africana: aportaciones para la descolonización del feminismo (selección de entrevistas)*. Barcelona: Oozebap, 2013.

LAURETIS, Teresa de. "A Tecnologia do Gênero." Tradução de Susana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEMAIRE, Ria. "Metaforizar, des-metaforizar, re-metaforizar: qual é a verdade que (não) se quer revelar? O caso de Casa Grande e Senzala". *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, Roma, v. 2, p. 125-137, 2000.

LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

LUGONES, María. "Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial". In: MIGNOLO, Walter (org.). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires; Del Signo, 2008. p. 13-54.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.). *Dicionário da crítica feminista*.

Porto: Afrontamento, 2005.

MARTINS, Catarina. "Nós e as mulheres dos Outros. Feminismos entre o Norte e a

África". In: *Geometrias da memória; configurações pós-coloniais*. Porto: Afrontamento, 2016. p. 251-257.

148 MIGNOLO, Walter D. *Local histories/global designs; coloniality, subaltern knowledges and border thinking*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2000.

_____. (org.). *Gênero y descolonialidad*. Buenos Aires; Del Signo, 2008.

_____. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF, Dossiê Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOHANTY, Chandra Talpade. “Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses”. In: LEWIS, Reina e MILLS, Sara (eds.). *Feminist postcolonial theory; a reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003. p. 49-74.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Apresentação”. In: *Anais do Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Florianópolis, UFSC; Ponta Grossa: UEPG, 1996.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto 10. História, Revista do Programa de Estudos da Pós-Graduação em História e do Depto. de História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ONDJAKI. *Quantas madrugadas tem a noite*. Lisboa: Caminho, 2004.

PADILHA, Laura Cavalcante. “Prefácio”. In: SCHMIDT, Simone P. *Gênero e história no romance português; novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PEPETELA, *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.

PRATT, Mary Louise. “A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco” . *Travessia* (UFSC), Florianópolis, v. 1. N.37. p. 7-29, jan-jun 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru-SP: Edusc, 1999.

QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RESENDE, Fernando. “Espaços parciais, espaços de resistência; relatos e conflito no cenário contemporâneo”. In: MARGATO, Izabel e GOMES, Renato Cordeiro (orgs.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 141-161.

RIBEIRO, Margarida Calafate. “Outros poderes, outros conhecimentos - Ana Paula Tavares responde a Luís de Camões”. *Gragoatá*, Niterói, n. 24, p. 89-100, 2008.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: FCE, 2004.

RODRIGUES, Deolinda. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003.

149

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

____. "Representar al colonizado". In: STEPHAN, Beatriz González (comp.). *Cultura y tercer mundo*. Vol. I: Cambios en el saber académico. Caracas: Nueva Sociedad, 1996.

____. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

____. Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene e RIBEIRO, António Sousa (orgs.). *Entre ser e estar; raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Afrontamento, 2001. p. 23-85.

____. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". *Novos Estudos CEBRAP*, n. 79, p. 71-94, 2007.

____. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *OSAL : Observatorio Social de América Latina*, año 6 n. 16, jun. 2005. Buenos Aires : CLACSO, 2005 (ISSN 1515-3282) . Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em 10.12.2014.

____. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008

SEMEDO, Odete. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SHOHAT, Ella. "Feminismo fora do centro" (entrevista concedida a Sônia Maluf e Cláudia Lima Costa). *Revista Estudos Feministas*, vol. 9, n.1, 2001. p. 147-163.

SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. (MENDONÇA, Fátima; NOA, Francisco; SAÚTE, Nelson, orgs.). Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra R.G. Almeida e Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura - 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

TAVARES, Ana Paula. *A cabeça de Salomé (crônicas)*. Lisboa: Caminho, 2004.

150 TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos* (poesia reunida). Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

VIEIRA, Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZINANI, Cecil J.A.; SANTOS, Salete R.P. (orgs.). *Trajetórias de literatura e gênero; territórios reinventados*. Caxias do Sul: EDUCS, 2016.

REFERÊNCIAS DAS MINHAS PUBLICAÇÕES CITADAS NO MEMORIAL

SCHMIDT, Simone P. “Borges e Pessoa, uma perspectiva de comparação”. In: ____; BELLINE, Ana H. C.; GONÇALVES, Adeldo. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1986.

SCHMIDT, Simone P. “A Ambiguidade de Fraulein em *Amar, Verbo Intransitivo*”. *Revista ARCA*, v. 1, n.1, p. 45-52, 1993

____. “*No meu caso, o alvo é Deus: paródia e humanismo no Evangelho de Saramago*”. *Discursos; estudos de língua e cultura portuguesa*, n. 7, maio 1994. p. 63-79.

SCHMIDT, Simone P.; BARBOSA, Márcia H.S. (orgs.). *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura - Unidade Editorial, 1997.

SCHMIDT, Simone P.; BARBOSA, Márcia H.S. “Para amadores de poesia”. *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura - Unidade Editorial, 1997. P. 3-4.

SCHMIDT, Simone P. “A cidade por detrás da vidraça”. *Cadernos Porto & Vírgula*, nº 14: Mario Quintana. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura - Unidade Editorial, 1997. P. 61-64.

SCHMIDT, Simone P. “Rastros íntimos de uma vida pública: a correspondência de Mario Quintana e o dilema público/privado nas mãos do pesquisador”. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, vol. 4, n.1, out 1998. - Anais do 3º Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros (Org. Maria da Glória Bordini). p. 31-35.

____. “*Amar, Verbo Intransitivo e o Mito de Tristão e Isolda*”. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, p. 71-80, 1999.

____. *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

____. “Lá e cá: sujeitos fora do eixo”. In: DUARTE, Constância L; SCARPELLI, Marli F. (orgs). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários UFMG, 2002. Coleção *Mulher e Literatura*, vol. 3. p. 48-57.

____. (orelhas) In: SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

COSTA, Claudia L; SCHMIDT, Simone P.(orgs). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004

SCHMIDT, Simone P. “Com o exílio na pele”. In: COSTA, Claudia L; SCHMIDT, Simone P. (orgs). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004. P. 197-206

____. “Mario Quintana e a difícil arte de ser ‘menor’”. *Ciências e Letras*; Revista da Faculdade Porto-Alegrense de educação, Ciências e Letras, nº 39, p. 65-71, jan-jun. 2006.

____. “Navegando no Atlântico Pardo ou a lusofonia reinventada”. *Crítica Cultural*, v.1, n.2, jul-dez 2006. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CriticaCultural/article/view/94/104>

____. Desmundo, desmando, desencanto. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA; Ana C.; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 263-271.

____. “Desmundo, desmando, desencanto”. In: *P: Portuguese Cultural Studies*. Utrecht, v. 1. p. 98-102, spring 2007. Disponível em: <http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/pvolumeonepapers/p1schmidt.pdf>

____. “Tristão e Isolda: uma história de amor e de morte”. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, v. 42, p. 173-188, 2007.

____. “Oropa, França e Bahia ou quando as madames viajam”. *Revista Uniletras* (UEPG), Ponta Grossa-PR, n.29, p. 7-15, dez.2007.

____. “A Seção Debates em revista: práticas feministas de tradução” *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n.1, p. 117-122, jan-abr. 2008.

COSTA, Claudia L.; SCHMIDT, Simone P. (orgs.). “Contando estórias feministas” (Seção Temática). *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n.1, p. 207-263, jan-abr. 2009.

____. “Simone Schmidt” (Entrevista concedida a Isabel Lousada). *Faces de Eva*; estudos sobre a mulher, Lisboa, n. 21, p. 159-169, 2009.

____. “Cravo, canela, bala e favela”. *Revista Estudos Feministas* (UFSC), Florianópolis, v. 17, n.3, p. 799-817, set-dez. 2009.

____. (orelhas). In: FLORES, Conceição; DUARTE, Constância L.; MOREIRA, Zenóbia C. *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

____. “Longa vida ao trabalho contra a morte e o esquecimento”. In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2009. vol III. p. 13-17.

____. “Onde está o sujeito pós-colonial? (algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana)”. *Revista Abril* (UFF), Niterói, v. 2, n. 2, p. 136-147, abr. 2009.

____. “O desencanto das mulheres-sós: Lisboa e Paris não te amam”. *Terceira Margem* (UFRJ), Rio de Janeiro, ano XIII, n. 20, p. 230-243, jan-jul. 2009.

____. “Viagens fora da minha terra: trânsitos coloniais sob a perspectiva das mulheres”. In: GONÇALVES, Ana B; CARRIZO, Silvina L.; LAGE, Verônica L.C. (orgs.). *Literatura, crítica e cultura III*; interfaces. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 183-193.

____. “Mulheres e memória da guerra nas crônicas de Ana Paula Tavares”. *Mulemba* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 2, n.2. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4683>

____. “De volta para casa ou o caminho sem volta em Marilene Felinto e Conceição Evaristo”. In: Regina Dalcastagnè; Virgínia Maria Vasconcelos Leal. (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 23-31.

____. “Exílio e experiência feminina”. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SALGADO, M. Teresa; JORGE, Silvio Renato. (Org.). *África, escritas literárias*. Rio de Janeiro-Brasil/ Angola: Editora UFRJ / União dos Escritores Angolanos, 2010. p. 199-206.

____. “Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino”. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SEPÚLVEDA, M. Carmo; SALGADO, M. Teresa. (Org.). *África & Brasil: letras em laços* vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010. v. 2. p. 317-329.

SCHMIDT, Simone P.; ROSSI, Vânia M. “Caminhos de um (des)encontro: gênero e raça em revistas acadêmicas feministas brasileiras”. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura - 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 209-235.

SCHMIDT, Simone P. “A profunda vinculação com a experiência humana das literaturas africanas” . Entrevista concedida a Cláudio Fortuna. *Revista Buala*, jan. 2012. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-ler/a-profunda-vinculacao-com-a-experiencia-humana-das-literaturas-africanas>

____. “A força das palavras, da memória e da narrativa”. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013. p. 15-23. (Prefácio)

____. “Corpo e terra em *O alegre canto da perdiz*”. In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen L. Tindó (orgs.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013. p. 229-247.

____. “As literaturas africanas vêm conquistando atenção e prestígio crescentes no sistema literário de língua portuguesa” (Entrevista concedida a Cláudio Fortuna). In: FORTUNA, Cláudio. *Reencontros com as literaturas africanas de língua portuguesa* - Michel Laban. Brasília: Kiron, 2013. P.79-83.

____. “Os desafios da representação: poéticas e políticas de leitura descolonial”. *Via Atlântica*, USP, São Paulo, , vol. 24, p. 229-239, 2013.

____. “Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira”. *Anuário de Literatura*, UFSC, Florianópolis, vol.18, n.esp.,p. 99-114, 2013.

____. “Cravo canela bala e favela: Luso-Afro-Brazilian Feminist Postcolonialities”. In: ALVAREZ, Sonia et al. (eds.). *Translocalities/Translocalidades: feminist politics of translation in the Latin/a Americas*. Durham and London: Duke University Press, 2014. p. 78-94.

____. “História de vida em trânsito: entrevista com Margarida Paredes”. *Contracorrente* (UEA), Manaus, n.5, p. 145-154, maio 2014.

____. “Os corpos das mulheres e a memória colonial”. In: FUNCK, S.B.; MINELLA, L.S.; ASSIS, G.O. (Orgs.). *Linguagens e narrativas; desafios feministas*. Tubarão- SC: Copiart, 2014, p. 267-280.

____. “Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais”. In: KAMITA, Rosana C.; FONTES, Luísa C. (orgs.). *Mulher e literatura: vozes consequentes*. Florianópolis: Mulheres, 2015. p. 481-497.

____. “O feminismo, ainda”. In: FREITAG, Raquel M. K.; SEVERO, Cristine G. (orgs.). *Mulheres, linguagem e poder; estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 291-303.

____. “A poética de Conceição Lima e sua viagem entre mundos”. *Contracorrente* (UEA), Manaus, n.7, p. 150-157, 2015.

____. “Nos becos da memória, a força da narrativa”. In: DUARTE, Constância L.; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, M. Rosário (orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 101-107.

____. “A guerra segundo as mulheres: por uma visão feminista e pós-colonial dos relatos de guerra em Angola” In: GARCIA, Flavio; MATA, Inocência (orgs.). *Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido* Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 326-338.

____. “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres”. In: ZINANI, Cecil J.A.; SANTOS, Salete R.P. (Org.). *Trajetórias de literatura e gênero*. Caxias do Sul: Educus, 2016, p. 13-24.

____. “Uma viagem longa demais, um retorno devastador”. *Abril* (NEPA-UFF), Niterói, v. 8, n. 16, p. 119-135, 1º semestre, jul. 2016.

____. “De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil”. In: EBLE, Letícia J.; DALCASTAGNÈ, Regina (orgs.). *Literatura e exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 291-298.

____. “Em busca de uma memória (des)colonial: escritoras africanas na zona de contato”. In: SILVA, Renata Flávia da (org.). *Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa*. Niterói: EdUFF, 2017. p. 55-67.

____. “Ser mulher e outras palavras: o conceito de interseccionalidade revisitado por Avtar Brah e Ann Phoenix”. In: BRANDÃO, Isabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia L.; ACIOLI, Ana C. (orgs.). *Traduções da cultura; perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 685-691.

SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilclcd/catalog/book/8>

____. “Mulheres africanas (e afrodescendentes) na diáspora: violência e (não) pertencimento”. In: SCHMIDT, Simone P. (org.). *Vozes femininas descentradas*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa-Universidade do Porto, 2018. Disponível em: <http://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilclcd/catalog/book/8>

